

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM EDUCAÇÃO

MARIA HELENA PEÇANHA MENDES

**A APROPRIAÇÃO DOS TIPOS DE ARGUMENTOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS
DE OPINIÃO POR ALUNOS DA MODALIDADE EAD EM UM ESTUDO
LONGITUDINAL**

Itatiba

2023

MARIA HELENA PEÇANHA MENDES - RA 002201901133

**A APROPRIAÇÃO DOS TIPOS DE ARGUMENTOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS
DE OPINIÃO POR ALUNOS DA MODALIDADE EAD EM UM ESTUDO
LONGITUDINAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de professores, trabalho docente e práticas educativas

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Bueno

Itatiba

2023

37.018.43 Mendes, Maria Helena Peçanha
M492a A apropriação dos tipos de argumentos na
 produção de artigos de opinião por alunos da
 modalidade EaD em um estudo logitudinal / Maria
 Helena Peçanha Mendes. – Itatiba, 2022.
 212 p.

 Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
 Stricto Sensu em Educação da Universidade São
 Francisco.
 Orientação de: Luzia Bueno.

 1. Educação a distância. 2. Comunicação escrita.
 3. Redes digitais de serviços integrados. 4. Análise do
 discurso. I. Bueno, Luzia. II. Título.

MARIA HELENA PEÇANHA MENDES

**A APROPRIAÇÃO DOS TIPOS DE ARGUMENTOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE
OPINIÃO POR ALUNOS DA MODALIDADE EAD EM UM ESTUDO LONGITUDINAL**

Exame de defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de professores, trabalho docente e práticas educativas

Data da apresentação: 21/12/2022

Banca examinadora:

Profa. Dra. Luzia Bueno (Orientadora)

Universidade São Francisco

Profa. Dra. Ana Paula de Freitas (Examinadora)

Universidade São Francisco

Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada (Examinadora)

Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes (Examinadora)

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Profa. Dra. Milena Moretto (Examinadora)

Universidade São Francisco

Dedico este trabalho à minha mãe,
que sonhou comigo os caminhos que meus pés trilham
e a meus filhos, pelos futuros caminhos que seus pés vão trilhar.

AGRADECIMENTOS

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. [...]. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. [...] (Cris Pizzimenti)

À Universidade São Francisco pelo apoio através da bolsa que possibilitou a realização da pesquisa.

À Luzia Bueno, minha querida orientadora, pela parceria em todas as etapas de minha jornada na pesquisa acadêmica, pelo carinho, apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos.

À Eliana Gouvêa Lousada, pelas valorosas contribuições, pelo olhar atento e pela leitura cuidadosa durante todas as etapas de minha pesquisa.

Às Professoras das bancas, Ana Paula de Freitas, Eliane Gouvêa Lousada, Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes, Milena Moreto, Márcia Aparecida Amador Mascia, Ana Elisa Jacob, pela disponibilidade, pela gentileza e pelos conselhos.

Aos professores do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, pelos ensinamentos.

Às quatro alunas participantes da pesquisa, que cederam gentilmente seus textos e um pouco de sua trajetória.

Aos meus alunos, que me fazem acreditar que a educação transforma e querer continuar a fazer isso.

Às minhas coordenadoras, Sônia, Lilian e Ermelinda, por me compreenderem, me respeitarem e por acreditarem em mim.

Aos meus amigos, em especial, Érica, Sérgio, por me incentivarem e por me ouvirem.

Minha mãe (in memoriam), pelo exemplo, pela vida, pelo amor.

Meu pai, por me ensinar a sonhar.

Aos meus irmãos, Paulo e João (Ká), meus parceiros de vida, que sempre acreditaram em mim e nos meus sonhos.

Ao meu marido, Michel, parceiro de tantos anos, pela ajuda, paciência, compreensão, amor, incentivo e apoio.

Aos filhos, Bernardo e Gabriela, por me tornarem mais forte e me fazerem querer sempre ser melhor.

A Deus, pela vida e pela realização de um sonho.

Epígrafe

[...] Ninguém hesitaria na resposta, Sim, mas, ao contrário do que se julga, não são tanto as respostas que me importam, senhor primeiro-ministro, mas as perguntas, obviamente refiro-me às nossas, observe como elas costumam ter, ao mesmo tempo, um objetivo à vista e uma intenção que vai escondida atrás, se as fazemos não é apenas para que nos respondam o que necessitamos que os interpelados escutem da sua própria boca, é também para que se vá preparando o caminho às futuras respostas, [...]

SARAMAGO, José

As intermitências da morte

MENDES, M. H. P. **A apropriação dos tipos de argumentos na produção de artigos de opinião por alunos da modalidade EaD em um estudo longitudinal.** 2023, 212f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar e analisar o processo de apropriação dos tipos de argumentos na produção de textos do gênero artigo de opinião. Nosso trabalho tem caráter longitudinal, pois foram 7 semestres de acompanhamento de 4 estudantes de graduação de Pedagogia, matriculados no componente curricular Temas Atuais e Formação Humana (TAFH), que é ofertado no formato de Educação a Distância em uma universidade privada no interior de São Paulo. Para isso, classificamos os tipos de argumentos expressos nas coletâneas que acompanham as propostas de produção de textos, fizemos um levantamento e estudo posterior quanto aos tipos de argumentos empregados pelos universitários durante o período da pesquisa e investigamos os tipos de intervenção feita pelo docente como corretor e avaliador dos textos no tocante à argumentação. Para isso, recuperamos e examinamos todos os textos que estes estudantes produziram entre o segundo semestre de 2018 e o segundo semestre de 2021, o que somou 21 exemplares do gênero escritos por cada um. O embasamento teórico de toda a pesquisa parte dos conceitos teóricos e metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, (BRONCKART 1999/2007, 2006, 2013, 2017; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004), assim como das questões relacionadas aos estudos do gênero textual em sala de aula e do modelo didático de gênero. Além disso, também nos apoiamos no trabalho de FIORIN (2020) sobre a Argumentação e nas pesquisas sobre Letramento acadêmico (KLEIMAN 2007, 2014; LEA e STREET, 2014) e escrita no ensino superior (CARLINO 2017). Portanto, as análises mostram o processo de apropriação da argumentação de cada um dos estudantes envolvidos e nos fornecem índices linguísticos que nos permitem tecer considerações a respeito do processo individual e do coletivo. Verificamos a presença constante de um tipo de argumento e a mudança no modo de argumentar de cada um, alguns passaram a incorporar padrões de argumentos que se repetiram na coletânea, outros até trouxeram novos tipos que não estavam presentes nas coletâneas. Já as intervenções da docente apontam que nem sempre a preocupação esteve focada no desenvolvimento do foco no desenvolvimento da capacidade argumentativa. Os resultados obtidos auxiliam a compreender melhor o processo de desenvolvimento da argumentação e o planejamento de questões didáticas envolvendo a EaD.

Palavras-chave: Tipos de argumentos, EaD, ISD, artigo de opinião

ABSTRACT

This research aimed to investigate and analyze the process of argument type appropriation in the production of texts of genre opinion articles. Our work has a longitudinal character, as there were 7 semesters of follow-up with 4 undergraduate students of Pedagogy, enrolled in the curricular component Current Affairs and Human Training (TAFH), which is provided as Distance Remote Education at a private university in the interior of São Paulo. For this, we classified the types of arguments expressed in the compilations that follow text production proposals, we carried out a survey and subsequent study regarding the types of arguments used by college students during the research period and investigated the types of interventions made by the professor as a reviewer evaluating the texts in regards of argumentation. For this, we recovered and examined all the texts that these students produced between the second half of 2018 and the second half of 2021, which added up to 21 copies of the genre written by each one. The theoretical basis of the entire research is based on the theoretical and methodological concepts of Sociodiscursive Interactionism, (BRONCKART 1999/2007, 2006, 2013, 2017; SCHNEUWLY and DOLZ, 2004), as well as articles related to studies of the textual genre in the classroom and the didactic model of gender. In addition, we also used the work of FIORIN (2020) on Argumentation and research on academic literacy (KLEIMAN 2007, 2014; LEA and STREET, 2014) and writing in higher education (CARLINO 2017). Therefore, the analysis shows the process of appropriation of the argumentation of each of the students involved and provide us with linguistic signs that allow us to make considerations about the individual and collective process. We verified the constant presence of a type of argument and the change in the way of arguing for each one, some began to incorporate patterns of arguments that were repeated in the compilations, others even brought new types that were not present in the collections. The teacher's interventions point out that the concern was not always focused on the development of focus on the development of argumentative capacity. The results obtained help to better understand the argumentation development process and the planning of didactic questions involving Remote Learning.

Palavras-chave: types of arguments, Distance Remote Education, ISD, Opinion article.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição regional dos grupos que pesquisam EaD no Brasil em %.....60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Organização das atividades do componente curricular durante o semestre.	31
Quadro 2 – Resultado da pesquisa sobre dissertações e teses a partir dos termos “escrita, EaD, argumentação”.	36
Quadro 3 – Resumo da dissertação de Cury (2011).	36
Quadro 4 – Resumo da dissertação de Oliveira (2016).	36
Quadro 5 – Resumo da tese de Sant Anna (2018).	38
Quadro 6 – Resumo da dissertação de Faustino (2019).	39
Quadro 7 – Distribuição regional das instituições com grupos de pesquisa sobre EaD por categoria administrativa nas regiões do Brasil segundo Kenski, Medeiros e Órdeas	61
Quadro 8 – Tipos de sequências/formas de planificação.	81
Quadro 9 - Os argumentos quase lógicos - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020).	83
Quadro 10 - Argumentos fundamentados na estrutura da realidade - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020).	86
Quadro 11 - Argumentos que fundamentam a estrutura real - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020).	88
Quadro 12 - Outras técnicas argumentativas - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020).	90
Quadro 13 - Primeiros alunos matriculados em TAFH.	113
Quadro 14 – Textos realizados pelos estudantes.	112
Quadro 15 - O modelo didático do gênero artigo de opinião da disciplina.	115
Quadro 16 – As coletâneas do TAFH.	118
Quadro 17 – Agrupamento de gêneros apresentados nas coletâneas.	128
Quadro 18: As propostas de produção de texto do TAFH.	131
Quadro 19 – Grade de correção dos textos utilizada para correção das avaliações presenciais em 2018.2, 2019.1, 2019.2.	136
Quadro 20 – Os tipos de argumentos encontrados nos artigos de opinião das coletâneas.	139
Quadro 21 - Tipos de argumento da aluna C.	144
Quadro 22 – O processo de argumentação da aluna C. Os argumentos mais usados	146
Quadro 23 - O processo de argumentação da aluna C. Os argumentos menos usados	149

Quadro 24 – O processo de argumentação aluna C – o recurso de valor.....	150
Quadro 25 – O processo de argumentação aluna C – o recurso de valor 2.....	150
Quadro 26 - Tipo de argumento específico aluna C. Petição de princípio.....	151
Quadro 27 – As intervenções da docente. Aluna C.....	152
Quadro 28 - Exemplos de intervenções da docente. Aluna C.....	152
Quadro 29 - Tipos de argumento da aluna F.....	154
Quadro 30 – O processo de argumentação da aluna F. O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos.....	156
Quadro 31 – O processo de argumentação da aluna F. Os argumentos mais usados.	157
Quadro 32 – O processo de argumentação da aluna F. Os argumentos menos usados	159
Quadro 33 - As intervenções da docente. Aluna F.....	161
Quadro 34 – Exemplos de intervenções da docente. Aluna F.....	162
Quadro 35 - Tipos de argumento da aluna I.....	164
Quadro 36 - O processo de argumentação da aluna I. Os argumentos mais usados	166
Quadro 37 - O processo de argumentação da aluna I. Os argumentos menos usados	168
Quadro 38 - Tipo de argumento específico aluna I. Ainda a distorção do ponto de vista do adversário.....	169
Quadro 39 - As intervenções da docente. Aluna I.....	170
Quadro 40 - Exemplos de intervenções da docente. Aluna I.....	171
Quadro 41 - Tipos de argumento da aluna L.....	172
Quadro 42 – O processo de argumentação da aluna L. Os argumentos mais usados	175
Quadro 43 – O processo de argumentação da aluna L. Os argumentos menos usados	176
Quadro 44 – Tipo de argumento específico aluna L. Autofagia e retorsão.....	177
Quadro 45 - As intervenções da docente. Aluna L.....	177
Quadro 46 – Exemplos de intervenções da docente. Aluna L.....	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de IES por tipo.....	49
Tabela 2 – Número de matrículas na Educação Superior por modalidade (presencial e EaD).....	50
Tabela 3 – Números de polos de EaD por tipo de IES.....	50
Tabela 4 – Número de docentes na Educação Superior no Brasil – presencial e EaD. 51	
Tabela 5 – Conceito ENADE dos cursos avaliados em 2017 por modalidade.....	52
Tabela 6 – Faixa etária de alunos matriculados nas IES da rede privada no ano de 2017.....	55
Tabela 7 - Dados do segundo semestre de 2018.....	111
Tabela 8 – Dados de notas de alunos de 2018.2.....	a de
Tabela 9 – Dados de notas de alunos de 2019.1.....	a de
Tabela 10 – Dados de notas de alunos de 2019.2.....	a de
Tabela 11 – Dados de notas de alunos de 2020.1.....	a de
Tabela 12 – Dados de notas de alunos de 2020.2.....	a de
Tabela 13 – Dados de notas de alunos de 2021.1.....	a de
Tabela 14 – Dados de notas de alunos de 2021.2.....	a de
Tabela 15 – Notas dos artigos produzidos pelo aluno C.....	143
Tabela 16 - Notas dos artigos produzidos pelo aluno F.....	154
Tabela 17 - Notas dos artigos produzidos pelo aluno I.....	163
Tabela 18 - Notas dos artigos produzidos pelo aluno L.....	172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Layout do resultado da pesquisa na BDTD.....	35
Figura 2 – Layout do resultado da pesquisa na plataforma Scielo.....	41
Figura 3 – As condições de produção de um novo texto.....	74
Figura 4 – Síntese do modelo de análise do ISD.....	73
Figura 5 – Os três níveis da Arquitetura Textual.....	77
Figura 6 – Os tipos de discurso.....	78
Figura 7 – Modelo didático do gênero e suas dimensões ensináveis.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABT - Associação Brasileira de Teleducação

ALTER-AGE - Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações/
Aprendizagem, Gêneros e Ensino

ALTER-LEGE - Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações: Letramento,
Gêneros Textuais e Ensino

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DGP – Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq

EaD – Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENADE - O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IES - Instituições de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

MDG – Modelo didático do gênero

NEAD – Núcleo de Educação a Distância da Universidade São Francisco

PFG – Programa de Formação Geral – inserido na Universidade São Francisco

SciELO – Scientific Electronic Library

SNPG - Sistema Nacional de Pós-Graduação

TAFH – Temas Atuais e Formação Humana

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TIC – Tecnologia de informação e comunicação

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USF – Universidade São Francisco

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	20
1.1 – Histórico da pesquisadora.....	20
1.2 - Histórico da pesquisa.....	26
1.3 – O estado da arte.....	33
1.3.1 - Procedimentos utilizados para pesquisa nas bases de dados digitais no BDTD.....	33
1.3.1.1 As pesquisas sobre Escrita, EaD, Argumentação na BDTD.....	34
1.3.2 Procedimentos utilizados para pesquisa nas bases de dados digitais na plataforma SciELO.....	40
1.4 – Objetivos e perguntas de pesquisa.....	41
1.5 – Organização geral da tese.....	42
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	44
2.1– História da EaD no Brasil.....	44
2.2– Breve contexto atual da EaD no Brasil.....	48
2.2.1 - Perfil dos alunos de EaD atualmente.....	52
2.3 – Desafios em EaD.....	55
2.4 – Grupos que pesquisam EaD no Brasil.....	58
2.5 - A escrita na EaD.....	60
CAPÍTULO 3 - O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E A ESCRITA NA UNIVERSIDADE.....	63
3.1 - O interacionismo social.....	63
3.2 – O quadro do Interacionismo Sociodiscursivo.....	67
3.2.1 O modelo de análise do Interacionismo Sociodiscursivo e a apreensão do agir humano.....	69
3.2.1.1 A situação de produção dos textos.....	70
3.2.1.2 Arquitetura Textual.....	73
3.2.1.2.1 A Infraestrutura.....	74
3.2.1.2.1.1 Complementação do modelo de análise de textos do ISD: os tipos de argumentos.....	77
3.2.1.2.2 A coerência temática.....	88
3.2.1.2.3 A coerência pragmática.....	89
3.3– Gêneros textuais e o trabalho pedagógico.....	91
3.3.1 O modelo didático do gênero.....	93
3.4– O letramento acadêmico.....	95
3.4.1 A escrita no ensino superior.....	97
CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	101
4.1 – Objetivos.....	101
4.1.1 – Opção metodológica.....	101
4.2 - O contexto de pesquisa.....	102

4.2.1 - Temas Atuais e Formação Humana.....	103
4.3 – Os alunos participantes.....	105
4.4– As atividades.....	110
4.5 – Os procedimentos de análise.....	111

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS.....114

5.1 – As coletâneas.....	114
5.2 - As propostas de produção de texto.....	126
5.3 – Os argumentos das coletâneas.....	135
5.4 - Os argumentos usados pelas alunas.....	139
5.4.1 - Análise do material da aluna C.....	139
5.4.2 - Análise do material da aluna F.....	149
5.4.3 - Análise do material da aluna I.....	158
5.4.4 - Análise do material da aluna L.....	167
5.4.5 – Síntese dos resultados obtidos.....	175

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....184

ANEXOS.....

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é investigar a apropriação dos tipos de argumentos na produção de textos do gênero artigo de opinião, ao longo da graduação, de estudantes do nível superior em Temas Atuais e Formação Humana, um componente curricular, no formato de Educação a Distância (EaD) em uma universidade privada do interior de São Paulo. Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo que se intitula “Trabalho docente, letramento e gêneros textuais”, o qual é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Luzia Bueno na Universidade São Francisco (USF). Tal grupo é articulado aos estudos que foram desenvolvidos pelo grupo ALTER-LEGE (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações: Letramento, Gêneros Textuais e Ensino) coordenado pelas professoras Luzia Bueno e Milena Moretto da USF e ALTER-AGE (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações/ Aprendizagem, Gêneros e Ensino) coordenado pela Prof.^a Dr.^a Eliane Gouvêa Lousada (Universidade de São Paulo-USP) e pela Prof.^a Dr.^a Luzia Bueno (USF). Durante minha formação e o desenvolvimento desta pesquisa, a vivência e a participação nos grupos foram muito relevantes.

Nesta introdução, apresentaremos o tema principal do trabalho e os objetivos da pesquisa. Consideramos pertinente também incluir aqui minha trajetória acadêmica e profissional, pois o contexto apresentado tornará possível compreender melhor o que envolve a motivação para a pesquisa e, posteriormente, a opção pela análise e pelos procedimentos adotados. Além disso, trataremos do estado da arte em que se encontra o tema abordado nas bases de dados digitais consultadas. Por fim, indicaremos um panorama geral da organização da tese que guiará a leitura a ser realizada.

1.1 Histórico da pesquisadora

Nasci na década de 1980 e quando criança, eu gostava bastante do universo escolar. Meu irmão mais velho começou a ir para a escola antes de mim e eu queria fazer o mesmo que ele. Quando fui para a escola, estava muito motivada e feliz. A rotina de estudos, os professores, o aprendizado, as amizades, os livros, o material, enfim, muito do que envolvia

esse universo era agradável para mim. Assim, estudar durante tantos anos, desde a Educação Infantil e posteriormente no Ensino Fundamental e Médio, foi um processo prazeroso e tranquilo, obviamente que atravesssei momentos não tão contentes. Mas, no geral, guardo boas memórias dessa fase da vida e carrego dela muito aprendizado acadêmico, social e pessoal.

Quando chegou a fase do fim do processo de escolarização básica, uma grande dúvida ocupava meus pensamentos: o que eu quero “ser” quando terminar o Ensino Médio? A aproximação do fim deste processo representava um futuro cheio de incógnitas para mim. Afinal, o momento de fazer opção por uma carreira é bastante complexo na vida de um adolescente, pois, nessa fase, há muitas incertezas e muitos interesses envolvidos, pois teoricamente devemos escolher algo para fazer para toda a nossa futura carreira. Alguns amigos sempre souberam que área queriam seguir, mas, eu nem sempre tive clareza sobre que caminho seguir. Aliás, eu pensei em seguir diversas profissões, como ser jornalista, psicóloga ou tradutora.

Naquela época, final da década de 90, não considerei prestar vestibular em uma universidade pública, visto que estudei em escola do Estado por toda a minha vida escolar e não recebi muita informação a respeito, pois meus professores não falavam sobre vestibular e a internet, na época, era mais restrita e não havia tantas informações disponíveis como hoje. Ainda mais que as pessoas próximas e os familiares estudaram ou estudavam em universidades privadas da região. Desse modo, não sabia nada a respeito de bolsas de estudo e moradia para poder ajudar a custear meus estudos. Eu não conhecia outros caminhos, por isso já assumia que eu deveria também optar por cursar uma universidade privada.

Mais precisamente, no final do 3º ano do Ensino Médio, comecei a definir o cenário para meu futuro: eu morava com minha família em Atibaia, interior de São Paulo, e decidi cursar uma universidade particular em uma cidade próxima, assim, evitaria altas despesas com locomoção ou moradia em alguma cidade distante. Mesmo assim, ainda haveria a despesa com o curso de graduação. Para isto, eu tinha de encontrar uma solução.

Meus pais eram divorciados e meu pai morava em outro país. Minha mãe fazia o melhor que podia pelos filhos, mas os recursos financeiros eram restritos, por isso eu sabia que deveria arcar com meus estudos. Então, eu deveria arrumar um emprego para pagar meus estudos, mas como não tinha experiência profissional, os empregos não remuneravam bem, não poderia fazer um curso caro. Assim, o universo de possibilidades ia se tornando mais restrito e as opções de carreira também diminuía.

Depois de muito pensar, pesar todos os aspectos envolvidos e ser influenciada pela minha mãe, que era professora primária, decidi fazer um curso de Licenciatura. Em Itatiba,

uma cidade próxima, havia o curso de Letras na Universidade São Francisco que tinha um preço acessível e o transporte não custaria tão caro. Decidi que esta seria a melhor opção, pois poderia unir a paixão pelo idioma e pela comunicação: Letras (habilitação em Português e Inglês). Além disso, eu gostava do meio escolar e imaginava que conseguiria me inserir rapidamente no mercado de trabalho sem muito investimento financeiro.

Daí em diante, comecei a colocar os planos em prática. Consegui um trabalho em uma loja de móveis de uma pessoa da família; o salário já era o suficiente para pagar a mensalidade do curso e o transporte, o que significava que eu poderia dar sequência aos estudos. Naquele momento, isso era exatamente o que eu precisava e desejava, comecei a trabalhar e a estudar e estava feliz com minha nova vida estudantil.

Logo no primeiro mês cursando a graduação, tive uma grande surpresa: eu fui contemplada com uma bolsa de estudos integral da universidade porque tinha sido a aluna mais bem classificada no vestibular do curso daquele ano. A condição para manter a bolsa até o final do curso era manter a média das notas acima de 7,0, não ser reprovada e manter boa frequência. Calculei o que aquilo representava naquele momento e decidi parar de trabalhar na loja de móveis para estudar, pois já não precisaria me preocupar com a mensalidade, porém deveria me sair bem nos estudos. Para manter meus custos com transporte, material e alimentação, eu cuidava de crianças aos finais de semana e dava aulas de reforço para estudantes mais jovens.

Poucos meses depois, no mesmo ano, consegui algumas aulas em um projeto social que atendia crianças carentes na cidade, o que foi bem interessante naquele momento, porque não eram muitas aulas e eu poderia continuar a estudar

Mesmo assim, eu ainda pensava na possibilidade de terminar o curso de Letras, conseguir um emprego com melhor remuneração na área e fazer um curso superior em uma área próxima, como a tradução, porque ainda não estava completamente convencida de que eu queria trabalhar nessa área por um longo tempo. Afinal, minha mãe era professora e eu percebia que a remuneração era baixa e a dedicação era grande. Ou seja, cursar Letras era interessante e conveniente naquele momento, contudo ainda representava algumas incertezas futuras.

Segui estudando e trabalhando, eu tinha certeza de que era o melhor rumo a seguir naquele momento. Enfim, diferente dos planos iniciais e de forma inesperada, a paixão pela docência veio um pouco depois, quando estava no segundo ano da graduação. Naquela época, eu fui convidada por um grupo de amigos a integrar uma equipe que planejava montar um curso comunitário preparatório para o vestibular em nossa cidade. A intenção era ajudar jovens carentes a ingressarem na universidade. Sem pensar muito, aceitei, pois achei a

proposta muito interessante. Eu achava que poderia ajudar esses jovens, eu pensava que poderia incentivá-los a terem melhor formação e, principalmente, mais informação do que eu tive na idade deles – como se eu fosse muito mais velha ou experiente do que eles na época.

Aos poucos, começamos nosso projeto: o curso Gauss. Mesmo sem tanto planejamento, mas com muita força de vontade, montamos nossa equipe de professores entre os amigos, todos jovens estudantes ainda em formação. Todos se dispunham a lecionar aos finais de semana para nossos alunos, todos tinham a mesma expectativa: buscar um futuro melhor para todos, afinal, acreditávamos que a educação poderia mudar a vida daqueles jovens e, como jovens idealistas, considerávamos que seríamos capazes de mudar o mundo para melhor. Pensando dessa forma, aos poucos, o grupo tomou força e recebemos nossos primeiros alunos. O local para as aulas foi cedido por uma instituição da cidade, o material era improvisado e não recebíamos nenhuma ajuda financeira de órgão público.

Ao final do primeiro ano, mesmo sem saber direito onde iríamos chegar e com nenhuma experiência anterior, conquistamos juntos, professores e alunos, as primeiras aprovações nos vestibulares e, para nossa feliz surpresa, tivemos alunos promovidos em processos seletivos de universidades concorridas como UNESP e UNICAMP.

Os primeiros resultados foram muito animadores. Hoje, vejo que aquele projeto foi decisivo na minha vida, pois foi ali que descobri que gostava de ensinar, de estar com pessoas e de fazer a diferença na vida de meus alunos. Depois disso, a crença no poder transformador da educação cresceu em mim. Nasceu, assim, a motivação para seguir com a formação e me preparar mais para a carreira que já havia iniciado aos poucos. Se antes eu tinha dúvidas, passei a ter certezas. Eu já não queria mais me formar para fazer outro curso. Eu já estava no caminho certo, só deveria seguir em frente.

O Gauss continuou sua trajetória muito bem, inclusive, ainda existe em nossa cidade, mas, atualmente, é gerido por uma nova equipe, a maioria dela formada por ex-alunos do curso. O projeto já tem mais de 20 anos e sua história é recheada de bons resultados na vida de professores e alunos que acreditaram na educação. Nós, os professores da “velha guarda”, seguimos diferentes rumos profissionais e acadêmicos e mantemos contato, para isso temos a ajuda das redes sociais. Alguns ficaram mais próximos e seguem amigos da vida. Foi uma experiência, ou um sonho de juventude, que marcou nossa vida e trouxe bons frutos para os envolvidos.

Assim, motivada por este ideal, segui minha formação e minha carreira. Mas, a vida traz novos percalços, no ano 2000, o projeto social em que atuava mudou de configuração e não oferecia mais aulas de inglês durante o dia. Eu cursava a graduação durante o período noturno, por isso tive de procurar outro trabalho. Assim, começou meu efetivo início da carreira

em instituições educacionais convencionais, no caso, comecei a trabalhar como professora eventual (substituta) na rede pública. Não era algo que eu gostava, pois não conseguia estabelecer vínculo com os alunos e não atuava de fato como docente, parecia que eu era uma espécie de cuidadora dos alunos na ausência do titular. Mas, eu precisava trabalhar, estava na metade do curso e não queria desistir. Enfim, por muita sorte, um diretor de uma escola pública, que conhecia a minha mãe, fez o convite para que eu substituísse uma professora, a qual iria se afastar por um longo período por conta de um problema de saúde na família. Eu agarrei a oportunidade, assumi as aulas e comecei a me sentir professora de fato. Nessa fase, eu já estava mais segura quanto à vida acadêmica e consegui conciliar os estudos e o trabalho, sem afetar a bolsa, assim, terminei o ano realizada.

Ainda durante a graduação, li sobre um projeto de iniciação científica na universidade e me interessei, candidatei-me à vaga e fui aprovada pela docente, a professora Enid Abreu Dobránszky, porém, recebemos a notícia de que eu não poderia acumular duas bolsas. Por esta razão, a professora não pôde me aceitar na vaga. Infelizmente, por conta disso, não tive experiência com a pesquisa científica durante a graduação.

Quando concluí a graduação em Letras no final de 2001, decidi também me formar em Pedagogia. Desse modo, dois anos depois, concluí a segunda graduação e, em 2003, eu tinha 22 anos e já era licenciada em Letras e Pedagogia. Uma grande realização para mim.

Em 2002, logo após me formar em Letras, consegui meu primeiro emprego como professora de Inglês em uma escola privada da cidade. Naquele momento, eu só estava formada em Letras, trabalhava em uma escola da qual eu gostava e conseguia me manter com o salário que ganhava, a situação já era mais estável. Eu estava feliz, mesmo sabendo que tinha muito o que aprender pela frente. A graduação me trouxe uma parte do conhecimento acadêmico, mas eu precisava ensinar o que eu sabia. Aos poucos, percebi que os alunos eram diferentes e que o processo de ensino-aprendizagem não se dava da mesma forma para todos. Eu sabia que ainda tinha que me desenvolver muito como docente.

O tempo passou e, depois de cerca de sete anos de docência, eu comecei a pensar que minha formação não estava completa, aos poucos, o sonho tomava novos rumos, pois, eu queria estudar mais. Eu desejava viver novos desafios. Então, decidi ingressar no mestrado.

Primeiramente, tentei ingressar em uma universidade pública, por isso, fiz duas matérias como aluna especial no programa de pós-graduação da Unicamp, uma em cada semestre em 2009. Essa foi uma experiência muito interessante, que me rendeu muito aprendizado, mas não consegui ser aprovada no processo seletivo. Percebi que minha falta

de experiência pesaria para a continuação de meus estudos lá. Além disso, eu queria ser um pouco mais rápida, afinal, eu não sabia se seria mesmo aprovada lá em algum momento.

Mudei meus planos iniciais para meus estudos de pós-graduação e, em 2010, ingressei no Mestrado em Educação na mesma universidade onde fiz a primeira graduação, na Universidade São Francisco. A professora Luzia Bueno me acolheu muito bem como orientadora desde o início, inclusive me guiando e auxiliando considerando a minha falta de experiência com pesquisa. Foi principalmente com ela que comecei a aprender mais sobre a produção textual e o trabalho com textos pela perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Assim, fui apresentada ao principal teórico da linha, Jean Paul Bronckart, que concebe o texto e o modelo de análise considerando os seguintes aspectos envolvidos: contexto, arquitetura textual com infraestrutura, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos. Além de Bronckart, a pesquisa de Dolz e Schneuwly sobre o trabalho didático acrescentaram muito em minha formação, principalmente, no que se relaciona ao modelo didático, Sequências Didáticas para levar o aluno a desenvolver as capacidades de linguagem. Novamente, percebi que eu estava apaixonada por minha área de formação e pelo nosso idioma. Então, decidi deixar o Inglês e seguir apenas atuando como professora de língua materna.

Durante o mestrado, estudei e aprendi muito sobre a produção de textos de opinião dos estudantes do Ensino Fundamental II, pois minha pesquisa tinha como foco a produção de textos de opinião e o diário de leituras que produzi durante a análise de minha atuação como professora. A pesquisa me fez repensar muito de minha prática, como exemplo: a necessidade de se estabelecer uma grade para correção de textos de determinado modelo, pois a correção deve ser o menos subjetiva possível. Além disso, a grade me permitiria observar o desenvolvimento do aluno de forma mais ampla e de forma mais específica. Foi uma fase de muitas ressignificações sobre a minha prática profissional.

Ademais, foi ali que comecei a conhecer mais do universo da pesquisa. Então, comecei a produzir artigos e resumos para participar de congressos e eventos na área, o que me permitiu aprender também com os colegas de área com os quais tive contato.

Dali em diante, comecei a participar de processos seletivos e a minha relação com a área de produção de textos se afunilou; foi assim que comecei a trabalhar com processos de correção de redação de grandes vestibulares e processos seletivos. Mesmo após a conclusão do mestrado, segui trabalhando com redação e correção. Atualmente, percebo como os estudos realizados durante o mestrado me possibilitaram aprender mais e me possibilitaram novas oportunidades de trabalho.

A vida foi seguindo seu rumo e, alguns anos depois, em 2018, comecei a trabalhar no nível superior em uma área nova para mim: a Educação a Distância (EaD). Nesse campo, atuei como docente em projetos envolvendo letramento acadêmico através de leituras e produções de texto. Assim, aos poucos, surgiram novas inquietações e anseios, pois estava diante de um campo em que eu tinha experiência: a docência para o ensino da produção de textos, mas a modalidade de ensino era nova, já que não era mais presencial. Nessa fase, instaurou-se em minha cabeça o novo desafio: como ensinar o que eu sei, mas de um jeito novo? Ou seja, eu sabia trabalhar com a produção de textos e fazer a correção, mas não sabia como ensinar isso a um aluno que estava do outro lado da tela de um dispositivo eletrônico. Além disso, eu nunca havia ensinado através de uma plataforma digital, então eu me perguntava se eu seria capaz de ser clara e de ajudar os alunos a progredirem. Outros questionamentos que me rodeavam eram: os alunos vão me procurar quando tiverem dúvidas? Será que a devolutiva que eu dou aos alunos é clara a ponto de servir de instrumento de aprendizado para as futuras produções? Como escrever a instrução/o enunciado da forma mais clara possível sem deixar margem para dúvidas? O aluno que aprende através de uma modalidade assíncrona aprende da mesma forma? O que eu preciso mudar na minha prática para me adequar ao novo formato e ajudar melhor meus alunos?

Tais questionamentos indicaram a necessidade de uma nova busca, agora pelas possíveis respostas aos novos anseios, por isso, no final de 2018, decidi buscar mais conhecimento na área e retomei os estudos. Começou, assim, a nascer o projeto para os estudos do doutorado. Para tanto, voltei a procurar a professora Dra. Luzia Bueno, que tinha me acolhido durante o mestrado. Dessa forma, no início de 2019, retomei meus estudos acadêmicos e ingressei no doutorado. Na sequência, apresento mais detalhadamente o histórico da pesquisa que será desenvolvida neste trabalho.

1.2 - Histórico da pesquisa

O interesse pela pesquisa envolve toda a minha trajetória na docência: a educação, a língua materna, a produção textual, a argumentação e a EaD. Eu já possuía experiência nas quatro primeiras áreas mencionadas antes do início da pesquisa, exceto na modalidade EaD. Dessa forma, surgiu o interesse em me aprofundar nesses estudos e percorrer novos caminhos, pois, a possibilidade de agregar todas as áreas citadas e desenvolver a pesquisa no meio em que eu já atuava na universidade parecia um novo desafio.

Inicialmente, fui contratada pela instituição para atuar especificamente em projetos envolvendo letramento acadêmico no formato EaD. Eu fui integrada a uma equipe mais experiente na área, a qual me ajudou a dar os primeiros passos na universidade e na nova modalidade de ensino-aprendizagem. Vale destacar que o projeto mais amplo começou antes de meu ingresso no grupo, e envolvia todos os alunos matriculados na instituição. Tal projeto recebeu o nome de Programa de Formação Geral (PFG doravante).

Esse programa estava inserido na grade curricular dos cursos de graduação da Universidade São Francisco (USF), uma universidade privada do interior do estado de São Paulo, e era organizado pela equipe docente responsável e disponibilizado aos estudantes na plataforma Moodle pela equipe de suporte do Núcleo de Educação a Distância (NEAD). O objetivo era ampliar o Letramento Acadêmico para melhorar e amparar o desempenho dos alunos em avaliações externas, principalmente o ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), visto que o exame envolve questões de cultura, leitura e interpretação de textos de gêneros diversos, ou seja, o estudante não é cobrado apenas pelo conhecimento relacionado à sua formação profissional, mas também precisa mostrar bons resultados em relação a um letramento mais amplo, além do acadêmico. Nesse sentido, por se tratar de uma universidade privada, as notas obtidas no ENADE são bastante significativas para a instituição para a posterior divulgação pública e captação de novos alunos, também para a manutenção dos cursos e para a representação destes para a sociedade em geral.

Assim, ao implantar o programa, a expectativa da universidade era oferecer uma ancoragem para que os alunos pudessem se desenvolver e ampliar o conhecimento geral em relação a temas de interesse da sociedade como um todo. Esperava-se que a produção textual dos alunos também fosse afetada de forma positiva pelo trabalho efetivo a longo prazo como foi proposto. Ademais, convém destacar que não são raras as universidades privadas brasileiras que implantaram programas como esse em seu currículo com a mesma intenção e finalidade.

Por isso, os estudantes do modelo presencial participavam do programa, que era ofertado inteiramente on-line e organizado por uma equipe de profissionais da instituição, como já foi mencionado, os quais planejavam, preparavam e organizavam o conteúdo inserido na plataforma. O material era organizado e apresentado aos estudantes em cinco quinzenas diferentes, cada uma continha uma coletânea de textos de gêneros diversos e questões objetivas referentes à interpretação destes, tais atividades seguiam o mesmo modelo do ENADE e deveriam ser respondidas pelos alunos na plataforma on-line durante o prazo estipulado. Ao final do semestre, de acordo com o desempenho pessoal de cada um, os alunos recebiam um ponto em cada um dos demais componentes curriculares que cursava

para compor a nota final destes. Como resultado, o projeto englobava todos os alunos matriculados e todos os docentes, de algum modo, atuantes na universidade.

Ainda dentro do mesmo programa descrito anteriormente, também foi implantado um projeto piloto chamado Temas Atuais e Formação Humana (TAFH daqui por diante), o qual tinha como objetivo um ponto ainda mais específico que o PFG, pois, além das questões objetivas, os alunos envolvidos deveriam escrever uma produção de texto por quinzena, mais especificamente um exemplar do gênero artigo de opinião. O formato do programa também foi desenvolvido tendo como foco o ENADE, que solicita aos estudantes que respondam a questões envolvendo temas de conhecimento geral atuais. Logo, a intenção seria abordar e aprofundar as habilidades que envolvem a capacidade escritora dos estudantes envolvidos. Ao passo que o PFG era ofertado a todos os estudantes matriculados, o TAFH foi desenvolvido para ser ofertado apenas a um grupo específico de estudantes, visto que envolvia um trabalho a mais: a correção dos textos produzidos pelos estudantes.

Por conta de sua particularidade, o trabalho com o TAFH necessitava deste profissional para a correção dos textos, foi nessa área que eu me encaixei. Além de atuar no PFG, fui contratada para corrigir os textos produzidos para o TAFH e ser a professora desse componente curricular. Assim começaram a minha trajetória na vida acadêmica universitária e meu envolvimento com a área da pesquisa.

Como projeto piloto, o TAFH era ofertado a um grupo menor de estudantes, mais especificamente, apenas às turmas de Ciências Contábeis, Administração e Pedagogia que foram os primeiros e únicos inseridos no programa. Assim, em 2018, os alunos matriculados nos cursos presenciais mencionados no campus de Itatiba foram automaticamente vinculados ao currículo que apresentava essa proposta. Vale destacar que o currículo desses estudantes previa a inserção desse componente curricular em todos os semestres da graduação dos matriculados. Portanto, o TAFH acompanharia o currículo deles como um componente curricular independente e durante toda a graduação.

Aliás, como docente, acompanhei as mesmas turmas durante toda a graduação e oferta do componente curricular por 7 semestres. Ou seja, quase o período total de formação dos estudantes. Foi necessário me afastar apenas no último semestre em virtude de uma licença maternidade.

Considerando que a pesquisa envolve o desenvolvimento da escrita ao longo da formação universitária de um grupo de estudantes, podemos considerar que se trata de uma pesquisa de caráter longitudinal. Nesse sentido, Charles Bazerman et al (2018), na obra *“Towards an Understanding of Writing Development Across the Lifespan”*, estabelece oito princípios que envolvem a pesquisa longitudinal e a produção de textos (tradução nossa): 1.

Writing can develop across the lifespan as part of changing contexts. (*A escrita pode se desenvolver ao longo da vida como uma parte do contexto de mudanças*); 2. Writing development is complex because writing is complex. (*O desenvolvimento da escrita é complexo porque escrever é complexo*); 3. Writing development is variable; there is no single path and no single endpoint. (*O desenvolvimento da escrita é variável, não há um caminho único e um destino único*); 4. Writers develop in relation to the changing social needs, opportunities, resources, and technologies of their time and place. (*Os escritores se desenvolvem frente a mudanças necessárias de ordem social, oportunidades, recursos e tecnologias do tempo e lugar deles.*); 5. The development of writing depends on the development, redirection, and specialized reconfiguring of general functions, processes, and tools. (*O desenvolvimento da escrita depende do desenvolvimento, redirecionamento e reconfiguração de funções, processos e ferramentas gerais.*); 6. Writing and other forms of development have a reciprocal relation and mutual supporting relationships. (*A escrita e outras formas de desenvolvimento têm uma relação recíproca e apoio mútuo*); 7. To understand how writing develops across the lifespan, educators need to recognize the different ways language resources can be used to present meaning in written text. (*Para compreender como a escrita se desenvolve durante a vida, os educadores precisam reconhecer os diferentes modos que os recursos da linguagem podem ser usados para apresentar o significado de um texto escrito*); 8. Curriculum plays a significant formative role in writing development. (*O currículo representa um papel formativo significativo no desenvolvimento da escrita*).

Assumindo tais princípios como norteadores, compreendemos que o olhar para os textos produzidos pelos estudantes mencionados merece uma atenção específica e especial ao mesmo tempo, visto que a escrita envolve complexidades e será desenvolvida ao longo da vida. Além disso, mais do que preparar para o ENADE, o processo de produção de textos argumentativos demanda o agenciamento de capacidades leitoras e outras (relação entre saberes de ordem pragmática, enciclopédica, teórica, vivencial, entre outros). Nesse sentido, um estudo longitudinal é capaz de tecer considerações sobre um recorte do processo de aprendizagem de estudantes de forma muito particular e clara. Ademais, durante a graduação, cada aluno passou por experiências pessoais diferentes que podem de alguma forma influenciar positiva ou negativamente todo o processo. Acredita-se também que a leitura do material disponibilizado pode ser responsável por provocar novas experiências e visões de mundo. Portanto, como afirma Bazerman (2018), o desenvolvimento da escrita é complexo e envolve processos específicos para cada indivíduo, desta forma, acompanhar 4 estudantes irá nos permitir conhecer caminhos diferentes.

Ainda, conforme Bazerman (2018, p.42):

The picture of lifespan development of writing abilities presented here is closely tied to the situations, technologies, opportunities, and experiences each person has. As individuals, from their own perspectives, goals, experiences, repertoires of practices, and skills, actively engage with new situations, they repurpose their cognitive resources, expand their processes of composing and revision, engage their prior histories of literate interactions, and develop task-specific language skills. Their relations with others grow and change along with their identities and thinking, as writing experiences develop along person-specific trajectories within socially organized activities.¹

Desta forma, compreendemos que o desenvolvimento da escrita ao longo da formação dos estudantes envolve diversos fatores – como objetivos, experiências pessoais, repertório de práticas e habilidades - que influenciam e modificam o resultado. Cada escritor em formação vai apresentar um desenvolvimento único.

A saber, os programas que envolvem nossa pesquisa, assim como o PFG e o TAFH ainda estavam em vigor durante a maior parte da pesquisa, mas ambos foram extintos da grade quando houve a mudança do currículo da universidade. Assim sendo, apenas os alunos que já estavam matriculados seguiram com o programa. Portanto, os alunos que se formarão em 2022 são as primeiras e últimas turmas de TAFH ao mesmo tempo. Tal ponto representa uma oportunidade específica para o desenvolvimento da pesquisa: acompanhar o processo desses estudantes por cerca de 7 semestres e avaliar os resultados desse projeto piloto.

Para esclarecer, nesse componente curricular, o semestre é organizado em 5 quinzenas e as atividades divididas da mesma forma. Todo o material preparado pela equipe de docentes é disponibilizado na plataforma Moodle pela equipe do NEAD. Assim como o PFG, cada quinzena apresenta uma coletânea de textos de gêneros diversos sobre um tema específico conforme as diretrizes estabelecidas pelo MEC. De modo geral, as temáticas costumam envolver assuntos de interesse social, como racismo, economia, cultura, entretenimento, tecnologia, saúde etc.

As quinzenas 2 e 4 solicitavam a produção de um texto, mais especificamente, um artigo de opinião, a ser produzido com base nas informações e dados presentes na coletânea de textos aos estudantes apresentada. Nas quinzenas 1, 3 e 5, os alunos também tinham uma

¹ A imagem do desenvolvimento das habilidades de escrita ao longo da vida aqui apresentada está intimamente ligada às situações, tecnologias, oportunidades e experiências que cada pessoa tem. À medida que os indivíduos, a partir de suas próprias perspectivas, objetivos, experiências, repertórios de práticas e habilidades, se envolvem ativamente com novas situações, eles reaproveitam seus recursos cognitivos, expandem seus processos de composição e revisão, envolvem suas histórias anteriores de interações letradas e desenvolvem tarefas - habilidades linguísticas específicas. Suas relações com os outros crescem e mudam junto com suas identidades e pensamentos, à medida que as experiências de escrita se desenvolvem ao longo de trajetórias específicas de cada pessoa dentro de atividades socialmente organizadas. (tradução nossa)

coletânea preparada para suporte e respondiam a 4 questões objetivas sobre o material lido. Ao final do semestre, os alunos faziam uma avaliação presencial, que solicitava uma produção de textos e atividades objetivas, ou seja, a composição da nota final unia os dois formatos abordados durante o semestre.

O quadro abaixo resume as atividades propostas durante o semestre para o componente curricular:

Quadro 1 - Organização das atividades do componente curricular durante o semestre

Atividades avaliativas	Atividade proposta	Valor máximo atribuído	Disponível para
Quinzena 1	3 questões objetivas	0,9	Todos os alunos matriculados
Quinzena 2	Produção de texto	0,9	Todos os alunos matriculados
Quinzena 3	3 questões objetivas	0,9	Todos os alunos matriculados
Quinzena 4	Produção de texto	0,9	Todos os alunos matriculados
Quinzena 5	3 questões objetivas	0,9	Todos os alunos matriculados
Avaliação final	Produção de texto	3,5	Todos os alunos matriculados
	4 questões objetivas	2,0	
Avaliação supletiva	Produção de texto	3,5	Alunos que não atingiram a média 6,0
	4 questões objetivas	2,0	
Atividade complementar	4 questões objetivas	2,0	Alunos que não atingiram a média 6,0 e realizaram a avaliação supletiva

FONTE: A autora (2022)

Antes de prosseguirmos, vale ainda destacar que o componente curricular é oferecido apenas na modalidade EaD e que o contato entre professor e alunos é realizado apenas pela plataforma on-line através dos recursos disponíveis, como fórum, mensagem privada e e-mail ao docente. Ademais, o docente tem contato com os estudantes através das observações

feitas para a correção e pontuação dos textos produzidos por eles. Mais precisamente, não há contato presencial entre estudantes e docente durante toda a graduação, conseqüentemente, durante toda a duração do componente curricular.

Além disso, outro interesse da pesquisa envolve a área da argumentação, que é esperada nos textos do gênero artigo de opinião. A dimensão argumentativa é muito presente em nossa vida cotidiana, já que está envolvida no nosso modo de viver em sociedade, como afirma Fiorin (2020). Afinal, desde que passamos a conviver com grupos e formar as primeiras formas de organização social, o uso da força para resolver todos os impasses passou de prática comum a recriminável. Assim, compreende-se que o próprio desenvolvimento da argumentação está ligado ao desenvolvimento da sociedade e ao surgimento das primeiras formas de democracia.

Diante de meu contato direto com as produções textuais desses estudantes e dos questionamentos pessoais que surgiram durante meu percurso no componente curricular - desde o início do programa TAFH -, minha pesquisa começou a tomar forma, pois na convergência de minhas experiências surgiam perguntas pessoais a respeito do que eu estava fazendo e dos resultados de meu trabalho.

Desse modo, comecei a definir os primeiros passos, junto a minha orientadora, quanto ao que eu queria pesquisar e o que os dados poderiam me mostrar de fato. Para tanto, optamos por definir um grupo menor de estudantes, visto que o programa era ofertado a cerca de 300 alunos. Assim, inicialmente, selecionamos para investigar os textos produzidos pelo grupo de alunos do modelo presencial de Pedagogia para investigar. Essa seleção foi motivada por conta de esses estudantes estarem em formação para serem futuros educadores, os quais irão solicitar produções de texto aos estudantes vindouros e, provavelmente, serão os corretores desses mesmos textos. Desse modo, compreendemos que o impacto do componente curricular seria diferente na vida pessoal e profissional dos graduados em Pedagogia em relação aos dois outros cursos.

Ao selecionar o grupo para a pesquisa, fizemos o levantamento da quantidade de matriculados, submetemos o projeto ao Comitê de ética, referente ao CAAE: 26302219.9.0000.5514, que o aprovou, e pedimos o consentimento dos estudantes para desenvolver a pesquisa a partir dos textos produzidos por eles. Dessa forma, chegamos ao número inicial de 14 alunos.

Por fim, a delimitação do grupo permitiu o início da coleta dos dados para a pesquisa começar de fato, a qual ficou claramente definida da seguinte forma: o componente curricular a ser pesquisado é o TAFH, mais especificamente um grupo de 14 estudantes matriculados nesse componente curricular desde o segundo semestre de 2018 no curso de Pedagogia; os

alunos envolvidos produziram textos desde o início da graduação, que ainda estava em andamento; a pesquisa tem, desse modo, caráter longitudinal; os textos foram produzidos e enviados através da plataforma Moodle; o gênero textual envolvido é o artigo de opinião; o curso é Pedagogia; e eu atuei como docente desse componente curricular desde o início da pesquisa, o que me permitiu também fazer análises quanto à minha influência e interferência em todo o processo envolvido na produção de textos. Mais adiante apresentaremos detalhadamente os procedimentos metodológicos envolvidos.

Assim, começou a trajetória envolvendo a pesquisa que aqui se apresenta. Para realizar tal feito, a primeira etapa foi verificar o que já se pesquisara anteriormente na área. Para tanto, fizemos um levantamento considerando o contexto mais amplo que abarca a produção de textos no meio universitário que envolve a escrita, ou a produção textual, a Educação a Distância, área em que estão inseridos o componente e as ferramentas envolvidas na produção dos textos que serão a base de nossa análise, e argumentação. O resultado do estado da arte do que envolve o contexto da pesquisa é apresentado na seção a seguir.

1.3 O estado da arte

Nesta seção, apresentamos as informações a respeito do estado da arte de pesquisas no Brasil que envolvem as mesmas áreas de interesse e os procedimentos utilizados para realizar a investigação.

Inicialmente, convém destacar que as pesquisas na área de educação cresceram e se desenvolveram bastante nos últimos anos no Brasil. Nesse sentido, apontamentos sobre o estado da arte da área específica de um estudo, segundo Romanowski e Ens (2006), podem contribuir para a própria constituição do campo teórico de uma área do conhecimento, visto que indicam as restrições que envolvem o campo em que a pesquisa se move. Ademais, tais estudos permitem identificar lacunas e novas experiências, o que torna possível reconhecer aquilo que seria de fato uma nova contribuição na área proposta e focalizada.

1.3.1 Procedimentos utilizados para pesquisa nas bases de dados digitais no BDTD

Antes de prosseguir mais a fundo com a pesquisa que aqui se desenvolve, fez-se necessário investigar os estudos previamente realizados sobre a mesma área, como forma de buscar e trazer contribuições para nossa área de interesse, assim, o primeiro passo foi realizar um levantamento a respeito de teses e de dissertações dentro da mesma temática (ou que pelo menos se aproximassem dela). Para isso, uma busca foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), disponível através do link: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>. Optamos por iniciar a pesquisa por este portal, pois este reúne, em sua base de dados digitais, teses e dissertações de todo o país. Através dessa ferramenta é possível encontrar as pesquisas desenvolvidas em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil.

Nossa busca na BDTD foi realizada em 17 de maio de 2022. Primeiramente, para realizarmos nossa pesquisa, inserimos no campo de busca da base de dados digitais as palavras “escrita, EaD, argumentação”. Vale destacar que fizemos a opção por realizar a busca a partir de três termos como forma de tentar encontrar os resultados mais próximos de nossa pesquisa e, desta forma, encontrar de fato o que já foi pesquisado na mesma área. Desta forma, o resultado foi uma lista de 5 trabalhos, conforme indica a figura a seguir:

Figura 1 – Layout do resultado da pesquisa na BDTD

The screenshot displays the BDTD (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations) search results interface. At the top, there is a navigation bar with links for 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. Below this, the BDTD logo and name are visible, along with a search bar containing the query 'escrita, ead, argumentação'. The search results are displayed in a list format, with the first result being 'Argumentação e ensino de escrita no ensino fundamental: uma proposta de intervenção' by Oliveira, Juciana Soares de, dated 2016. The second result is 'Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco' by Cury, Patricia de Cuzzo [UNESP], dated 2011. The page also includes a sidebar with filters for 'Instituições' (UFRN, UFSCAR, UNESP), 'Repositório' (Repositório Institucional da UFRN, UFSCAR, UNESP), and 'Programa' (Mestrado Profissional em Letras - Profletras).

FONTE:

<https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=escrita%2C+argumenta%C3%A7%C3%A3o%2C+ead&type=AllFields>

A princípio, como o resultado se mostrou pequeno, nenhum trabalho foi excluído, pois a quantidade mostrou-se adequada para uma pesquisa mais detalhada em relação aos resumos de cada um deles. Portanto, nossa análise considerou os 5 trabalhos resultantes da pesquisa no banco de dados digital.

1.3.1.1 As pesquisas sobre Escrita, EaD, Argumentação na BDTD

O resultado obtido em nossa pesquisa foi organizado no quadro a seguir, indicamos o número na sequência em que apareceram no portal de busca, o título do trabalho, o autor, o

ano de publicação (em ordem cronológica), a categoria e a Instituição de Ensino Superior. Convém destacar que os resultados indicam três dissertações e duas teses.

Quadro 2 – Resultado da pesquisa sobre dissertações e teses a partir dos termos “escrita, EaD, argumentação”

	Título do trabalho	Autor	Ano	Categoria	Universidade
1	Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco	Patrícia de Cuzzo Cury	2011	Dissertação	Universidade Estadual Paulista
2	Argumentação e ensino de escrita no ensino fundamental: uma proposta de intervenção	Juciana Soares de Oliveira	2016	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
3	Leitura e escrita como ato responsável: uma experiência de ensino/aprendizagem à luz da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin	Telma Gomes Novato Sant Anna	2018	Tese	Universidade Federal de São Carlos
4	Leitura e escrita como ato responsável: uma experiência de ensino/aprendizagem à luz da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin	Telma Gomes Novato Sant Anna	2018	Tese	Universidade Federal de São Carlos
5	O texto argumentativo em sala de aula: uma proposta de escrita com editoriais	Ruth Faustino	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FONTE: A autora (2022)

Antes de prosseguirmos, é necessário esclarecer que o mesmo trabalho apareceu duas vezes no resultado da pesquisa, por esta razão, os títulos indicados como 3 e 4 estão repetidos. Portanto, a pesquisa resultou, na verdade, em 4 títulos diferentes, sendo estes, na verdade, três dissertações e uma tese

Após essa etapa da coleta de dados, as informações do quadro anterior foram analisadas mais cuidadosamente. A maioria dos trabalhos apresenta convergência com algum aspecto de nossa pesquisa, mas há divergências, por esta razão os resumos serão apresentados e, na sequência, apresentaremos a comparação em relação à nossa pesquisa.

Quadro 3 – Resumo da dissertação de Cury (2011)

Título: Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco

Autor: Patrícia de Cuzzo Cury
Resumo: Considerando as diferentes possibilidades de estudos em Aquisição da Linguagem (podem dedicar-se à língua materna, língua estrangeira, bilinguismo, língua escrita, desvios de linguagem etc.) e as abordagens teóricas, eleitas a partir das questões que o pesquisador se coloca frente ao objeto (fala da criança), nosso objetivo é colaborar com os estudos em aquisição de língua materna, focalizando o papel da linguagem dos pais dirigida à criança nas interações dialógicas presentes no contexto natural do cotidiano. Com isso, pretendemos verificar em que medida a argumentação dos pais pode ajudar uma criança, dos seus 20 aos 33 meses de idade, neste trabalho identificada por A., no seu processo de aquisição da linguagem, em uma perspectiva discursiva e dialógica, baseadas nas ideias de Bakhtin (1976; 1988; 2003). Quanto às questões relacionadas à aquisição da Linguagem e à importância da interação social, buscamos relacionar as ideias de autores como Vygotsky (1979; 1998), François (1989; 1990,2006) e Bruner (1991,1997,2004). Para tratar das questões argumentativas, nos baseamos em algumas reflexões propostas por Selma Leitão (2000; 2001; 2007a; 2007b; 2008). Buscamos, a partir deste quadro teórico, verificar em que medida a argumentação dos pais dirigida à criança pode ajudar no processo de aquisição de linguagem
Instituição: Universidade Estadual Paulista
URI: http://hdl.handle.net/11449/93870
Data: 2011

FONTE: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93870>

O trabalho de Cury (2011) também se interessa pela questão da argumentação e tem embasamento teórico no trabalho de Bakhtin e Vigoski, desta forma, coincide com a visão que adotamos de que a interação social tem um papel importante para o desenvolvimento humano. Por outro lado, o resumo mostra que a pesquisa envolve o processo de aquisição de linguagem de crianças pequenas e seus pais, por esta razão, o trabalho se distancia bastante em relação a um dos focos principais de nosso trabalho que envolve apenas adultos já em fase de estudos universitários.

Quadro 4 – Resumo da dissertação de Oliveira (2016)

Título: Argumentação e ensino de escrita no ensino fundamental: uma proposta de intervenção
Autor: Juciana Soares de Oliveira
Resumo: O objetivo desta pesquisa é investigar a competência argumentativa de alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Fortaleza/ Ceará, a partir da produção escrita de artigos de opinião. Quanto aos objetivos específicos, este trabalho propõe-se a realizar uma análise comparativa de duas versões de dez artigos de opinião produzidos por esses alunos, identificar dificuldades relacionadas à ausência de uma ou mais fases da sequência argumentativa prototípica proposta por Adam (2011) e aplicar uma intervenção pedagógica com a finalidade de que essa sequência prototípica se efetive nos textos dos alunos, contribuindo, assim, para a melhoria da escrita argumentativa. Teoricamente, o trabalho fundamenta-se em uma abordagem sociodiscursiva, os gêneros do discurso são compreendidos na perspectiva dialógica da linguagem de

Bakhtin (1992) e na execução da proposta teórico-metodológica de sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004). Além disso, recorremos à noção de Retórica, desde a antiguidade clássica até o surgimento da Nova Retórica presentificada nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que, na atualidade, foi assimilada pelos estudos da Pragmática e conectada às teses centrais do pensamento de Ducrot (1977, 1980, 1987). Também ancoramo-nos no conceito de sequências textuais proposto por Adam (2011), assim como nos pressupostos que concebem a produção escrita como prática processual, conforme Flower e Hayes (1980), Serafini (2004) e Passarelli (2001). Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa-ação segundo Thiollent (1996), com abordagem de dados de natureza qualitativa, conforme estabelecem Bodgan e Biklen (1996). A aplicação da sequência didática possibilitou-nos observar que os alunos passaram a escrever artigos de opinião mais elaborados, com níveis de argumentação mais significativos, conseguindo, inclusive, posicionarem-se de forma mais reflexiva e crítica diante de questões sociais discutíveis. Além disso, ao defendermos o argumentar como ação linguística de maior importância, acreditamos que, por meio da intervenção proposta, conseguimos contribuir para que os alunos envolvidos tivessem a oportunidade de exercer os papéis sociais do argumentar e contra-argumentar por meio da adoção de uma postura pró-ativa e ética em seus textos.

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

URL: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23486>

Data: 2016

FONTE: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23486>

A pesquisa de Oliveira (2016) apresenta vários pontos em comum a nossos interesses de pesquisa. Em primeiro lugar, também envolve o estudo e análise de artigos de opinião e as estratégias argumentativas desenvolvidas pelos estudantes. Além disso, também adota a perspectiva sociodiscursiva para análise dos resultados obtidos. Porém, é uma pesquisa que envolve estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, diferente dos alunos universitários analisados nesta pesquisa. Ademais, trata-se de uma pesquisa que envolve ensino presencial, intervenção e não se trata de uma pesquisa longitudinal.

Quadro 5 – Resumo da tese de Sant Anna (2018)

Título: Leitura e escrita como ato responsável: uma experiência de ensino/aprendizagem à luz da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin

Telma Gomes Novato Sant Anna

Resumo: A presente pesquisa de doutorado propõe-se a investigar sobre a leitura de textos literários e a escrita de textos como uma compreensão ativo-responsiva dos textos lidos no cotidiano escolar. O trabalho foi desenvolvido numa abordagem narrativa e autobiográfica, fundamentada nos aportes teóricos dos estudos bakhtinianos. Na narrativa profissional da pesquisadora ficam evidentes as formas de ver e conceber a linguagem ao longo de seus 32 anos de docência. As concepções de linguagem definiram seu caminho de ser aluna e professora de Língua Portuguesa. Ao percorrer pelos três modos de conceber a linguagem: Linguagem é a expressão do pensamento; Linguagem é instrumento de comunicação e Linguagem é uma forma ou processo de interação e suas implicações metodológicas no ensino/aprendizagem

de língua portuguesa, a pesquisadora traz reflexões sobre o ensino/aprendizagem de Língua portuguesa em cada modo. Somente na última década, a pesquisadora se posiciona conscientemente ao propor uma experiência interacionista de ensino/aprendizagem de leitura de um texto literário: gênero romance para alunos do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de um grande município do interior do estado de São Paulo com o intuito de trazer uma reflexão sobre o porquê de se trabalhar com textos literários no cotidiano escolar e quais benefícios podem trazer para melhorar a prática de leitura de textos literários e escrita como contrapalavras em sala de aula, ancorada no interacionismo bakhtiniano. A experiência gerou um número significativo de documentos de onde foram recolhidos os dados da pesquisa. Estes dados foram analisados a partir da metodologia narrativa com base nos aportes bakhtinianos, que coloca no centro o sujeito da linguagem, as condições de produção do discurso, o social, as relações de sentido construídas entre os interlocutores, a dialógica, a argumentação, exotopia e a importância da presença do texto literário em sala de aula.

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

URL: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10371>

Data: 2018

FONTE: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10371>

A pesquisa de Sant Anna (2018) é a única que configura uma tese, como a nossa, encontrada no momento de busca de dados. Assim como as demais, também adota uma perspectiva interacionista para análise do material coletado e, assim como nosso trabalho, analisa textos produzidos por estudantes. Porém, as semelhanças cessam neste ponto, pois os alunos envolvidos na pesquisa são do 9º ano do Ensino Fundamental, estão matriculados na modalidade presencial e escreveram textos da esfera literária, não há qualquer referência à questão da argumentação. Assim, é possível afirmar que se trata de uma pesquisa com foco bastante distante do que é aqui analisado.

Quadro 6 – Resumo da dissertação de Faustino (2019)

Título: O texto argumentativo em sala de aula: uma proposta de escrita com editoriais

Autor: Ruth Faustino

Resumo: Sabemos que ainda há muito o que se estudar e pesquisar no ensino de Língua Portuguesa com o intuito de melhorar a prática didática, principalmente, no Ensino Fundamental. Diante disso, se faz necessário um trabalho mais específico na área de produção textual visto que os alunos apresentam muitas dificuldades de articulação de ideias e, isto fica mais evidenciado nos gêneros textuais argumentativos. Face ao exposto, nosso objeto de pesquisa é a construção da argumentação em textos produzidos pelos alunos em sala de aula. Como objetivo geral, procuramos analisar o processo argumentativo na construção do gênero textual Editorial escrito por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Quanto aos objetivos específicos, procuramos identificar as estratégias argumentativas utilizadas pelos alunos na produção do gênero textual Editorial. Também descrevemos os uso e funções dos operadores argumentativos utilizados pelos alunos em seus textos. Além disso, comparamos os textos da produção inicial e final quanto aos aspectos organizacionais da sequência argumentativa. Com relação à metodologia, nossa

pesquisa constitui-se em uma pesquisa-ação, pois utilizamos como laboratório nossa própria sala de aula onde o professor/pesquisador e os alunos são os participantes do processo de investigação científica. Fundamentamos nosso trabalho nos estudos de alguns teóricos da Linguística Aplicada e da Linguística textual, dentre eles Marcuschi (2005, 2008); Koch (2016); Kock e Elias (2017, 2010); Antunes (2009, 2010), da Linguística Textual; Passarelli (2004) que trata do ensino da escrita na escola; Marcuschi (2008), com relação a gêneros textuais; Bakhtin (2003) sobre gêneros do discurso; Plantin (2008); Pinto (2010); Koch (2011) e Fiorin (2017), sobre Argumentação; Soares (2016); Melo (1985); Souza (2006), sobre Editorial; e a respeito da Sequência Didática (SD), com Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004). Quanto aos resultados, pudemos constatar, após a intervenção com o emprego da SD, que os alunos não variam quanto ao tipo de operadores argumentativos na produção escrita, mas variam quanto a sua função argumentativa, embora demonstrem pouco conhecimento dessas marcas linguísticas, repetindo os mesmos operadores várias vezes ao longo do texto. Percebemos também, que os alunos empregam, em algumas situações, esses recursos da língua apresentando algumas dificuldades, comprometendo às vezes a argumentação do texto, pois não correspondem ao sentido discursivo nem ao valor semântico dessas expressões. Assim, concluímos que o trabalho com a produção textual argumentativa, no EF, necessita de mais atividades direcionadas ao uso e à compreensão dos elementos que entrelaçam os argumentos de persuasão, convencimento e de refutação.

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

URL: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28575>

Data: 2019

FONTE: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28575>

Por fim, a pesquisa mais recente encontrada é uma dissertação de Faustino (2019) que, assim como nós, tem como foco a questão da argumentação e o desenvolvimento das estratégias argumentativas dos estudantes participantes. Também adota a perspectiva de gêneros textuais. Entretanto, assim como as pesquisas anteriores encontradas e mencionadas, também trata de textos de alunos do Ensino Fundamental, também do 9º ano. Ademais, o gênero produzido é o editorial, que, em sua essência também é argumentativo, mesmo sendo outro gênero.

Deste modo, a pesquisa inicial no Banco de Teses e Dissertações não resultou em trabalhos que se aproximassem significativamente de nossa pesquisa, por esta razão, mesmo considerando que as pesquisas trazem contribuições positivas para a área de ensino e aprendizagem de gêneros e de argumentação, não tomamos as pesquisas encontradas como fonte de informações ou dados para nossa pesquisa.

1.3.2 Procedimentos utilizados para pesquisa nas bases de dados da plataforma SciELO

Por fim, também fizemos a mesma pesquisa na plataforma Scientific Eletronic Library, mais conhecida como SciELO, que é um portal online que organiza e publica textos de revistas científicas brasileiras. Além das teses e dissertações, optamos por buscar artigos científicos, porque consideramos este gênero textual como importante também fonte de pesquisa na área científica. Para isso, seguimos o mesmo critério usado anteriormente e buscamos pelos termos “escrita, EaD, argumentação” e não encontramos nenhum resultado conforme figura abaixo.

Figura 2 – Layout do resultado da pesquisa na plataforma Scielo



FONTE:

<https://search.scielo.org/?q=escrita%2C+argumenta%C3%A7%C3%A3o%2C+ead&lang=pt&filter%5Bin%5D%5B%5D=scl>

Como se pode observar na figura acima apresentada, não encontramos nenhum artigo científico publicado em revistas brasileiras. De fato, se pesquisarmos apenas os termos isolados, podemos encontrar mais exemplares, mas optamos por seguir o mesmo procedimento utilizado para buscar teses e dissertações, pois entendemos que esta seria uma forma de manter a coerência. Deste modo, é possível afirmar que não obtivemos dados para nosso levantamento em publicações na plataforma Scielo.

Após o levantamento e análise de todos os dados levantados referentes ao estado da arte da área de interesse de nossa pesquisa, podemos afirmar que o trabalho é inédito, por esta razão, espera-se que traga novas e relevantes contribuições para as futuras pesquisas, para a área de EaD e para os formadores de professores.

1.4 Objetivos e perguntas de pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa é investigar a apropriação dos tipos de argumentos na produção de textos do gênero artigo de opinião, ao longo de 7 semestres de graduação de Pedagogia, de estudantes do nível superior em uma disciplina no formato de Educação a Distância (EaD) em uma universidade privada do interior de São Paulo. Como objetivos específicos, assumimos:

- 1) Classificar os tipos de argumentos expressos nos artigos de opinião das coletâneas dos 7 semestres que acompanham as propostas de produção;
- 2) Analisar que tipos de argumentos são empregados nos artigos de opinião produzidos pelos alunos durante o curso;
- 3) Investigar que tipos de intervenção são feitas pela docente como corretora e avaliadora dos textos no tocante à argumentação.

Dessa forma, para atingir nossos objetivos, estabelecemos quatro perguntas de pesquisa que nos servirão como foco e às quais procuraremos responder ao longo de nosso trabalho:

1. As coletâneas de textos disponibilizadas aos alunos dão subsídios para o desenvolvimento da argumentação dos estudantes?
2. Quais os tipos de argumentos que os alunos usam em suas produções durante o curso?
3. Os argumentos utilizados pelos alunos variam durante o período analisado?
4. Quais os tipos de intervenção direcionadas à argumentação são feitas pela docente ao avaliar os textos produzidos pelos alunos?

Até o momento, apresentamos o contexto que envolve a pesquisadora e a pesquisa, assim como o estado da arte dos trabalhos que envolvem a mesma área de interesse que nossa pesquisa e nossos objetivos. Na sequência, passaremos a um panorama geral de como a tese foi organizada.

1.5 Organização geral da tese

Nesta seção, descrevemos o percurso escolhido para apresentar nossa investigação. Como opção, o trabalho foi organizado em 5 capítulos.

No capítulo 1, já foi apresentada a introdução à pesquisa, bem como o histórico da pesquisadora e o histórico que envolve a pesquisa; na sequência apresentamos o estado da arte dos trabalhos que envolvem o tema central de nosso interesse, para isso, apresentamos os procedimentos utilizados para o levantamento de dados em bancos e bases de dados digitais. Por fim, apresentamos os objetivos e perguntas de pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos um panorama sobre a educação a distância no Brasil. Inicialmente, contamos um pouco da história da EaD no Brasil e um breve contexto da atual EaD no país. Na sequência, levantamos alguns dos desafios envolvidos nessa modalidade de ensino, os grupos que pesquisam sobre EaD no Brasil e exporemos considerações a respeito da escrita na EaD.

No capítulo 3, exporemos nossos pressupostos teóricos que são tomados como base para fundamentar nossos estudos e análises posteriores, a corrente do Interacionismo Sociodiscursivo, o qual parte do Interacionismo Social que também será abordado, a perspectiva de gêneros textuais atrelada ao trabalho pedagógico, o conceito de Letramento acadêmico e a argumentação.

No capítulo 4, exporemos os procedimentos metodológicos utilizados para a construção de nosso estudo atrelados aos nossos objetivos. Dessa forma, apresentaremos o contexto de pesquisa envolvido, o componente curricular Temas Atuais e Formação Humana, quem são os alunos participantes e as atividades desenvolvidas pelos alunos. No mesmo capítulo, apresentaremos o modelo de análise do gênero artigo de opinião que servirá como base para o olhar dos demais textos do gênero envolvidos na pesquisa.

Por fim, no capítulo 5, apresentaremos a investigação em si feita a partir do material coletado: levantamento dos gêneros e temas das coletâneas, as propostas de produção de texto, a grade inicial de correção, os argumentos encontrados nas coletâneas, os argumentos usados pelos alunos e as intervenções feitas pela docente. Em outras palavras, colhemos todas as informações possíveis envolvidas no contexto da pesquisa para analisá-las e tecer nossas considerações.

CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neste capítulo, apresentaremos um panorama geral da Educação a Distância no Brasil, o que nos ajudará a compreender o cenário em que se inseria a pesquisa no momento em que foi realizada, a segunda década do século XXI. Para isso, inicialmente, elaboramos uma breve contextualização; em seguida, trataremos da questão histórica dessa modalidade na educação brasileira, depois abordarmos os principais desafios encontrados na EaD atualmente, por fim, elaboramos breves considerações sobre o processo de escrita na modalidade EaD.

2.1 – História da EaD no Brasil

O contexto de expansão das ofertas e possibilidades de ensino por meio de ferramentas digitais pode levar a uma interpretação equivocada sobre o surgimento da EaD no Brasil, pois muitos consideram que apenas o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação possibilitou a oferta de cursos totalmente a distância. Porém, tal ponto de vista é errôneo, já que a origem das primeiras ações que, mais tarde, possibilitaram a expansão observada no cenário atual, é mais antiga.

Historicamente, pode-se considerar que as primeiras manifestações relacionadas à EaD no Brasil, segundo Veloso (2019), são do século XIX, aproximadamente do ano 1891, quando, no Rio de Janeiro, um jornal que circulava na época começou a anunciar cursos profissionalizantes promovidos apenas por correspondência. Pouco tempo depois, em 1904, chegaram ao solo brasileiro as primeiras Escolas Internacionais, que eram escolas originárias dos Estados Unidos que trabalhavam com cursos pagos oferecidos por meio de correspondência. Essa iniciativa teve um projeto sucessor no Brasil anos mais tarde com o surgimento do Instituto Universal Brasileiro, o qual apresentava uma proposta de trabalho também por correspondência no país.

Assim, no cenário brasileiro, a Educação a Distância começa com a oferta de cursos ofertados através de cartas e, mais tarde, recebe o reforço de outra tecnologia no início do século XX: o rádio. De acordo com Cabral (2020), tal ferramenta tornou-se um meio de promoção de informação, cultura e educação, o que possibilitou um alcance mais massivo e promoveu a junção de tecnologias. Inclusive, anos mais tarde, a televisão tornou-se mais uma ferramenta que proporcionou destaque considerável nessa área e agregou o grupo das tecnologias utilizadas no meio educacional.

Vale destacar que a implementação dos primeiros cursos ofertados no modelo a distância no Brasil estava relacionada à formação de mão-de-obra qualificada para o comércio e para a indústria, assim como serviços gerais. Tal movimento se deu devido ao desenvolvimento das grandes cidades e da indústria que acontecia naquele momento, o que fez aumentar a necessidade de formar trabalhadores para atuarem em áreas específicas e em funções que não existiam anteriormente.

Segundo Cabral (2020), ocorreram outras tentativas de uso de recursos tecnológicos para superação da distância, como: a inauguração da Rádio Sociedade no Rio de Janeiro em 1923; o Instituto Rádio Monitor em São Paulo em 1939 pelo húngaro Nicolás Goldberger; o Projeto Minerva na década de 1970, e a Associação Brasileira de Teleducação (ABT), os quais usavam principalmente o rádio ou/e a televisão como ferramenta tecnológica.

Além disso, de acordo com Cabral (2020, p.47):

[...] também na década de 1970, os primeiros computadores são incorporados à tecnologia nacional por meio das universidades, e, em 1972, inicia-se a discussão a respeito de uma Universidade inspirada na proposta de ensino da *Open University* da Inglaterra. Esta última foi uma iniciativa que não prosperou naquele momento, entretanto, ela já indicava uma discussão inicial do que seria a Universidade Aberta, a qual acabou efetivando-se décadas mais tarde, em 2005.

Ao longo do tempo, com o surgimento de novas modalidades envolvendo os dois eixos 'educação e distância', outras tecnologias passaram a ser utilizadas para promoção de ensino e aprendizagem, o que abriu espaço para a discussão a respeito da nomenclatura que definisse os diferentes modelos de trabalho. Mill (2013b) afirma que muitas vezes os termos educação a distância, ensino a distância ou aprendizagem a distância (e-learning) são tratados como sendo o mesmo conceito, mas não o são. O termo 'ensino' está focado no trabalho do professor, já o termo aprendizagem supõe o aluno, mas, desse modo, a questão fica centrada no conteúdo e não no sujeito, também não na relação entre os alunos e o conhecimento; já o termo educação é mais complexo e amplo, pois supõe a relação entre alunos, professores e conhecimento.

Por esta razão, assumimos em nosso trabalho o conceito de Educação a Distância (EaD). Conforme define Mill (2013b, p. 22):

Tomaremos a sigla EaD como educação a distância – uma modalidade de educação geralmente considerada uma forma alternativa e complementar para a formação do cidadão (brasileiro e do mundo) e que tem se mostrado bastante rica em potenciais pedagógicos e de democratização do conhecimento.

Ainda em relação à definição, a EaD é marcada fundamentalmente, conforme Mill (2013b), pela separação física entre professor e alunos, em relação ao espaço e ao tempo, o que aproxima o modelo de EaD da época aos primeiros modelos por correspondência, rádio ou televisão. Outra característica deste modelo é a intensificação do uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) atuando como mediadoras da relação ensino-aprendizagem. Desse modo, tal modalidade supõe essencialmente a proposta de ensinar e aprender sem que professores e alunos estejam no mesmo local ao mesmo tempo. Além disso, esse formato supõe que a aprendizagem é mediada por diferentes ferramentas e tecnologias, como é o caso de programas computacionais, livros, CD e outros recursos de internet, os quais são disponibilizados em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Nesse sentido, as primeiras formas de ensino por correspondência, via rádio ou televisão não seriam bem descritas se tratadas também como sendo EaD, principalmente por não suporem a interação, que é possível no formato que temos hoje em dia através dos diversos suportes tecnológicos que viabilizam a comunicação síncrona e assíncrona entre os participantes. Portanto, as primeiras ocorrências de ensino por correspondência foram precursoras no formato, mas apresentavam peculiaridades à parte.

Já em termos legais, a EaD é compreendida, segundo Cabral (2020) como:

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017, não paginado)

De fato, o respaldo legal para a modalidade EaD ficou marcado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei 9.394/ dezembro de 1996). O artigo 80 da LDB abre a possibilidade de uso dessa modalidade em todos os níveis de ensino. Tal artigo foi mais detalhado e regulamentado em 1998 pelos Decretos 2.494 e 2.561; mais tarde ambos foram revogados pelo Decreto 5.622/2005 e mais recentemente pelo Decreto 9.057/2017, que estabelece no artigo 1º:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, LDB, Lei 9.394/ dezembro de 1996)

Assim, ficou regulamentada a modalidade e foram estabelecidos os critérios para a EaD no Brasil. A partir da legislação vigente, muitas instituições passaram a se interessar por esse modelo, o que não garantiu o total apoio por parte da população em geral, pois a EaD sofreu muitos preconceitos, principalmente no que tange à questão da qualidade de ensino-aprendizagem ofertada.

Nesse viés, muitos acontecimentos e iniciativas contribuíram para que essa visão mudasse no cenário do momento. Mill (2013b) sugere que as principais contribuições para a superação dessa perspectiva estão relacionadas a: mudanças na legislação, especificamente na LDB; elaboração de políticas públicas de formação oferecidas através dessa modalidade; adaptações que tornaram o perfil de iniciativas de EaD mais robusto e mais bem estruturado; maior preocupação com a superação da cultura/mentalidade de EaD como uma forma de educação de segunda categoria e menor qualidade; e a instalação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), iniciativa que incorporou algumas universidades federais e públicas na modalidade EaD, o que mudou a opinião de muitos leigos e críticos.

Em linhas breves, esse cenário contextualiza a história da EaD no Brasil, desde os primeiros cursos ofertados a distância, como as iniciativas por correspondências, depois com a incorporação de novas formas de tecnologia de comunicação e, por fim, com a fundação das primeiras instituições ofertando essa modalidade até o modelo vigente no momento da pesquisa.

Para finalizar a seção, vale esclarecer um ponto a respeito da definição recente de EaD, que de acordo com Mill (2013b), em suma, é uma modalidade de educação que faz uso de tecnologias telemáticas, as quais são baseadas nas telecomunicações e informática, e mostra grande potencial para alcançar pessoas em condições desfavoráveis para participar em cursos presenciais geralmente oferecidos em grandes centros de pesquisa e difusão do conhecimento, como as universidades.

Este apanhado histórico colabora para a discussão que será estabelecida na próxima seção a respeito de como é o cenário da Educação a Distância no país na época da realização da pesquisa.

2.2 - Breve contexto atual da EaD no Brasil

Após a contextualização histórica da modalidade no país, seguimos apresentando o cenário atual da EaD no Brasil. Nesse sentido, o senso comum nos leva a afirmar que a modalidade passou por um processo de grande expansão nos últimos anos, pois é notório o aumento de instituições que ofertam tal formato. Do mesmo modo, as pesquisas na área, como a de Cabral (2020), nos mostram que isso é um fato, pois, em sua dissertação de mestrado, o pesquisador apresenta dados detalhados a respeito da EaD e seu crescimento no Brasil.

Antecipadamente, é importante destacar que a expansão não foi generalizada, visto que os dados analisados por Cabral (2020) mostram que houve ampliação das matrículas, mas essas ficaram concentradas em determinadas instituições privadas de ensino superior. Além disso, o número de docentes da modalidade não acompanhou o mesmo crescimento e expansão observados no número de matrículas, o que configura uma discrepância, que merece atenção.

A tabela a seguir apresenta os dados com base em uma pesquisa no Censo da Educação Superior. As instituições de ensino superior (IES) foram separadas em públicas (federais, estaduais e municipais) e privadas para tornar a análise mais clara.

Tabela 1 – Número de IES por tipo

Tipo/Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Privadas	1.934	2.022	2.032	2.016	2.069	2.100	2.081	2.112	2.090	2.070	2.069	2.111	2.152
Públicas	231	248	249	236	245	278	284	304	301	298	295	296	296
Total	2.165	2.270	2.281	2.252	2.314	2.378	2.365	2.416	2.391	2.368	2.364	2.407	2.448

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no INEP (2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017)

FONTE: Cabral, 2020, p.26

Como se pode observar, a pesquisa apresenta os dados a partir de 2005 até 2017. Nesse período, o número de instituições passou de 2.165 para 2.448, o maior crescimento foi observado entre as instituições privadas e o aumento foi gradual durante o período. Na tabela

a seguir, podemos observar o crescimento das matrículas, o que complementa a informação a respeito dos números apresentados até aqui.

Tabela 2 – Número de matrículas na Educação Superior por modalidade (presencial e EaD)

Tipo/Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Privadas	60.127	165.145	275.557	448.973	666.266	749.318	815.138	932.334	999.087	1.202.503	1.265.387	1.372.826	1.591.413
Públicas	54.515	42.061	94.209	278.988	172.696	181.602	177.924	181.624	154.553	139.373	128.393	122.601	167.837
Total	114.642	207.206	369.766	727.961	838.962	930.920	993.062	1.113.958	1.153.640	1.341.876	1.393.780	1.495.427	1.759.250

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no INEP (2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017)

FONTE: Cabral, 2020, p.26

Como se pode observar nos números apresentados, a quantidade de matrículas na modalidade EaD teve um aumento significativo, principalmente nas instituições privadas. Em 2005, 60.127 alunos estavam matriculados em cursos nessa modalidade, já em 2017, o número salta para 1.591.413. Ou seja, em 12 anos, houve uma ampliação de cerca de 1,5 milhões de matrículas na EaD das universidades privadas. Outro dado a se destacar nesse sentido apontado por Cabral (2020) refere-se à comparação entre o aumento das matrículas dos cursos presenciais e EaD. Durante o período pesquisado, no setor privado, o número de matrículas aumentou 46,7% na modalidade presencial e 1.434% na modalidade EaD, ou seja, a expansão de vagas em EaD mostra um cenário de ampliação dessa modalidade.

Tal informação, é associada, pelo pesquisador (Cabral, 2020), às políticas públicas que possibilitaram o credenciamento de IES e tornaram algumas regras mais simples para a abertura de polos em EaD, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 3 – Números de polos de EaD por tipo de IES

Tipo/Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Privadas	4.496	4.175	5.810	3.952	3.826	3.690	3.634	3.868	5.657	13.320	20.514
Públicas	1.478	1.192	1.701	1.480	1.501	1.222	1.281	1.266	1.395	2.132	2.276
Total	5.974	5.367	7.511	5.432	5.327	4.912	4.915	5.134	7.052	15.452	22.790

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no SEMESP (2019) e no Ministério da Educação ([201-])

FONTE: Cabral, 2020, p.27

Os dados apresentados mostram que a quantidade de polos de EaD aumentou expressivamente no período em ambos os perfis de IES, mas foi maior e mais evidente nas instituições privadas. Cabral (2020) acredita que esse crescimento está atrelado à flexibilização de políticas públicas e à legislação na área para beneficiar a oferta de EaD e a criação de novos polos. O Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017, por exemplo, possibilitou o credenciamento de polos que ofertassem cursos exclusivamente em EaD.

Se por um lado houve notável expansão, crescimento de matrículas e polos, por outro lado, não pode se afirmar o mesmo quanto ao número de docentes, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 4 – Número de docentes na Educação Superior no Brasil – presencial e EaD

Tipo/Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Privadas	194.471	201.280	208.213	209.599	217.840	214.546	217.834	212.394	212.063	220.273	222.282	214.550	209.442
Públicas	98.033	100.726	108.828	111.894	122.977	130.789	139.584	150.338	155.219	163.113	165.722	169.544	171.231
Total	292.504	302.006	317.041	321.493	340.817	345.335	357.418	362.732	367.282	383.386	388.004	384.094	380.673

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no INEP (2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017)

FONTE: Cabral, 2020, p.29

Ao analisar os dados da tabela apresentada anteriormente é possível afirmar que o aumento do número de docentes foi em torno de 12% em cerca de 12 anos, o que representa uma estagnação do contingente de profissionais entre os anos analisados. Pesquisas anteriores, como de Cabral (2020), Velloso (2019) e Feitoza (2019), apontam para essa problemática, pois o Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017 abre a possibilidade para novas funções no trabalho na área ao não mencionar a palavra “professor” e mencionar “profissionais da educação”. Assim, abriu-se espaço para contratações mais flexíveis e, muito provavelmente, menos custosas, como é o caso do papel exercido pelo profissional nomeado como tutor, o que levanta questionamentos a respeito das condições de trabalho.

Tal questão sobre o papel do docente e sobre o trabalho virtual no ensino superior tem sido debatida em pesquisas recentes, como forma de levantar apontamentos para fomentar reflexões e discussões. Um exemplo de estudo na área é o trabalho de Ripa e Ventura (2018). Tal pesquisa aponta que não há clara definição a respeito de alguns pontos na EaD, por esta razão, o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem sido usado como parâmetro para a contratação, para o reconhecimento e para a remuneração dos agentes de EaD. Os autores destacam também que as indefinições são observadas tanto nas instituições públicas quanto

nas privadas. Desta forma, podemos afirmar que ainda há pontos a serem debatidos e definidos na área.

Outro dado significativo provém da avaliação que o Ministério da Educação (MEC), através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), promove para análise dos cursos superiores, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE). O exame tem como objetivo avaliar o desempenho de alunos concluintes de curso de graduação e de IES, pois os dados coletados fornecem informações para análise a respeito da qualidade da educação superior no país.

Nesse sentido, segue uma tabela apresentando os dados dos cursos avaliados no ano de 2017:

Tabela 5 – Conceito ENADE dos cursos avaliados em 2017 por modalidade

EaD			Presencial		
Conceito ENADE	Total de cursos	%	Conceito ENADE	Total de cursos	%
1	31	6,3	1	477	4,9
2	194	39,4	2	2.679	27,6
3	195	40,0	3	3.801	39,0
4	61	12,0	4	2.173	22,0
5	12	2,0	5	588	6,0
Total	493	100	Total	9.718	100

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no INEP (2018a). Não foram incluídos cursos sem conceito

FONTE: Cabral, 2020, p.31

A tabela acima apresenta de forma resumida a comparação dos cursos avaliados na modalidade EaD e presencial em 2018. Entre os 493 cursos EaD avaliados que obtiveram algum conceito, 45,6% não obtiveram o conceito considerado satisfatório pelo MEC e 2% atingiram a nota máxima. Enquanto entre os cursos presenciais avaliados, 32,5% obtiveram nota insatisfatória e 6% atingiram a nota máxima. Tais informações levantam um debate a respeito da necessidade de um olhar atento para a questão da qualidade nos cursos ofertados na modalidade EaD, o que também fundamenta parte dos preconceitos sobre a área já mencionados.

Outro ponto a se destacar é a Portaria nº 2.117 de 6 de dezembro de 2019, a qual dispõe sobre “a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância – EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por instituições de Educação Superior – IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino.” (BRASIL, 2019, não paginado). No artigo 2º, fica estabelecido

que as IES poderão ofertar até 40% da carga horária dos cursos presenciais na modalidade EaD. A exceção ao que é disposto é apenas o curso de Medicina.

Na sequência, o artigo 4º estabelece que a carga horária correspondente aos 40% mencionados ofertados em EaD deve incluir métodos e práticas de ensino-aprendizagem que façam uso integrado de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além disso, deve contar com material didático específico, mediação, docentes, tutores e profissionais da educação formados e qualificados na área de atuação. Desta forma, compreendemos que o estudo sobre as práticas em EaD não está relacionado apenas aos cursos ofertados nesta modalidade, mas também aos cursos presenciais que oferecem parte da carga horária a distância, como é o caso que investigamos.

Por fim, os dados apresentados apenas resumem uma parte do cenário maior que representa a EaD no Brasil recentemente, mas esclarecem de forma sucinta como está o contexto atual. Essa modalidade de educação teve uma significativa expansão nos últimos anos no país, o que provavelmente foi possibilitado por políticas públicas no setor que promoveram a ampliação do número de polos pelo país. Ademais, tal crescimento não foi generalizado, pois ficou mais concentrado em IES privadas e a figura do professor pode ser flexibilizada e/ou substituída pelo tutor. Além disso, ainda há pontos indefinidos nesse sentido, como a questão da remuneração ou a jornada de trabalho. Por último, os dados mostram que a questão da preocupação com a qualidade da Educação Superior passa pela oferta de cursos em EaD, mesmo que tenham deixado de ser uma preocupação isolada a esta modalidade, visto que adentrou os cursos presenciais também. Portanto, esta modalidade de educação constitui um campo em expansão que precisa ser mais investigado.

2.2.1 Perfil dos alunos de EaD atualmente

Historicamente, a sociedade do século XXI tem mais acesso à informação e ao conhecimento do que as anteriores devido ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Porém, isso não significa que todos sejam capazes de processar e produzir informações de forma adequada. Inclusive, alguns autores designaram essa postura de “autismo social” (Goleman, 2006, apud Carmo 2013), pois há um excesso de informação inútil, carência de informação relevante e informações involuntárias ou mesmo deformadas.

Tal situação caracteriza um paradoxo responsável pela situação complexa que envolve a sociedade contemporânea, a qual acabou sendo marcada por mudanças aceleradas, crescimento de desigualdade social e novos sistemas de poder, conforme afirma Carmo (2013). Assim, os efeitos sociais advindos desta conjuntura são significativos e provocam efeitos profundos sobre as gerações atuais. Vale ainda destacar que a questão não envolve apenas a insegurança em relação à situação em que nos encontramos, mas também as ameaças de um futuro incerto.

Nesse sentido, alguns desafios a serem superados envolvem mudanças em relação ao crescimento da população e o processo de envelhecimento generalizado, pressões ambientais e econômicas, exclusão social e pobreza, como afirma Carmo (2013). Assim, para ultrapassarmos tais ameaças e incertezas, alguns caminhos devem ser trilhados por mobilização social, o que nos leva a pensar no papel da educação para formação de cidadãos.

A partir do cenário descrito, faz-se necessário repensar a educação tradicional e analisar as novas modalidades e possibilidades. Carmo (2013) aponta alguns aspectos a serem considerados que envolvem a reformulação da equação da educação, pois a expectativa de vida humana foi ampliada nas últimas décadas, o que gerou uma mudança no conceito e na preocupação com a educação e a formação inicial.

Além disso, a mudança em relação à longevidade provocou o aumento da busca por formação ao longo da vida, o que significa que a vida profissional foi ampliada e a necessidade de adaptação às questões da modernidade tornou-se crucial para permanência no mercado de trabalho.

Considerando este cenário, a EaD aparece como alternativa viável para a complementação da formação inicial e como meio de ampliar a formação educacional ao longo da vida, inclusive a modalidade acaba sendo a mais procurada por pessoas nesse perfil, conforme mostra a tabela abaixo com os dados sobre a faixa etária dos alunos matriculados nas IES da rede privada no ano de 2017. Vale destacar que, ainda que existam dados referentes a todos os formatos de educação brasileira, recuperamos apenas os dados referentes a instituições privadas, pois, conforme abordado em seção anterior, a oferta de vagas nesse setor cresceu bastante nos últimos anos. Ademais, este é o setor que mais nos interessa, neste momento, devido ao foco de nossa pesquisa estar relacionado a uma universidade privada e à modalidade EaD.

Tabela 6 – Faixa etária de alunos matriculados nas IES da rede privada no ano de 2017

	até 18 anos	19-24	25-29	30-34	35-39	40-44	acima de 44
Presencial	5,00%	52,60%	19,30%	10,10%	6,30%	3,30%	3,40%
EaD	1,60%	21,90%	20,30%	19,45%	16,20%	9,80%	10,80%

Fonte: Elaborado pelo autor com base no SEMESP (2019)

FONTE: Cabral, 2020, p.36

Como pode ser observado na tabela apresentada, cerca de 42,4% dos alunos matriculados em EaD estão entre as faixas etárias de 25-29, 30-34, 35-39, 40-44 e acima de 44 anos, ou seja, quase metade dos estudantes já passaram da idade regular de estudantes universitários oriundos diretamente do Ensino Médio regular.

Na época da divulgação de tais dados, o Ministro da Educação afirmou: “Temos claramente públicos prioritariamente distintos que buscam a EaD e a presencial. Mais jovens solteiros estão em número maior na presencial, no início da vida. Na EaD estão pessoas que estão mais estabilizadas no trabalho e querem continuar crescendo na carreira” (SOARES, 2018b, não paginado). Tal afirmação corrobora com o que afirmamos a respeito do aluno que procura esta modalidade de educação.

A declaração do ministro nos leva a inferir que o perfil do aluno de EaD está relacionado a pessoas que buscam este formato por conta da flexibilidade de horário. Muito provavelmente, também são profissionais que procuram custos mais baixos tendo em vista que, pela faixa etária, envolve pessoas que já atuam no mercado de trabalho e precisam de formação ao longo da vida e da carreira, ademais, por serem mais velhas, estima-se que já tenham formado uma família e precisem ajudar financeiramente nos gastos cotidianos.

Outro ponto a se destacar é que a EaD, segundo Carmo (2013), apresenta mais publicidade e transparência em relação a seus métodos e materiais didáticos por conta do formato.

Uma informação significativa a ser destacada é que os dados do ENADE de 2017, conforme Cabral (2020), apontam que cerca de 63% dos alunos matriculados em EaD cursavam Pedagogia. Tal dado remete às afirmações anteriores sobre o perfil do aluno que procura a EaD: pessoas já atuantes no mercado de trabalho e com idade superior à regular para o ingresso após a conclusão da educação básica.

Por fim, destacamos que o conjunto de dados analisados nesta pesquisa envolve justamente alunos matriculados no curso de Pedagogia. Ainda que o curso investigado não

seja ofertado na modalidade EaD, o componente curricular analisado é assim ofertado assim, o que nos permite levantar questionamentos e reflexões sobre a área para contribuir com o cenário atual.

2.3 Desafios em EaD

Diante do cenário apresentado, é evidente que a EaD passa por desafios a serem superados em benefício de todos os envolvidos: a questão da qualidade, o crescimento da oferta, o papel dos profissionais envolvidos, a remuneração, são os que mais se destacam. Além dos preconceitos já mencionados, a mudança da mentalidade da sociedade sobre a relação entre educação e tecnologia passa por questionamentos como o apontado por Mill (2013a): “Qual é a função social da educação na contemporaneidade?”.

A resposta a essa pergunta deve envolver os princípios legais para a educação, conforme aponta a LDB 9394/96 em relação a sua função social:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996)

Em relação ao principal objetivo para educação estabelecido nesse artigo, fica a dúvida a respeito de como seria preparar o aluno, como ser humano, para o exercício da cidadania frente ao cenário de desenvolvimento da tecnologia mais recente, como destaca Mill (2013a). Além disso, como a instituição de ensino poderia preparar o estudante para qualificá-lo para o mercado de trabalho?

Tais questionamentos se mostram relevantes para definir o que se entende por aprendizagem, ensino, gestão e recursos – como materiais didáticos – utilizados como ancoragem para dar suporte ao desenvolvimento do conhecimento. Nesse sentido, vale destacar que, de acordo com Mill (2013a), pesquisas indicam que, nos últimos anos, houve uma mudança no perfil do educador, que passou a ser mais orientador e menos detentor único do conhecimento, e do gestor, o qual passou a ser maior promotor de participação.

Além disso, tal artigo legal mencionado deve ser aplicado em qualquer modalidade de educação e supõe que o país seja capaz de superar algumas propostas educacionais que não atenderam adequadamente a nova função da educação. Algumas dessas propostas estão vinculadas à área de educação e tecnologias. Assim, o cenário apresenta desafios a serem superados no setor.

A questão fica mais evidente ao recuperarmos alguns mitos e equívocos relacionados à articulação entre educação e o uso de ferramentas tecnológicas, conforme uma pesquisa de Lion (apud Mill 2013a, p.13):

- a) aparecimento de contraposições de tecnofobias e tecnofilias sem a devida análise dos benefícios das TIC na educação;
- b) a vigência da noção de que as inovações tecnológicas implicavam inovações pedagógicas;
- c) o prevalecimento da importância dos produtos sobre o processo educacional.

Como mencionado, são mitos e equívocos, mas que de alguma forma, prejudicam a visão que a sociedade tem sobre as tecnologias da informação e comunicação atrelados à educação. É importante pontuar que o principal não é a defesa de qualquer recurso tecnológico como ferramenta de aprendizagem em qualquer situação, mas uma melhor articulação para uma relação possível.

Considerando que a tecnologia pode trazer benefícios para a área educacional, vale destacar que esta, como afirmou Mill (2013a), não determina a sociedade, mas está diretamente ligada ao estágio de evolução da sociedade. Assim, é necessário considerar que há um movimento dialético e complexo estabelecido entre a sociedade e a tecnologia há muito tempo. Além disso, não é a sociedade que determina seu curso de transformação, mas, sem sombra de dúvidas, esse fluxo é perpassado pela tecnologia de cada época.

Nesse viés, surge uma outra perspectiva importante a se destacar que é a não neutralidade da tecnologia, a qual sempre estará vinculada a um contexto histórico, cultural e social. O cenário do século XXI é marcado pelo constante uso de recursos tecnológicos que possibilitam novas formas de comunicação e interação entre os sujeitos. Esse fato trouxe novas possibilidades de significar o tempo e o espaço, como assinala Mill (2013a).

O autor ainda se pergunta “de que forma essas características peculiares ao atual estágio de desenvolvimento tecnológico podem ser consideradas na prática educacional?”. Essa pergunta está ligada à busca de uma articulação entre educação e tecnologia que seja favorável a um processo civilizatório mais justo, no sentido da formação humana emancipada e consciente. Nesse sentido, Lévy (1999, p.172) afirma que:

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos [da cibercultura] de transação do conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno.

Ademais, o uso de novas tecnologias no meio educacional configurou um cenário propício a propostas de inovações tecnológicas (Mill, 2013a). Tais inovações tiveram implicações positivas e negativas, mas, sem considerar a questão capitalista envolvida – e criticada por alguns setores -, há duas características muito relacionadas ao desenvolvimento tecnológico de cada época, as quais estão muito ligadas à educação: a capacidade de atingir determinado público e o potencial para articular novos processos cognitivos. As duas características podem ser exploradas de forma positiva por educadores, gestores e pelos estudantes, como afirma Mill (2013a), para estimular a evolução de novos processos cognitivos.

Nesse sentido, percebe-se a importância de repensar a educação para que as inovações tecnológicas promovam melhorias na aprendizagem e não sejam usadas apenas como transposição de modelo (Mill, 2013a) do que se fazia no mundo físico-analógico para o mundo virtual. Afinal, na educação desenvolvida através de ferramentas tecnológicas, a própria relação social estabelecida na sala de aula muda. Como afirma Kerckhove (apud Mill, 2013a):

Como [as tecnologias] mudam relações no tecido social, elas reestruturam ou modificam também aspectos psicológicos, especialmente aqueles que dependem da interação entre a linguagem e o organismo humano ou entre a mente e a máquina. (Kerckhove, 197, p.275)

Assim, configura-se um cenário desafiador para se pensar a educação em seus aspectos constitutivos essenciais, pois o uso adequado de tecnologias inovadoras incorporadas na prática pedagógica promove uma mudança da mentalidade que envolve a gestão, o ensino, a aprendizagem e os recursos (tecnologias/materiais didáticos). Afinal, a incorporação de novas práticas se efetiva através da mudança da mentalidade e de mutações culturais.

Por fim, podem surgir inovações nas práticas pedagógicas e novos processos de democratização do conhecimento fomentados pelos avanços e aprimoramentos das TIC. Como afirma Lévy (1999), “são os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mutações culturais”.

Desse modo, fica evidente que o cenário é repleto de desafios a serem superados em vista do crescimento anteriormente destacado no setor e da busca por uma educação de qualidade.

2.4 - Grupos que pesquisam EaD no Brasil

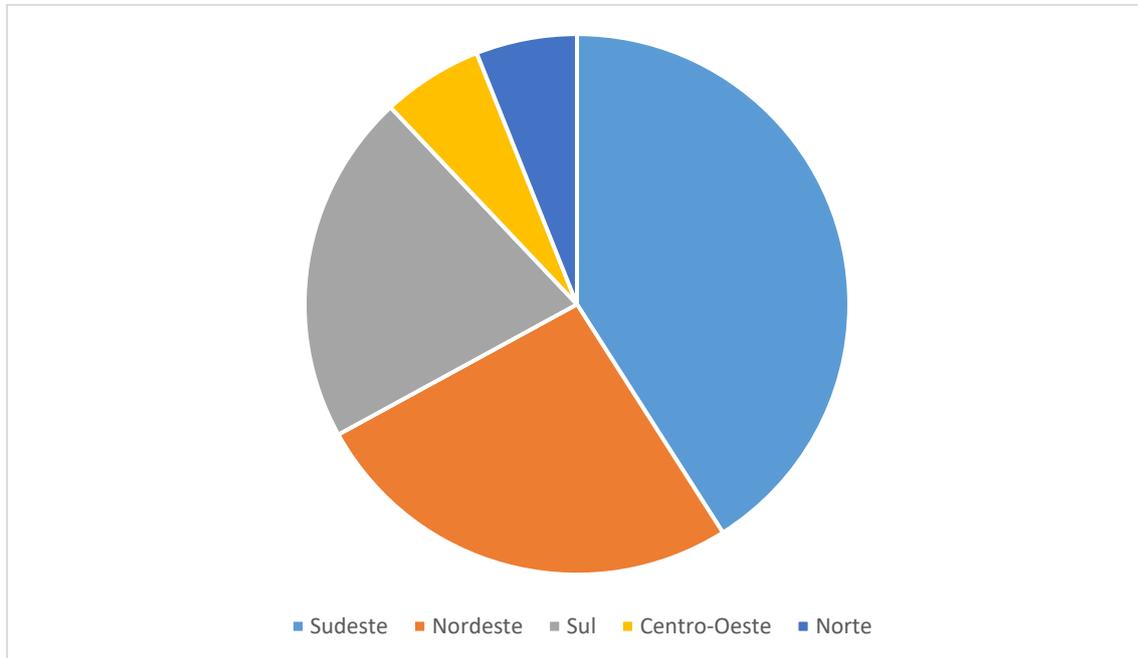
Conforme já afirmamos em seção anterior, a oferta de cursos na modalidade EaD cresceu consideravelmente no Brasil nos últimos anos. Tal expansão fortaleceu essa vertente da educação, mesmo assim, continua a ser uma opção de estudo diferente dos cursos ofertados de forma totalmente presencial.

Nesse sentido, abriu-se um campo para o levantamento de questionamentos e investigações de cunho científico, afinal, os recursos, espaços, tempos, procedimentos, formas de gestão, políticas e práticas são muito específicos dessa modalidade, como afirmam Kenski, Medeiros e Órdeas (2018).

Diante do cenário e das dificuldades encontradas, formaram-se grupos de diferentes áreas do conhecimento que se organizaram para estudar a EaD. Para compreender o desenvolvimento desses trabalhos, foi realizada uma pesquisa denominada “Grupos que pesquisam EaD no Brasil” apresentada por Kenski, Medeiros e Órdeas (2018). Essa pesquisa envolveu 3 etapas: Formação da Rede de Pesquisadores, Ação Integrada e Análise e produção textual.

Os dados divulgados demonstraram que os grupos que estudam EaD estão espalhados por todo o país. Na época do levantamento dos dados utilizados, em 2017, foram encontrados 411 grupos de pesquisa sobre o tema. Segundo Kenski (2018), o crescimento de pesquisas na áreas está relacionado ao crescimento de pós-graduados, mais especificamente doutores, que trabalham ou desenvolvem pesquisas em universidades e programas de pós-graduação. Tal interesse mostra convergência às exigências oficiais para autorização de funcionamento de Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu.

Gráfico 1: Distribuição regional dos grupos que pesquisam EaD no Brasil em %



FONTE: Kenski, Medeiros e Órdeas (2018, p. 21).

Conforme pode ser observado no gráfico, a região Sudeste apresenta o maior número de grupos: 167 (41%). A região Nordeste é a segunda em número de grupos com 106 (26%) e a região Sul tem 85 grupos (21%). Já a região Centro-Oeste concentra 27 grupos (6%) e a Norte, 26 grupos (6%).

A pesquisa apresenta também dados sobre o perfil das instituições que pesquisam EaD. Nesse sentido, foram encontradas 170 instituições que têm grupos de pesquisa sobre esse tema, entre elas, a maior parte é de IES, mas também há Centros de Pesquisa e outras instituições independentes. Das 170 mencionadas, 119, ou seja, 70%, são instituições públicas federais ou estaduais.

Essa informação chama a atenção devido ao fato de que o crescimento mais significativo de cursos ofertados em EaD está vinculado a instituições privadas, conforme apresentado em seção anterior, mas a área tem despertado maior interesse de pesquisadores de instituições públicas. O quadro a seguir apresenta a distribuição desses grupos por região e tipo de instituição.

Quadro 7 – Distribuição regional das instituições com grupos de pesquisa sobre EaD por categoria administrativa nas regiões do Brasil segundo Kenski, Medeiros e Órdeas

Região	Instituições		Total
	Pública	Privada	
Norte	12	3	15
Nordeste	34	6	40
Centro-Oeste	12	2	14
Sudeste	38	23	61
Sul	23	17	40
Total	119	51	170

FONTE: Kenski, Medeiros e Órdeas (2018, p. 23).

De qualquer modo, independente da predominância do perfil da instituição, como apontam Kenski, Medeiros e Órdeas (2018, p. 21), o interesse acadêmico e investigativo pela modalidade está presente em todas as regiões brasileiras. Esse fato pode ser um prenúncio de contribuições para o avanço dessa modalidade de ensino e, conseqüentemente, diminuição dos preconceitos, como aponta o amadurecimento da EaD nos últimos anos.

Em relação à maturidade dos grupos, Kenski (2018) aponta que 74,1% deles foram criados entre 2006 e 2016. Esta informação pode estar ligada ao surgimento da Universidade Aberta do Brasil em 2007. São poucos os grupos que, segundo dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP/CNPq) (Kenski 2018), estabelecem parceria ou rede, que seria um critério para apontar a maturidade do grupo. Assim, é possível afirmar que poucos grupos apresentam essa condição de maturidade.

Kenski (2018) também aponta que o tamanho dos grupos é bastante variável, podendo ser composto por 1 pesquisador ou mais de 100 participantes. Entre estes, há integrantes de três categorias: pesquisadores, estudantes e técnicos. Já em relação ao tema, a pesquisadora informa que Ensino-aprendizagem e formação de professores permeiam as preocupações e os interesses

Ademais as pesquisas que envolvem ensino superior são as mais frequentes, de acordo com Kenski (2018). Também há interesse pela área da Gestão. Porém, poucos grupos parecem ter visibilidade, porque a maioria não possui portal on-line, website, blogs ou participam de redes sociais.

Por fim, vale destacar que o tema é estudado por todas as áreas do conhecimento e apresenta grande variedade de assuntos. As áreas de pesquisa com maior destaque na área ficaram entre as Ciências Humanas (Educação) e Ciências Exatas (Ciências da Computação). Esse fato é bastante compreensível se considerarmos que ambas se ocupam de pesquisar sobre o tema devido aos interesses relacionados ao campo de atuação de cada uma. Ademais, quanto mais pesquisas forem realizadas, mais contribuições teremos para o desenvolvimento da área.

2.5 A escrita na EaD

A última seção deste capítulo destaca a questão da escrita na modalidade EaD, não somente por nossa pesquisa envolver a produção de textos, mas também porque o processo de escrita com o auxílio de novos recursos envolve novos processos cognitivos que merecem atenção.

Segundo Mill e Jorge (2013a), as sociedades grafocêntricas tradicionais e as sociedades grafocêntricas digitais não surgiram na mesma época, mas, neste momento, coexistem no mesmo espaço e no mesmo tempo. Porém, nem todos os indivíduos circulam da mesma forma entre as diferentes práticas sociais que envolvem a escrita.

Sobre esse aspecto, Kerckhove (apud Mill e Jorge, 2013) destaca que a inteligência humana evolui e este processo acompanha também a evolução da linguagem e das tecnologias que suportam e processam a linguagem. A escrita é considerada a primeira dessas tecnologias. Nesse sentido, a escrita acaba provocando transformações internas no homem, a principal delas envolve o seu modo de funcionamento cognitivo.

Além disso, a forma como as pessoas se relacionam e, conseqüentemente, as estruturas cognitivas mobilizadas por esse indivíduo sofrem transformações profundas. Um exemplo é que a comunicação não se dá da mesma forma quando mediada por um telefone, computador ou outra forma de tecnologia semelhante, pois cada situação exige processos cognitivos distintos. Dessa forma, como apontam Kenski, Medeiros e Órdeas (2018, p. 21), os artefatos têm influência sobre as estruturas cognitivas e o contrário também é válido.

Assim, a partir dos estudos mencionados, podemos afirmar que o processo de produção de textos em um novo contexto influi no resultado o que evidencia a necessidade de mais pesquisas na área. Mill e Jorge (2013) afirmam que:

Essa nova lógica de ensino-aprendizagem requerida pela era da informação contrasta com a carência de formação de profissionais para desenvolver atividades com o apoio de novas tecnologias. De um lado, surgem situações propícias para o desenvolvimento de uma nova pedagogia (investimento em equipamentos e mudanças de mentalidade em relação ao uso de novas tecnologias); de outro, as condições de trabalho dos professores não se apresentam como adequadas para desenvolver tal pedagogia.

A questão da falta da formação e profissionais em si já é um elemento complicador para o processo de ensino e aprendizagem da escrita em EaD, mas não é o único ponto que deve ser questionado, pois a questão do uso de dispositivos tecnológicos na educação é controversa desde sua origem. Estudos já comprovaram que o uso de laptop em sala de aula pode gerar distrações ao estudante, como afirmam Muller e Oppenheimer (2014), porém a questão vai mais além. Os autores ainda destacam que pesquisas sobre codificação e armazenamento de informações apreendidas mostraram que tomar notas melhora o aprendizado e a retenção da informação.

Nesse sentido, o uso de dispositivos como o laptop podem facilitar tomar nota em uma situação, por exemplo, de transcrição a oralidade, pois, geralmente, os estudantes são mais rápidos digitando do que escrevendo com um lápis ou uma caneta. Mas, as pesquisas apresentadas por Muller e Oppenheimer (2014) indicam que alunos que fazem uso de laptop tendem a se distrair com mais facilidade, principalmente, se utilizarem um dispositivo com acesso à internet, e os alunos que fazem anotações usando os laptops, geralmente, fazem anotações mais literais do que ouvem, o que acaba prejudicando o aprendizado. Vale ainda destacar que os estudos mencionados provaram que os alunos que revisaram o conteúdo estudado pelas notas feitas pelo laptop tiveram um desempenho inferior em relação aos colegas que fizeram isso à mão.

Por outro lado, uma pesquisa recente trouxe mais dados a respeito da escrita na modalidade EaD. Riedo (2020), elaborou um Instrumento Automatizado de Avaliação Qualitativa de Produções Escritas (IAAQPE) como forma de promover o desenvolvimento da autonomia e do pensamento reflexivo e crítico através da reflexão da própria produção escrita. Os alunos inscritos em um curso de extensão sobre obras originais de autores clássicos na área educacional produziram textos como forma de uma avaliação escrita e o material foi corrigido por um sistema de inteligência artificial que proporcionava uma devolutiva imediata ao estudante. Assim, a partir da devolutiva, os autores dos textos poderiam refletir sobre sua

produção e, caso necessário, reescrever o texto e reenviá-lo para nova melhorar o resultado. O programa analisava a ocorrência dos principais conceitos encontrados nos textos originais que deveriam estar nos textos elaborados pelos alunos. Após a pesquisa e observação do material coletado, Riedo (2020) afirma que houve uma tendência de aumento das notas obtidas após a reelaboração dos textos, o que aponta para uma possibilidade de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico.

Portanto, a breve consideração que foi exposta sobre a escrita na modalidade EaD e a escrita apoiada em recursos tecnológicos, evidencia a necessidade de investigar os processos que envolvem esse formato de educação. A questão da escrita envolvendo recursos tecnológicos não deixa de ser um ponto importante a se investigar, visto que envolve novos processos cognitivos, como a velocidade da digitação e do raciocínio, a concentração frente a uma nova ferramenta, tais processos, na maior parte das vezes, por motivos diversos, não foram mobilizados em outra etapa do processo de formação do indivíduo. Além de possibilitar novos meios de correção e devolutiva aos estudantes capazes de promover o desenvolvimento da escrita. Desta forma, os paradigmas e preconceitos em relação à EaD precisam ser repensados.

CAPÍTULO 3 - O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E A ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Neste capítulo apresentaremos a perspectiva teórica que embasa nosso olhar para pesquisa: o quadro conceitual do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e as discussões atuais sobre a escrita na universidade. Primeiramente, traremos os pressupostos do Interacionismo Social, conforme os fundamentos de Vigotski (2007/2009), os quais formam a base dos trabalhos do ISD. Além disso, apresentaremos o modelo de análise adotado pelo ISD.

3.1 O interacionismo social

Interacionismo social é uma perspectiva teórico-metodológica que ficou bastante conhecida no Brasil através do trabalho do russo Lev Vigotski. Além dele, tal corrente é seguida por outras áreas das ciências humanas. De modo geral, a pesquisa interacionista firmou-se no campo do conhecimento pelo uso que faz da observação na pesquisa empírica, pois ao definir a interação como objeto de observação, abriu novos caminhos para diversas pesquisas.

Primeiramente, é necessário destacar que um dos princípios que embasa a perspectiva interacionista é o conceito de monismo spinoziano (SPINOZA, 1954). Tal doutrina compreende que o ser humano procede de um único princípio, mesmo que apresente uma aparente multiplicidade.

Inicialmente, a abordagem interacionista é a base para estudos sobre o desenvolvimento da atividade e do psiquismo humano (HEGEL, 1947), sobre o papel dos instrumentos, da linguagem e do trabalho na construção da consciência (MARX e ENGELS, 1951), entre outros. Ademais, o interacionismo social considera as dimensões biológicas/cognitivas como participantes do desenvolvimento das capacidades humanas para a evolução da espécie humana (DARWIN, 1859/1980).

Consoante ao que já foi esclarecido, Bronckart (2006, p.123) afirma que o interacionismo se opõe de forma radical a três princípios da tradição filosófico-científica, que seriam: estabilidade/evolucionismo; aceitação do fracionamento das ciências e do dualismo cartesiano. Vale destacar que tais princípios são orientadores para a maioria das abordagens das Ciências Humanas e Sociais.

Ainda sobre o trabalho de Lev S. Vigotski (2007, 2009), seus estudos foram bastante amplos e envolveram pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como: Filosofia, Literatura, Educação, Direito, Artes e Medicina, mas a Psicologia foi a que mereceu maior destaque em sua obra. Suas principais pesquisas buscavam uma abordagem que compreendesse o homem enquanto corpo e mente, como ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante de um processo histórico.

Dessa forma, Vigotski buscou analisar as capacidades superiores que diferenciariam o homem dos outros animais. Nesse sentido, o foco do interesse estava na gênese do desenvolvimento, sua estrutura e sua função. Mais especificamente a busca da compreensão quanto à gênese dos processos tipicamente humanos, em outras palavras, sua pesquisa se centrava na natureza das funções psíquicas superiores e especificamente humanas. Os principais colaboradores de Vigotski em suas pesquisas foram Luria e Leontiev.

Para o psicólogo russo, o cérebro é a base material que está em permanente desenvolvimento. Além disso, o indivíduo é considerado um ser biológico e sócio-histórico, ou seja, é fruto do meio e de um processo em que a cultura é a parte essencial para a constituição do que se entende por natureza humana. Assim, Vigotski compreende que o desenvolvimento psicológico não se dá de forma descontextualizada, pelo contrário, este seria um constructo social.

Ao compreender o desenvolvimento como o resultado de um constructo social, Vigotski também entende que as funções psíquicas superiores, tal como o pensamento lógico, a memória consciente, a atenção e a vontade não seriam inatas ao ser humano, portanto, não estariam prontas ao nascer. Nesse sentido, o ser humano tem o auxílio de instrumentos psicológicos¹, os quais se constituem como fenômenos psíquicos mediatizados, conforme Friedrich (2012).

Ademais, segundo Vigotski (2007), a relação do indivíduo com o mundo é estabelecida de forma indireta, ou melhor, mediada. Tal mediação é a base para a constituição do ser

¹ Optamos por adotar aqui a nomenclatura utilizada por J.Friedrich (2012) para as pesquisas de Vigotski, desta forma utilizaremos o termo signo psicológico.

humano e ocorre por meio das interações sociais, que se dão através de elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Tal processo de mediação é considerado fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e essencial para possibilitar as atividades psicológicas tidas como voluntárias, intencionais e controladas pelo próprio indivíduo.

Nesse sentido, o psicólogo russo considera que o processo de mediação se constrói através de objetos construídos sócio historicamente. Ele distinguiu dois tipos diferentes de elementos mediadores: os instrumentos e os signos, que possuem papéis similares, mas têm suas especificidades. Desse modo, os instrumentos são criados e utilizados para se atingir um objetivo, funcionando como um auxiliar no trabalho; já os signos são criados e utilizados como um meio para solucionar um problema de caráter psicológico, atuando como um instrumento de atividade psicológica.

Friedrich (2012) destaca que Vigotski considera que os objetos que promovem o desenvolvimento são instrumentos psicológicos, o que os difere de ferramentas técnicas. Para a autora, as ferramentas técnicas são utilizadas para as transformações das situações externas ao humano, por isso elas estão entre a atividade humana e o objeto externo e têm a função de promover a mudança do próprio objeto. Um exemplo mais claro para a situação é o efeito do martelo sobre o prego. Por outro lado, os instrumentos psicológicos têm a função de atuar nas próprias estruturas psíquicas, assim, agem no próprio psiquismo, no comportamento e na gestão da própria atividade.

Segundo Vigotski (2007), há três possibilidades para a relação entre signo e instrumento. A primeira possibilidade trata da discussão entre a analogia e os pontos em comum aos dois tipos de atividades, que considera que esses elementos funcionam como um caráter mediador. Já a segunda delas, esclarece os pontos diferentes entre signo e instrumento e aborda a diferença essencial entre ambos, que é: o signo tem orientação interna e o instrumento, externa.

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VIGOTSKI, 2007, p. 55)

Por fim, a terceira e última possibilidade é a ligação real dos desenvolvimentos do signo e do instrumento na filogênese e na ontogênese. Nesse sentido, Vigotski (2007) afirma

que “O controle da natureza e o controle do comportamento humano estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem.” (VIGOTSKI, 2007, p. 55).

Vale destacar um importante conceito trazido por Vigotski (2007): internalização, que é definida por ele como sendo uma reconstrução interna de daquilo que é uma operação externa. Para o autor, um exemplo que esclarece bem o processo de internalização é o desenvolvimento do gesto de apontar conforme é feito por uma criança. Inicialmente, o significado do gesto é o de apontar algo que ela deseja, mas à medida que alguém a sua volta reage e pega o objeto de desejo, a função inicial do gesto muda e passa de apontar para pegar o que ele deseja.

Tal exemplo mostra que o processo de internalização ocorre do meio social para o individual. Assim, “a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana” (VIGOTSKI, 2007, p. 58).

Nesse sentido, Clot (2006, p.24) aponta que o melhor termo para se referir ao trabalho de Vigotski seria apropriação e não internalização, o que justifica o emprego da palavra que passaremos a utilizar daqui em diante:

Eles são apropriados por e para ele; penso, portanto, que há, em Vygotski, uma teoria da apropriação e não uma teoria da internalização. Apropriação e interiorização / internalização não são a mesma coisa. A apropriação é um processo de reconversão dos artefatos em instrumentos, é um verdadeiro processo de recriação. É um processo – avançando um pouco – de subversão do artefato em instrumento.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, a apropriação ocorre quando os aspectos da fala externa ou comunicativa, como da fala egocêntrica interiorizam-se, assim, tornam-se a base da fala interior. Tal fato implica que todas as funções mentais superiores, segundo Vigotski, são relações internalizadas em razão da ocorrência do social para o individual.

Ainda sobre a questão da linguagem, o autor (2009) defende que a linguagem é um fator essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Ele inclusive acredita que ela tem especial papel no desenvolvimento humano e na formação de conceitos.

Segundo Vigotski (2009), a relação entre pensamento e linguagem se dá através da palavra, a qual é produto de relações construídas no contexto sócio-histórico, assim, o ser humano pode generalizar a realidade ao redor e refletir sobre ela sem necessariamente ter vivido a experiência direta com o meio. Desse modo, compreende-se que o pensamento

reflete o mundo de forma mediada e o homem pode representar o mundo a sua volta e pode agir sobre ele através da linguagem.

Portanto, a interação social é uma forma de mobilizar o desenvolvimento cognitivo humano, por esta razão, possui um papel fundamental na construção do ser humano, visto que é por meio da relação interpessoal que o indivíduo faz o processo de internalização das formas culturalmente estabelecidas. Bronckart (1999/2007) destaca que os humanos se diferem dos animais principalmente pela capacidade de se comunicar, o que permitiu que o homem tenha desenvolvido e perpetuado uma grande complexidade e diversidade de formas de organização e atividade.

Na seção seguinte, apresentamos uma vertente do interacionismo social: o Interacionismo Sociodiscursivo, que embasa nosso olhar para a pesquisa aqui apresentada.

3.2 - O quadro do Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma corrente teórica que teve início no fim do século XX, continua em estudo ainda hoje e foi constituída a partir das pesquisas de um grupo denominado *Language, Action, Formation* (LAF), o qual é vinculado à Unidade de Didática das Línguas da Universidade de Genebra. Tal grupo tinha como seu coordenador Jean-Paul Bronckart e contava com a participação de mais pesquisadores de diferentes disciplinas, como Bernard Schneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz. Destaca-se que as primeiras pesquisas do grupo surgiram como uma vertente que retomou questões de pesquisas já iniciadas pelo interacionismo social, conforme apresentado anteriormente.

A primeira obra que chega ao Brasil e divulga em grande escala as pesquisas do ISD é “Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo” de Bronckart - a tradução da versão original, publicada em 1997, chega ao Brasil em 1999 - que apresenta os conceitos fundamentais do ISD. Tal volume está bastante ligado à análise da linguagem em textos e discursos. Nesse sentido, Anna Rachel Machado, a tradutora da obra mencionada, teve papel fundamental, pois suas ações e pesquisas divulgaram o ISD no país.

Atualmente, no Brasil, o ISD é adotado como perspectiva teórica por diversos pesquisadores, principalmente aqueles pertencentes aos grupos ALTER-LAEL, ALTER-

LAEL/ CNPQ, mais tarde ALTER-CNPQ, os quais reúnem estudiosos de diversas universidades brasileiras e da Universidade de Lisboa (UNL) em Portugal e Universidade de Rosário, na Argentina, também agrupam pesquisas na mesma área.

Primeiramente, vale destacar que os pressupostos assumidos pelo ISD em comum ao Interacionismo Social são, conforme Bronckart (2008):

- O monismo materialista de Spinoza, que compreende que tudo o que existe é resultado da matéria viva, que está em constante mudança. Assim, mesmo que os aspectos físicos e psíquicos tenham manifestações diversas, ambos possuem a mesma natureza e relacionam-se de forma paralela.
- Oposição ao cartesianismo dualista de Descartes, que compreende que a mente não tem relação com o componente físico, mas poderia controlá-lo. Já Bronckart (2006) compreende que as propriedades cognitivas primam sobre as demais propriedades do ser humano.
- Rejeição à tese de Lavoisier, como é conhecida pela frase “Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, pois esta concepção entende que a natureza tem propriedades estáveis eternas. Por outro lado, o ISD entende que não há determinação categórica e previsível.
- Oposição ao fracionamento das Ciências Humanas/ Sociais, visto que esta postura considera que o Homem não poderia ser analisado em sua complexidade ao isolá-lo em um conjunto de práticas científicas, como compreende o Positivismo de Comte. Por esta razão, o ISD não segue o positivismo.

Quanto à compreensão dos signos, o ISD parte dos estudos de Saussure, encontrados em 1996, especificamente os manuscritos sobre a essência dupla da linguagem. Nestes textos, compreende-se que a constituição dos signos vem da ideia associada a cada um deles, que é diferente de outra ideia, ou seja, tal constituição não provém da associação de um objeto a um significado. Esse caráter do signo implica que ele seja compreendido como convencional, social e coletivo. Assim, tais estudos serviram como base para a continuação de seus trabalhos, como afirma Costa (2014):

As releituras feitas no CLG de Saussure determinaram a construção de uma teoria que poderia ficar apenas na memória de poucos alunos que testemunharam aulas pelo mestre genebrino. Entretanto, a genialidade desse linguista, inevitavelmente, influenciou os estudos de um campo do saber por ele transformado em ciência. (COSTA, 2014, p. 70)

Tal corrente teórica apresenta uma teoria desenvolvida sobre o funcionamento e o desenvolvimento humano. Nesse sentido, a linguagem e o agir através dela assumem um papel fundamental. Além disso, o ISD fornece um procedimento de análise para textos.

Como afirmado anteriormente, o ISD segue os mesmos princípios do Interacionismo Social, mas avança em relação ao papel do desenvolvimento da linguagem no desenvolvimento do pensamento consciente humano (BRONCKART, 2006). Por conta desse papel determinante atribuído à linguagem, o termo discursivo é acrescentado à nomenclatura inicial. Nesse sentido, de acordo com Bronckart (2006, p.10):

A especificidade do ISD é a de postular que o problema da linguagem é absolutamente central, visando demonstrar que as práticas de linguagem situadas são instrumentos do desenvolvimento humano, tanto em relação aos conhecimentos e aos saberes quanto em relação às capacidades do agir e da identidade das pessoas.

Para o ISD, a linguagem é concebida como uma atividade social e encarada como a principal ferramenta do funcionamento e do desenvolvimento humano. Bronckart (1999/2007, p,104) afirma que a atividade de linguagem é assumida como “o estatuto de mecanismo de ajuste elaborado pelos humanos para planificar, regular e avaliar as atividades coletivas.” Ademais, a manifestação da linguagem se dá em textos (unidades semióticas e comunicativas contextualizadas), sejam eles orais ou escritos, sendo assim, eles podem se transformar em objetos de análise que auxiliam a compreensão das atividades humanas.

Como mencionado, a linguagem manifesta-se em textos e estes apresentam-se através de gêneros, os quais são produzidos em uma dada comunidade e se acumulam no arquitexto (BAKHTIN, 2015; VOLOCHÍNOV, 2018). Já a organização dos textos se dá através de estruturas disponíveis na própria língua natural particular (SAUSSURE, 2002; VOLOCHÍNOV, 2018).

Definidos os princípios norteadores, na seção seguinte, apresentamos o modelo de análise proposto pelo ISD e a apreensão do agir humano.

3.2.1 - O modelo de análise do Interacionismo Sociodiscursivo e a apreensão do agir humano

Os pressupostos apresentados anteriormente embasam a perspectiva epistemológica do ISD. Com base nos aspectos conceituais apresentados, Bronckart (1999/2007) elaborou uma proposta para a análise dos textos de diferentes gêneros textuais.

O modelo de análise proposto por Bronckart (1999/2007) sugere um olhar amplo para o texto e compreende em primeira instância que se tenha um texto empírico de um dado gênero textual. A partir deste, seguem-se duas perspectivas de análise que se complementam: o contexto sociointeracional ou contexto de produção e a arquitetura interna do texto.

Mais à frente, cada uma dessas perspectivas será detalhada, por enquanto, convém esclarecer brevemente que o contexto de produção, segundo Bronckart (1999/2007), supõe uma análise ampla quanto ao nível da ação da linguagem que dá origem ao texto, o que envolve seu nível mais específico e o mais amplo. Já a arquitetura interna compreende a análise do folhado textual, que é formado pela infraestrutura global do texto, a qual é dividida em plano geral/global do texto; tipos de discurso e possíveis sequências; os mecanismos de textualização, que seriam a conexão, a coesão nominal e coesão verbal; e os mecanismos de responsabilização enunciativa, responsáveis pelas modalizações e vozes presentes no texto.

Tal proposta metodológica parte da definição dos aspectos envolvidos na situação de produção de linguagem em questão para posteriormente fazer uma análise dos mecanismos e recursos linguístico-discursivos que são mobilizados pelo produtor do texto no momento da enunciação.

Antes de detalhar cada uma das análises, é necessário esclarecer que Bronckart (1999/2007) desenvolveu vários estudos até chegar ao modelo de análise descrito na obra brasileira de 1999. Nesse sentido, Zani (2018, p. 35) afirma que:

Convém dizer que esse modelo de produção e análise, desde a sua primeira elaboração esboçada na obra 'Le fonctionnement des discours' (1985), de Bronckart et al, vem sofrendo ampliações num percurso de três décadas, conforme afirma Bronckart (2006). Essas elaborações se encontram no segundo modelo explicitado na obra "Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif", de Bronckart (1997). E mais recente, apresentada por Bronckart, durante uma conferência no VII SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, realizado em setembro de 2013 em Fortaleza – Brasil.

Enfim, apresentamos o cenário principal de todo o quadro de análise, seguiremos detalhando especificamente cada um dos níveis do modelo de análise mencionados.

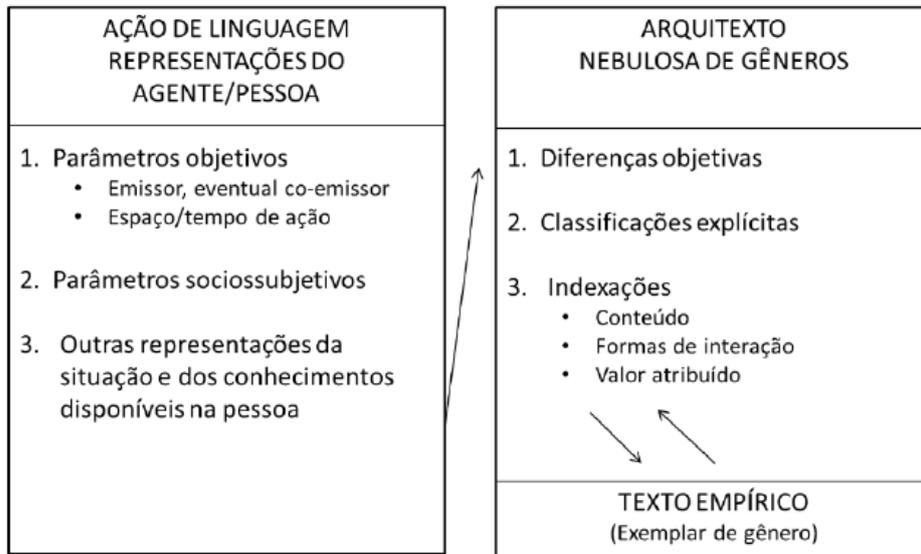
3.2.1.1 A situação de produção dos textos

Em primeiro lugar, é necessário pontuar que Bronckart (1999/2007) baseia seu modelo de análise no conceito de signo como já apresentado por Volochinov (2018), que compreendia que os signos semióticos têm atuação na consciência do indivíduo e fora dela. Assim como Vigotski (2007), Volochinov compreendia que a palavra funcionava como organizadora da linguagem interior e do psiquismo individual, que não deixa de ser uma atividade social, visto que o ser é fruto de um contexto sócio-histórico em que se insere. Dessa forma, o indivíduo é sempre rodeado de signos semióticos.

Nesse sentido, Bronckart (2017) compreende que ao interpretar um texto concreto é necessário que se coloquem em análise também as formas linguísticas que são observáveis em relação aos elementos do contexto envolvido. O autor ainda reitera que Volochinov (2018) orientava que a primeira etapa da análise dos textos deve se ocupar das atividades de interação verbal dentro do quadro social concreto em que se insere; posteriormente, segue-se a análise dos gêneros discursivos/textuais que são mobilizados em dada situação. Por fim, conclui-se com o exame de detalhe específico das chamadas propriedades linguísticas formais.

Quando se trata de contexto de produção, o modelo de análise do ISD tem uma preocupação com tudo o que envolve a situação de produção em seus aspectos físicos e socio subjetivos, conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 3 – As condições de produção de um novo texto



FONTE: BRONCKART, 2006, p.146

Bronckart (1999/2007) sugere que a primeira preocupação da análise deve se centrar no levantamento das questões que envolvem o contexto. Assim, deve-se avaliar em que esfera da atividade humana e do contexto social mais amplo se dá a comunicação. A partir disso, é possível delimitar os papéis sociais do enunciador e do destinatário envolvidos na ação de linguagem, o local social da interação e o seu objetivo.

Ainda sobre o contexto de produção, este envolve representações do produtor quanto ao mundo físico e socio subjetivo, como já mencionado, o que implica a mobilização de alguns fatores aos quais o produtor do texto envolvido é exposto:

- No contexto físico, o que envolve: o lugar físico da produção, o momento da produção ou a duração da comunicação, o emissor e o receptor;
- No contexto social, o que envolve: o lugar social em que o texto é produzido, o papel social do produtor na situação específica de interação, posição do receptor e o objetivo da interação.

Além disso, segundo Bronckart (1999/2007), quando produz o texto, o produtor precisa mobilizar o conhecimento que dispõe sobre o arquiteyto de sua comunidade verbal, ou seja, aquilo que ele sabe a respeito dos modelos de gêneros textuais. Os gêneros podem ser compreendidos pelo mesmo a partir de suas propriedades linguísticas mais objetivas e por suas indexações sociais, assim como pelo modo como são classificados em suas ocorrências sociais.

Após definir tais aspectos, o produtor do texto passa para a escolha e definição do gênero que lhe parece mais apropriado para a situação de ação envolvida conforme a sua representação, o que Bronckart (1999/2007) chama de fase de processo de adoção. Na

sequência, viria o processo de adaptação, que seria a fase de produção do modelo escolhido conforme a sua função e a demanda da situação específica.

Como um exemplo para melhor expor o modelo de análise sugerido pelo ISD, mostraremos uma análise a respeito do gênero artigo de opinião feita por Mendes (2012). Este gênero é frequente no meio jornalístico e costuma ser publicado em jornais, revistas, sites e blogs impressos ou publicados em suportes digitais. Em relação ao contexto sócio-histórico, o artigo de opinião envolve a defesa de um ponto de vista de uma questão polêmica de interesse público.

Segundo Mendes (2012), o gênero envolve a um enunciador no papel de articulista, alguém que desempenha papel social de destaque ou especialista no tema, por esta razão, influencia a opinião de seu leitor. Geralmente, o público leitor busca o suporte por se identificarem com a abordagem defendida por ele. É comum que o articulista prefira o uso de terceira pessoa, o que faz o enunciado parecer mais próximo do que se entende como verdade na argumentação.

Ainda sobre o artigo de opinião, os objetivos são, em geral, convencer o destinatário a respeito da tese defendida como forma de colocá-la em papel mais relevante e digna de ser aceita. Para atingir esta meta, é frequente o uso de movimentos de enfraquecimento ou de reiteração de determinadas posturas sobre o tema tratado de acordo com o movimento de argumentação feito.

A respeito do tema, Mendes (2012) afirma que deve gerar desacordo ou controvérsia. Por isso, o articulista assume uma posição para o debate e, para convencer seu interlocutor, pode apelar para seus sentimentos, mencionar fatos e procurar apontar suas atitudes e opiniões a respeito. Para este movimento, o autor do texto, em geral, tenta prever a postura do destinatário frente à tese defendida.

Mendes (2012) apresenta que a forma composicional comum ao gênero é a apresentação da contextualização, em seguida a proposição de uma tese e a seleção de argumentos. No final do texto, há uma conclusão, que, geralmente, retoma a tese inicial ou invoca o leitor para alguma ação. Para a defesa do ponto de vista, o articulista faz uso de argumentos de diversos tipos evitando o uso de apenas senso comum, que gera pouca validade para a posição defendida.

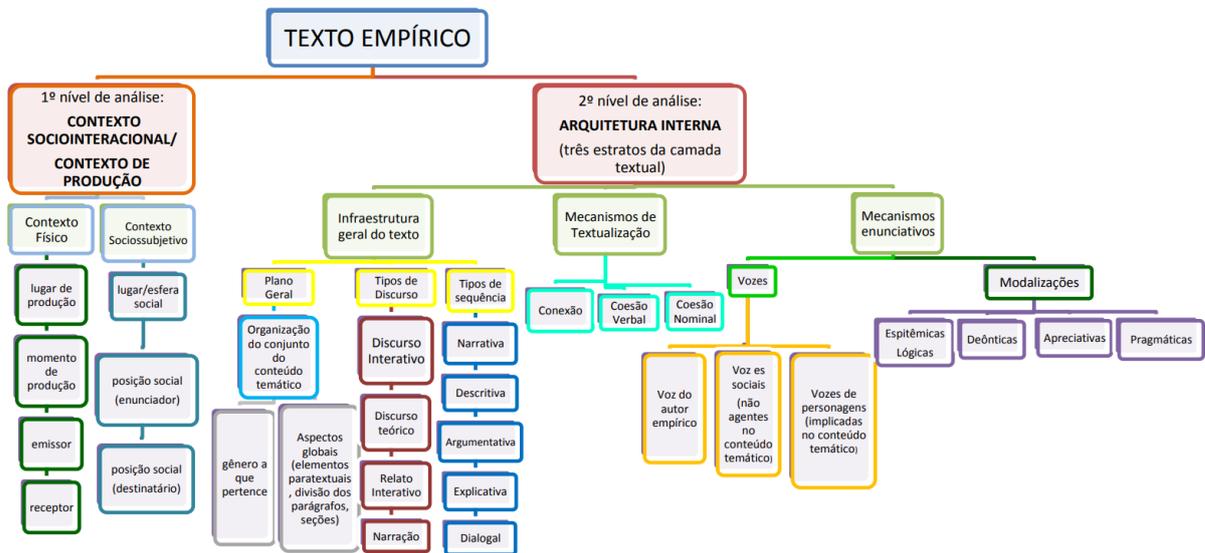
Já a respeito dos mecanismos de textualização, de forma geral, normalmente o autor do texto emprega linguagem adequada ao público leitor esperado. Geralmente, opta-se por uma apresentação mais formal. Para desenvolver o texto, o articulista faz uso de mecanismos de conexão nominal e verbal através de organizadores como: advérbios, conjunções, anáforas pronominais e mecanismos de coesão verbal.

Mendes (2012) ainda destaca que o gênero integra diversas vozes, que podem estar implícitas ou explícitas. Ademais, as opiniões do articulista são perceptíveis através de julgamentos manifestados pelo uso de modalizadores.

Por fim, todas as condições de produção envolvidas nesse contexto antecedem ao próprio artigo de opinião, ou seja, o próprio texto empírico. Todas as considerações expostas definem e delimitam as características do gênero mencionado. O mesmo modelo de análise pode ser aplicado para os demais gêneros textuais e considerar as características específicas deste.

Como ilustração, a figura abaixo, elaborada por Feitosa (2012), detalha de forma bem específica e clara cada um dos níveis envolvidos na análise do texto empírico:

Figura 4 – Síntese do modelo de análise do ISD



FONTE: Feitosa (2012)

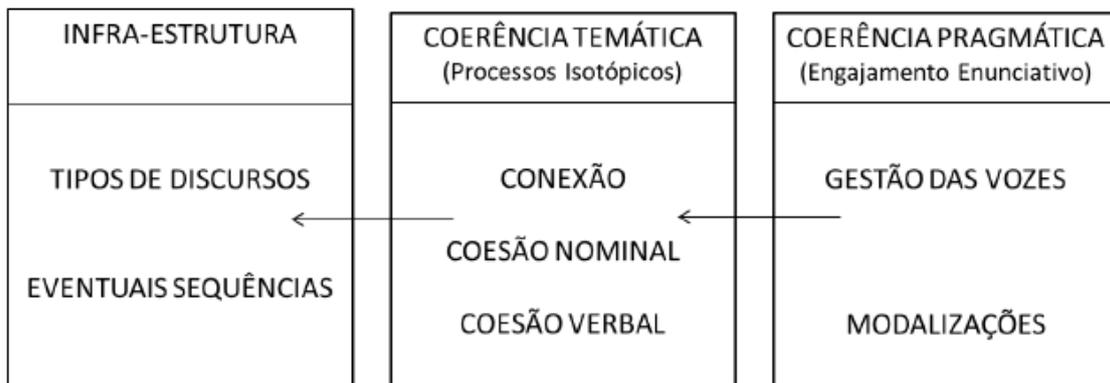
Assim, detalhadamente definidas as condições de produção e tudo o que está envolvido, o texto empírico será produzido com base em uma estrutura organizacional comum, que é chamada pelo ISD de Arquitetura Textual. Tal ponto da análise será abordado na próxima seção.

3.2.1.2 Arquitetura Textual

A arquitetura textual, conforme o modelo teórico-metodológico do ISD, também pode ser chamada de folhado textual, e compreende três níveis de análise: a infraestrutura do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Cada um dos níveis será detalhado a seguir.

No folhado textual, a análise passa a buscar indícios que se embasam em categorias discursivas, linguísticas e enunciativas. Para Bronckart (1999/2007), os três níveis são organizados de forma que todas as categorias estejam ligadas entre si, por isso, não é possível estabelecer uma análise isolada de cada etapa, conforme a figura abaixo:

Figura 5 – Os três níveis da Arquitetura Textual



FONTE: Bronckart (2006, p. 147)

Para esclarecer melhor cada um dos três níveis mencionados anteriormente e suas peculiaridades, separamos cada um deles em uma seção diferente, conforme apresentamos na sequência.

3.2.1.2.1 A Infraestrutura

A infraestrutura geral do texto, de acordo com Bronckart (1999/2007), envolve a organização temática e discursiva do texto. Esta, segundo o estudioso, seria uma camada considerada mais profunda do texto, visto que apresenta uma estrutura mais complexa para

a organização e que se dá através de dois aspectos diferentes: o plano geral do conteúdo temático e o plano dos tipos de discurso e eventuais sequências.

Para Bronckart (1999/2007), o plano geral ou plano global refere-se à forma como é organizado o conjunto do conteúdo temático. Este nível está no plano cognitivo e torna-se compreensível no próprio processo de leitura. Pode ser entendido como um resumo do tema tratado de forma geral no texto. Vale destacar que não há uma única forma de apresentar o conteúdo temático, pois isto vai variar bastante de acordo com as particularidades do gênero a que pertence. Ademais, alguns aspectos globais podem interferir na organização do plano global, como recursos paratextuais, sequenciação de parágrafos, divisão em seções etc.

Já os tipos de discurso, segundo Bronckart (1999/2007) estão relacionados aos diferentes segmentos que o texto pode comportar representados por unidades linguísticas que são ordenadas a partir de dois eixos relacionados a coordenadas gerais do mundo, conforme a figura abaixo:

Figura 6 – Os tipos de discurso

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Relação ao ato de produção	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

FONTE: Bronckart, 1999/2007, p.157

Bronckart (1999/2007) explica que a construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático, que se mobiliza no texto materializado, tem caráter binário, pois elas são apresentadas de forma conjunta ou disjunta à ação de linguagem, ou seja, podem estar conjuntas ou disjuntas em relação à situação de produção.

Nesse sentido, o que está relacionado ao mundo conjunto é considerado pertencente ao universo do EXPOR, ou mundo comentado. Já o que está relacionado ao mundo disjunto é considerado pertencente ao universo do NARRAR, ou mundo narrado.

Na sequência, o eixo refere-se à questão da implicação ou não dos parâmetros de ação de linguagem. Assim, a implicação está relacionada a referências dêiticas que retomam a condição de produção do texto e a autonomia está relacionada à não necessidade de conhecimento sobre as condições de produção para interpretação do texto.

A partir dos dois eixos descritos acima, surgem os mundos discursivos, como denominados por Bronckart (1999/2007). São 4 os tipos de mundos por ele definidos: mundo do expor implicado (discurso interativo), mundo do expor autônomo (discurso teórico), mundo do narrar implicado (relato interativo), mundo do narrar autônomo (narração). Tais mundos

podem ser identificados a partir das formas linguísticas que os compõem e podem ocorrer em textos da modalidade oral ou escrita.

Os exemplos abaixo tornam mais claros os mundos discursivos aqui expostos:

a) Discurso interativo

[...] Ninguém hesitaria na resposta, Sim, mas, ao contrário do que se *julga*, não são tanto as respostas que me importam, senhor primeiro-ministro, mas as perguntas, obviamente refiro-me às nossas, *observe* como elas *costumam* ter, ao mesmo tempo, um objetivo à vista e uma intenção que *vai escondida* atrás, se as fazemos não é apenas para que nos *respondam* o que necessitamos que os interpelados escutem da sua própria boca, é também para que se *vá preparando* o caminho às futuras respostas, Mais ou menos como na política, eminência, Assim é, mas a vantagem da igreja é que, embora às vezes não o *pareça*, ao gerir o que *está* no alto, governa o que *está* em baixo.[...]

(Saramago, José. As intermitências da morte, 2005)

O exemplo acima traz marcas de uso do tempo verbal presente (*julga*, *importam*, *observe*, etc), o que marca que o mundo discursivo é colocado como conjunto ao mundo ordinário, e implicações dos participantes da ação de comunicação (uso de pronomes de primeira e terceira pessoa).

b) Discurso teórico

A expressão interacionismo social designa uma posição epistemológica geral, na qual podem ser reconhecidas diversas correntes da filosofia e das ciências humanas. Mesmo com a especificidade dos questionamentos disciplinares particulares e com as variantes de ênfase teórica ou de orientação metodológica, essas correntes têm em comum o fato de aderir à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitando especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos. (Jean-Paul Bronckart. Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo, 1999/2007)

O exemplo mostra o discurso teórico ao não apresentar marcas de implicação com a situação de produção, como primeira pessoa, marcando a autonomia completa em relação aos parâmetros físicos da ação da linguagem, e apresenta verbos conjugados no tempo presente do indicativo, caracterizando o segmento como dependente do mundo discursivo ordinário do produtor.

c) Relato interativo

Não, alma sensível, eu não sou o único, eu fui homem; meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louça, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias, um pandemônio, alma sensível, uma barafunda de coisas e pessoas em que podias ver tudo, desde a rosa de Esmirna, até a arruda do teu quintal, desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo tiritava o seu sono. Cruzaram-se nele pensamentos de vária casta e feição. Não havia também a da lesma e do sapo. Retira, pois, a expressão, alma sensível, castiga os nervos, limpa os óculos, - que isso às vezes é dos óculos, - e acabemos com esta flor da moita.

(Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, 2008)

O exemplo acima apresenta verbos no passado – pretérito perfeito e imperfeito -, colocando o conteúdo em uma localização distante do momento da produção, ou seja, é um texto disjunto em relação ao mundo ordinário do agente-produtor. Além disso, o trecho traz marcas de implicação dos participantes da enunciação em relação ao ato de produção.

d) Narração

Malala era uma menina que queria ir para a escola. Mas, no lugar onde vivia, isso era proibido. Livro, só escondido. No caminho para a escola havia muitos perigos. Riscos inimagináveis, de morrer até.

(CARRANCA, Adriana. *Malala, a menina que queria ir para a escola*. 2015)

O último exemplo pertence ao eixo do narrar, pois desloca o momento da produção para o passado, como sendo disjunto do momento da produção, através do uso de verbos no passado, e não traz marcas de implicação dos participantes da interação ou da relação espaço-temporal da produção.

3.2.1.2.1.1 Complementação do modelo de análise de textos do ISD: as sequências e os tipos de argumentos

Além dos tipos de discurso, alguns textos podem apresentar tipos de sequências, segundo Bronckart (1999/2007) que também podem ser denominadas como “modos de planificação” da forma como o conteúdo temático é apresentado ou organizado. Vale destacar que os textos podem apresentar ou não estes tipos de sequência, ou mesmo apresentá-las combinadas. O quadro a seguir refere-se à forma como cada uma delas se constitui e apresenta as possíveis intenções do destinatário (BRNCKART, apud MACHADO, 2005, p. 246):

Quadro 8 – Tipos de sequências/formas de planificação ²

SEQUÊNCIAS	REPRESENTAÇÕES DOS EFEITOS PRETENDIDOS	CARACTERÍSTICAS OU FASES
DESCRITIVA	Fazer o destinatário ver em pormenor elementos de um objeto de discurso conforme a orientação dada a seu olhar pelo produtor.	Ancoragem Aspectualização Relacionamento Reformulação
EXPLICATIVA	Fazer o destinatário compreender um objeto de discurso visto pelo produtor como incontestável, mas também como de difícil compreensão para o destinatário.	Constatação Inicial Problematização Resolução Avaliação
ARGUMENTATIVA	Convencer o destinatário da validade de posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso visto como contestável (pelo produtor/ou destinatário)	Estabelecimento de: <ul style="list-style-type: none"> • Premissas • Suporte argumentativo • Contra-argumentação • Conclusão
*ESQUEMATIZAÇÃO	Fazer com que o destinatário veja melhor alguma	Esquematisações constitutivas da lógica

(ou grau zero de argumentação e da explicação)	informação para poder compreendê-la.	natural (definição, enumeração, enunciado de regras, cadeia causal)
NARRATIVA	Manter a atenção do destinatário por meio da construção de suspense criado pelo estabelecimento de uma tensão e subsequente resolução.	Apresentação de: <ul style="list-style-type: none"> • Situação inicial • Complicação • Ações desencadeadas • Resolução • Situação final
**SCRIPT (ou narrativa de grau zero)/ relato	Fazer com que o destinatário perceba a sequência cronológica de um fato/história.	Ocorrência de acontecimentos e ações dispostos cronologicamente.
INJUNTIVA	Fazer o destinatário agir de certo modo ou em determinada direção.	Enumeração de ações temporalmente subsequentes
DIALOGAL	Fazer o destinatário manter-se na interação proposta.	Abertura Operações transacionais Fechamento

FONTE: Moreto (2014)

A definição e separação por tipos de sequência é baseada no trabalho de Adam (1992), o qual divide-as em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva e dialogal. O mesmo autor também apresenta o que chama de grau zero da narrativa, quando não há caracterização de uma intriga ou tensão, o que caracterizaria a sequência chamada de script, grau zero de sequência argumentativa, explicativa e esquematização mobilizada, que ocorre em trechos de texto em que não há necessidade de explicar algo considerado de compreensão difícil. Este modelo para a análise das sequências é muito fechado, por isso, não dá conta de analisar todos os detalhes dos dados aqui levantados. Por esta razão, nos apoiaremos também nas pesquisas de Fiorin (2020) sobre argumentação.

Fiorin (2020) trata em sua obra *Argumentação* de dois pontos bem específicos: 1. sobre os problemas gerais de argumentação e 2. Sobre os tipos de argumentos. Estes últimos foram

² Foram acrescentados ao quadro apresentado acima a esquematização e o script de acordo com o que propõe Bronckart (2007) e o grupo de estudos liderado pela profa. Dra. Luzia Bueno.

divididos, segundo as pesquisas do autor em outros 5 subtipos: Os argumentos quase lógicos, Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, Argumentos que fundamentam a estrutura do real, A dissociação de noções e Outras técnicas argumentativas.

Antecipadamente, cabe esclarecer que Fiorin (2020) trata de muitos argumentos, visto que fez uma pesquisa bastante detalhada sobre o tema, porém, nesta pesquisa, apresentaremos apenas aqueles que depois serão expostos no capítulo de resultados das análises. Desta forma, compreendemos que a apresentação do referencial teórico e a análise dos dados se torna mais objetiva e clara ao leitor.

Prosseguindo com a apresentação do trabalho de Fiorin (2020), o tipo de argumento chamado de Argumento quase lógico é baseado na estrutura de um raciocínio lógico, mas, suas conclusões não são logicamente necessárias, como aponta Fiorin (2020), pois são construídos com base em princípios como o da não contradição, da identidade, da reciprocidade, da transitividade, da inclusão, da divisão e da comparação de quantidades. Em outros termos, trata-se de um argumento que tem aparência de lógica. Nesse sentido, vale destacar que, no convívio humano, não lidamos com verdades completamente lógicas, mas, de fato, com posições fundamentadas em convicções e pontos de vista baseados em princípios religiosos, crenças políticas, moral, preferências estéticas etc. Por fim, vale destacar que argumentos quase lógicos não representam demérito do enunciador, pois a utilização destes argumentos é muito comum para se falar sobre pontos possíveis, plausíveis, prováveis, contudo, que não são necessários considerando o ponto de vista lógico. O quadro abaixo define detalhadamente as divisões de argumentos quase lógicos e traz exemplos para esclarecê-los melhor.

Quadro 9 - Os argumentos quase lógicos - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020)

Os argumentos quase lógicos	Tipo	Definição	Exemplo
Argumentos fundados no princípio da identidade	Definição	Resposta à indagação	"A religião é o ópio do povo." (Karl Marx, Introdução de <i>Para a crítica da filosofia do direito</i> de Hegel)
	Comparação	Uma forma de estabelecer aproximações ou diferenciações	O Brasil é quatro vezes maior que a zona do Euro, mas tem um único governo e fala uma única língua.

	Regra do precedente	Baseado no princípio de duas identidades de duas situações, porém uma precede a outra.	<p><i>“Não é dúvida para ninguém que as atividades antropogênicas têm influenciado o clima do planeta e que isso pode se tornar um grande problema mais adiante [...] No entanto temos que considerar que o nosso planeta já passou por isso durante as glaciações e os períodos interglaciais bem antes da existência dos seres humanos, e possivelmente estamos num novo ciclo, e o homem está dando uma mãozinha para acelerar o processo. Logo não é justo colocar toda a culpa na raça humana sobre os problemas ambientais, pois a natureza tem também sua parcela de contribuição.”</i> (Marte Ferreira da Silva, Atibaia, Carta ao leitor, Revista Pesquisa Fapesp, fev. 2014: 6)</p>
	Argumentum a contrario	Parte do princípio de que se uma situação é vista de determinada forma, a situação oposta deve ser vista de forma diversa	<p>A defesa de Sarney foi feita no início da tarde, horário local – final da madrugada no Brasil. “Eu sempre fico preocupado quando começa no Brasil esse processo de denúncias, porque ele não tem fim, e depois não acontece nada”, justificou, criticando a reação da imprensa e da opinião pública contra o presidente da casa. “O Sarney tem história no Brasil suficiente para que não seja tratado como se fosse uma pessoa comum.” (Estadão on-line, 17/06/2009)</p>

	Argumento dos inseparáveis	Parte da associação indissolúvel entre duas situações, porque estas são consideradas inextricavelmente ligada à outra	Se alguém é evangélico, então é contra o casamento de pessoas do mesmo sexo.
Argumentos fundados no princípio da não contradição	Autofagia e retorsão	Argumento incompatível porque parte da incoerência	“Um cretense disse que todos os cretenses são mentirosos. Se os cretenses sempre são mentirosos, quando um cretense diz que os cretenses são sempre mentirosos, então essa afirmação não é verdadeira.” (Paradoxo de Epimênides)
	Argumento probabilístico	Argumento fundamentado na ideia da lógica quantitativa considerando a maioria	<i>“Mais uma vez fomos traídos pelo Congresso, que atua com a sensibilidade de um rinoceronte. Quase 90% da população brasileira clamou pelo rebaixamento da maioria penal e os surdos do Senado, com seu notório descaso, votaram contra e nós, povo, perdemos por 11 a 8. E – pasmem – sob aplauso!”</i> (Fórum de leitores de O Estado de S. Paulo de 21/2/2014)
Argumentos fundados no princípio do terceiro excluído	O dilema	Este argumento ocorre quando há uma disjunção completa, desta forma, não há outra alternativa além das apresentadas	<i>“O problema maior é que, desta vez, a propalada competência da presidente Dilma se encontra em jogo. Como os papéis referentes ao negócio passaram por suas mãos, de duas, uma: ou ela não entendeu o que leu ou não dedicou aos documentos a merecida atenção. Seja qual for o caso, a sua propalada competência fica posta em dúvida.”</i> (João Mellão Neto, O Estado de São Paulo, 04/04/2014, A2)

FONTE: adaptado de Fiorin (2020)

O segundo tipo de argumento apontado por Fiorin (2020) são os Argumentos fundamentados na estrutura da realidade que se baseiam em relações que estão de acordo com nosso sistema de significação conforme presentes no nosso mundo objetivo: causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização. O quadro a seguir detalha os subtipos de argumentos com a definição e o exemplo.

Quadro 10 - Argumentos fundamentados na estrutura da realidade - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020)

Tipo	Definição	Exemplo
Causalidade	O argumento baseado na causalidade supõe que os fatos sejam encadeados e um acontecimento antecedente produz um dado efeito.	“A gênese da “crise política” de agora é idêntica às anteriores. Sob a inspiração do deputado Eduardo Cunha, craque imbatível na permuta de cargos por favores e de favores por cargo, o PMDB criou o Blocão com oito partidos nanicos e coisa de 250 votos para chantagear o governo. [...] seu [do PMDB] negócio é e seu negócio será ocupar cargos federais de primeiro a terceiro escalão (Veja, 12/3/2014: 63).
Causalidade e sucessão	O pensamento causal consiste em: X, porque Y. A causa de X é Y.	São Paulo tem muitas inundações, porque o solo está todo impermeabilizado e a água da chuva não pode ser absorvida.
Os fatos	Em geral, os fatos são objetivos, neutros, incontestes e verdadeiros; já os argumentos são subjetivos, parciais, contestáveis e fictícios	“Para não ir muito atrás, no ano passado, a inflação dos preços livres saltou para 7,27%. Enquanto isso, a evolução dos preços administrados, correspondentes a 25% da cesta de consumo, não passou de 1,52%. [...] A contenção artificial dos preços administrados produz o efeito cocaína. O governo segura os preços para evitar inflação achando que um pouquinho só não faz mal e, depois, o pouquinho é seguido por outros pouquinhos que, somados, se transformam em poucão e aí a economia já está viciada e exige doses maiores de

		represamento para não criar nova crise.” (Celso Ming, blog pessoal, 17/2/2014)	
Argumento de sacrifício	Este argumento busca a comprovação da veracidade de uma tese através do sacrifício de alguém que envolve uma convicção absoluta ou uma grande pureza de propósito		“Note que esse homem tem a perder: o governo, a fortuna, e numa idade ótima. Não podemos nos comparar a ele, pois somos velhos e pobres, com uma missão terminada na terra. (Veja, 26/3/2014: 77)
Argumentos fundados nas relações de sucessão	Argumento da ultrapassagem	Argumento também voltado para o futuro, pois considera que cada etapa é importante para se atingir um estágio superior	“O técnico de um time que, após o clube sagrar-se campeão da taça Libertadores da América, diz que não é hora de comemoração, pois vem pela frente o Campeonato Mundial de Clubes.”
Argumentos de coexistência	Argumentum ad hominem	Argumento usado para confrontar a pessoa com seus discursos ou atos	“Quando se diz que o adversário é desequilibrado, visa-se a indicar que ele não tem capacidade de argumentar racionalmente e, por conseguinte, seu argumento não merece atenção.”
	Argumentum tu quoque	Argumento usado como desqualificação para o argumento do outro considerando-o hipócrita	“Olhe só quem está falando.”
	Argumento de autoridade ou argumentum ad verecundiam	Este argumento faz uso do respeito que o falante tem na área em que argumenta	“O ensino de língua materna deve ser feito sempre com base nos gêneros do discurso, porque Bakhtin afirma que não aprendemos a língua nos dicionários e gramáticas, mas mediante enunciados concretos que

			ouvimos e reproduzimos e esses enunciados apresentam-se sempre por meio de um gênero do discurso.”
	Argumentos a fortiori	Argumento relacionado a uma razão mais forte	“Se a Constituição garante o direito à privacidade, então não se podem divulgar fotos de momentos íntimos de outra pessoa na internet, se a lei brasileira não criminaliza a homossexualidade, um militar não pode ser punido por autoridade militar por causa de sua orientação sexual.”

FONTE: adaptado de Fiorin 2020

Já o terceiro tipo de argumento levantado por Fiorin (2020) refere-se aos Argumentos que fundamentam a estrutura do real, os quais estão relacionados a modos de organização da realidade. Tal tipo de argumentação surge em casos de generalização a partir de um caso particular ou mesmo da transposição para outro domínio que é aceito como um campo particular. O quadro abaixo detalha os subtipos de argumentos desta categoria utilizando com exemplos que os torna mais claros.

Quadro 11 - Argumentos que fundamentam a estrutura real - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020)

Argumentos que fundamentam a estrutura real	Tipo	Definição	Exemplo
Argumentos indutivos	O argumento pelo exemplo	Este argumento é formulado a partir de um princípio geral que poderia ser repetido em casos idênticos	Em um episódio em que um fiscal de arrecadação é preso em flagrante ao receber propina, compreende-se que os fiscais são corruptos

	Argumento por ilustração	Este argumento é usado para reforçar uma tese que já é tida como aceita	“Colar na prova, falsificar carteirinha de estudante, apresentar atestado adulterado, comprar produtos falsificados, guardar lugar na fila, bater ponto para colega de trabalho, roubar TV a cabo, tentar subornar o guarda para evitar multas... É infinita a lista. Morei nos Estados Unidos em 1986, e sempre havia um brasileiro para ensinar como fazer ligações para o Brasil sem pagar ou como burlar a catraca do metrô. [...] Só importa ser esperto e levar vantagem em tudo. (Júnia Mendes Breta, Veja, 9/4/2014: 34) Argumento que reforça a tese de que os brasileiros gostam de levar vantagem em tudo.
Argumentum a simili	Argumento com forte poder de persuasão, pois utiliza-se do que é conhecido para entender aquilo que não se conhece	“Seis dos onze ministros (do STF) posicionaram-se a favor das doações de empresas a candidatos. Como na anedota do marido que pega a mulher traindo-o no sofá da sala e decide jogar fora a mobília, o Supremo achou por bem derrubar a casa toda, em vez de	

		confrontar o problema.” (Veja, 9/4/2014: 68)
--	--	---

FONTE: Fiorin 2020

O quarto tipo de argumento A dissociação de noções está relacionado à separação de ideias que aparecem, geralmente, em pares hierarquizados, como: essência e aparência, letra e espírito, figurado e literal etc. Tal dissociação mostra que, de fato, não há uma ligação entre os conceitos ou que eles estão devidamente vinculados. Os argumentos deste tipo não serão especificados e esclarecidos, pois não foram encontradas ocorrências nas coletâneas do material de leitura de TAFH e nos textos produzidos por alunos.

Por fim, Fiorin (2020) trata dos argumentos considerados como falácias, também conhecidos como argumentos de má-fé, mesmo que, por um tempo, essa área tenha sido deixada de lado pela teoria da argumentação, pois o foco seria oferecer instrumentos para a prática do debate público que deveria ser orientado pelo que se entende como boa-fé. Por outro lado, as falácias são largamente utilizadas como estratégia argumentativa em discursos políticos, na publicidade, por exemplo, o que nos leva a também considerá-las. O quadro a seguir define e detalha os subtipos de argumento que se enquadram nesta categoria.

Quadro 12 - Outras técnicas argumentativas - baseada nas definições e exemplos de Fiorin (2020)

Tipo	Definição	Exemplo
O recurso dos valores	Argumento usado como forma de manter a ordem da normalidade ou do bom senso, como sendo do domínio do que não pode ser contestado e evidente	“Não se pode desestimular o transporte individual antes de aumentar a capacidade do coletivo, afirma Eizenberg. Embora isso seja algo de elementar bom senso, o atual governo municipal vem contrariando essa evidência. (O Estado de S. Paulo, 20/8/2013, A3)”
O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos	Argumento que apresenta uma tese como se esta fosse evidente por si mesma	“Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto se todos andassem de carruagem.” (Capítulo CXIX de Memórias Póstumas de Brás Cubas)
As perguntas capciosas	Argumento desenvolvido através de uma pergunta	“Se alguém pergunta a outrem: “Você parou de

	que é utilizada para apresentar uma proposição pressuposta, a qual dá a condição de um ponto de vista em comum associado a uma ideia sobre a qual não há acordo prévio	desviar dinheiro público?”, a resposta não pode ser sim ou não, pois em qualquer um dos casos, o indagado estará admitindo o pressuposto: você desviou ou desvia dinheiro público”
Petição de princípio	Argumento baseado em uma falácia, pois possui uma estrutura circular ao postular como verdadeiro o ponto que deveria ser demonstrado	O deputado José Dirceu, afirmou em uma entrevista coletiva após a cassação de seu mandato: “Não sou corrupto. Tenho as mãos limpas.” (O Estado de S. Paulo, 2/12/2005: A4)
Ainda a distorção do ponto de vista do adversário	Argumento fundado na modificação da proposição defendida pelo outro atribuindo-lhe um ponto de vista fictício ou distorção do real ponto de vista	“Certa vez, durante uma entrevista, o presidente Lula disse que todo mundo deve ter o direito de fumar, desde que não incomode os outros (Folha de S. Paulo, 4/9/2008). [...] O presidente foi duramente criticado, porque estaria, com sua declaração, atrapalhando as políticas de combate ao tabagismo, que seriam necessárias porque o fumo faz mal à saúde.”
Paradoxos, ironia e silêncio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Paradoxo: argumento mostra uma não conformidade com o que é tradicionalmente aceito 2. Ironia: argumento fundado na desestabilização do adversário 3. Silêncio: recurso argumentativo, que pode ser acompanhado de algum gesto desdenhoso 	<ol style="list-style-type: none"> 1. “O problema de Brasília é o tráfico de influência, enquanto o do Rio de Janeiro é a influência do tráfico.” (Zózimo Barroso do Amaral) 2. As discussões entre artistas da música e da literatura sobre como regular a publicação de biografias de pessoas conhecidas ganhou novo round. [...] Ruy Castro manteve o tom acusatório levantado por Laurentino Gomes, na quarta-feira. “Os artistas da música propõem censura prévia. Se não for isso, já não entendo mais a língua portuguesa”, ironizou ele, em conversa com o mediador e poeta Heitor Ferraz Mello, no pavilhão

		<p>brasileiro. (O Estado de S. Paulo, 11/10/2013)</p> <p>3. “Lisetta sentia um desenho louco de tocar no ursinho. Jeitosamente procurou alcançá-lo. A menina rica percebeu, encarou a coitada com raiva, fez uma careta horrível e apertou contra o peito o bichinho que custara cinquenta mil-réis na Casa São Nicolau.</p> <p>- Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?</p> <p>- Ah!</p> <p>- Scusi, senhora. Desculpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas. Scusi. Desculpe. A mãe da menina rica não respondeu. Ajeitou o chapeuzinho da filha, sorriu para o bicho, fez uma carícia na cabeça dele, abriu e olhou no espelho.” (Lisetta, Alcântara Machado)</p>
--	--	--

FONTE: Fiorin 2020

Enfim, após estabelecer um complemento ao modelo de análise proposto, retomaremos as categorias sugeridas por Bronckart (1999/2007) nas seções a seguir.

3.2.1.2.2 A coerência temática

A coerência temática de um texto, segundo Bronckart (1999/2007) é mantida a partir de elementos responsáveis pela conexão, coesão nominal e coesão verbal, os quais são mais conhecidos como mecanismos de textualização. Inicialmente, estes eram os três aspectos envolvidos nestes mecanismos, porém, Bulea (2010) e Bronckart (2013) repensaram a

questão dos elementos responsáveis pela coesão verbal e consideraram que estes deveriam ser tratados juntamente com os tipos de discurso, por esta razão, são incorporados a um nível anterior da infraestrutura geral do texto.

Cada gênero textual mobiliza um conjunto diferente de elementos responsáveis pela conexão e coesão nominal, que marcam a coerência temática do texto. Bronckart (1999/2007) chama estes elementos de organizadores textuais, que são unidades linguísticas que mantêm as relações de sentido, a continuidade e a dependência dos termos entre si.

Por fim, tanto a coesão e a conexão são responsáveis pela ligação entre as partes do texto e contribuem para que se possa estabelecer e articular a progressão temática do texto, conseqüentemente, estabelecem uma coerência geral em relação ao tema do texto.

3.2.1.2.3 A coerência pragmática

A coerência pragmática de um texto, segundo Bronckart (1999/2007), é estabelecida a partir da gestão das vozes e das modalizações, ou seja, os mecanismos enunciativos do texto constituem o último nível de análise do texto. Os mecanismos mobilizados são responsáveis pelo posicionamento enunciativo presente no texto que pode estar explícito ou não.

Nesse sentido, é importante destacar que nenhum texto será monofônico, ou seja, nenhum texto trará apenas uma voz, mas trará traços de outras vozes. A voz presente no texto é o que Bronckart (1999/2007, p.36) define como “entidades que assumem a responsabilidade do que é enunciado”. De acordo com o autor, elas podem ser separadas em três tipos: do autor empírico (a qual procede diretamente do produtor do texto, que é o suposto responsável pelas avaliações, comentários e intervenções), sociais (que são os personagens, grupos ou instituições sociais exteriores ao conteúdo temático do texto) e vozes das personagens (que são seres humanos ou não que interagem em diálogos ou podem estar implicados como actantes dos acontecimentos que são expressos no conteúdo temático).

Vale destacar que a distinção dos três grupos de vozes em um texto não é uma tarefa simples, pois um único personagem pode representar em um texto um grupo social e a própria

voz de personagem. Assim, as ideias por ele expressas podem ser provenientes de diferentes instituições sociais, como a família, a religião, grupos de minoria social etc.

A partir das vozes, estas compostas por um conjunto polifônico, como já mencionado anteriormente, ocorre a manifestação das avaliações presentes no texto a respeito de um conteúdo temático. Desta forma, através da manifestação das modalizações do texto podemos depreender julgamentos ou avaliações da voz enunciativa presente no texto. Tais modalizações podem ser separadas em quatro tipos diferentes: lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. Nos parágrafos a seguir, definiremos as modalizações e apresentaremos exemplos de cada uma delas para esclarecer melhor.

As modalizações lógicas estão ligadas ao domínio da verdade e são utilizadas para exprimir um grau de certeza a respeito do conteúdo temático. Além da certeza ainda pode expressar possibilidade, probabilidade, necessidade, entre outros. As marcas linguísticas comuns que marcam esta ocorrência são usos de verbos, como: poder, dever, parecer e formas verbais no futuro do presente e do pretérito e expressões lógicas, como: acontece que, talvez, é preciso que, necessariamente.

- A existência de estradas boas **dependeria** de outro tipo de riqueza. Uma riqueza que servisse a cidade. E a riqueza dos nossos novos-ricos nasceu de um movimento contrário: do empobrecimento da cidade e da sociedade.
(Mia Couto, São demasiados pobres os nossos ricos, Revista Pazes, 2018)

As modalizações deônticas estão ligadas ao domínio da obrigação e geralmente são utilizadas para expressar avaliação sobre o conteúdo temático, tal avaliação seria apoiada em valores, opiniões e regras presentes e comuns no mundo social. As marcas linguísticas mais características deste tipo de modalização são os verbos auxiliares de modo, como ter, dever, querer, poder e as formas de indicar permissão e injunção.

- **Não podem**, porém, estes nossos endinheirados usufruir em tranquilidade de tudo quanto roubaram. Vivem na obsessão de poderem ser roubados. Necessitavam de forças policiais à altura. Mas forças policiais à altura acabariam por lançá-los a eles próprios na cadeia.
(Mia Couto, São demasiados pobres os nossos ricos, Revista Pazes, 2018)

As modalizações apreciativas estão ligadas ao domínio da avaliação do conteúdo e relacionadas às avaliações expressas com base em critérios apenas subjetivos, afetivos e morais. As marcas linguísticas mais comuns deste tipo são os adjetivos, advérbios e quantificadores.

- Por mais guardas que tenham à porta, os nossos pobres-ricos não afastam o receio das invejas e dos feitiços que essas invejas convocam. O fausto das residências não os torna imunes. **Pobres dos nossos riquinhos!**

(Mia Couto, São demasiados pobres os nossos ricos, Revista Pazes, 2018)

Por último, a modalização pragmática está ligada ao domínio da responsabilidade do actante como uma entidade constitutiva do texto, assim como uma personagem, um grupo social, ou mesmo uma instituição. Tais traços marcam as ações e até as intencionalidades expressas por esta entidade presente no texto. As marcas linguísticas mais comuns são os verbos, como tentar, pretender ou querer.

- Rico é quem gera dinheiro e dá emprego. Endinheirado é quem simplesmente tem dinheiro. Ou que **pensa** que tem. Porque, na realidade, o dinheiro é que o tem a ele.
(Mia Couto, São demasiados pobres os nossos ricos, Revista Pazes, 2018)

Tudo o que foi exposto marca as categorias propostas para construção do modelo de análise do ISD, conforme foi organizado e estudado por Bronckart (1999/2007). Os estudos sobre a área não se encerram apenas nos trabalhos do suíço, pois, ao longo do tempo, a área foi recebendo complementações de outros autores que vieram a enriquecer a perspectiva teórica.

3.3 - Gêneros textuais e o trabalho pedagógico

Os gêneros textuais, de acordo com a perspectiva do ISD são pré-construídos pela história social humana e produto de aquisições coletivas, por esta razão, são utilizados pelos indivíduos como forma de mediação para a ação comunicativa. Além disso, os gêneros promovem o desenvolvimento social e psicológico através de processos de adoção e adaptação dos indivíduos. Desta forma, são objetos de ensino privilegiados para o ensino de línguas.

Primeiramente, convém destacar que Bronckart não foi o primeiro autor a propor a definição de gêneros textuais. Na verdade, os estudos sobre o tema são explorados desde Aristóteles, mesmo que com outros componentes, como Logos, Páthos, Ethos. O grego se

interessava pelos estudos da área da retórica e pelas transformações que se operam na linguagem. Outras áreas da esfera da linguagem também se interessaram e se debruçaram sobre o tema, como é o caso dos estudos sobre crítica literária.

A noção de gênero que nos interessa mais especificamente está ligada aos estudos de Bakhtin/Voloshinov (2018), que está ligada à ação de linguagem. O círculo de Bakhtin se interessava pela palavra como uma atividade de interação. A partir destes estudos, os gêneros passam a ser compreendidos como gêneros do discurso e definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2003, p.279). Para caracterizar o gênero, três elementos são necessários: conteúdo temático, estilo e forma composicional. Já a definição do melhor gênero a ser empregado em cada situação, isso dependerá da temática envolvida, dos participantes e do próprio objetivo do interlocutor, ou seja, a produção do gênero envolve especificidades relacionadas a condições sócio-históricas.

Convém destacar que a noção de gênero do discurso baseada nas teorias de Vygotski e de Bakhtin/Voloshinov ganha novo enfoque no ISD. Para Bronckart (1999/2007), o texto pode ser uma produção de caráter oral, escrita e pode apresentar tamanho e formas diferentes, mas que apresenta características comuns. Tais características não são estáveis, visto que, como produto de condições sociais e históricas, os gêneros estão em constante movimento, assim podem se modificar, se transformar, ou mesmo deixar de existir.

Ademais, essa movimentação favorece a ocorrência de textos de diferentes tipos dada a variedade de situações a que as atividades humanas estão articuladas. Nesse sentido, Bronckart entende que os textos são produtos das diferentes atividades humanas e estão ligados a diferentes condições de funcionamento, o que favorece a variedade de textos. Dada esta variedade, Bronckart compreende que os textos são objetos de análise, não os gêneros. Por esta razão, nomeia-os como gêneros textuais.

Na sequência, a breve descrição do conceito de gênero nos permite afirmar que, de acordo com Schneuwly (2010), os gêneros textuais são considerados megainstrumentos para o desenvolvimento linguageiro, pois o desenvolvimento das capacidades de linguagem do aluno pode levá-lo a ter melhor desempenho em situações sociais diversas, assim como reconhecer a melhor forma de se comunicar conforme a situação de comunicação, ou o conteúdo temático. Assim, é possível que o estudante faça melhores escolhas com relação a estratégias linguístico discursivas ao expandir seu repertório de gêneros textuais como leitor e como produtor.

Schneuwly (2010) ainda destaca que para o melhor desenvolvimento da linguagem, em qualquer idioma, é necessário dominar os gêneros que fazem parte do conjunto de práticas linguísticas e sociais desta sociedade considerando desde os mais simples aos mais

complexos. Assim, o indivíduo que domina diferentes gêneros textuais é capaz de participar de diferentes atividades humanas.

Quando o gênero é utilizado no processo de ensino e aprendizagem, ele participa também do desenvolvimento das capacidades de linguagem do indivíduo, ou seja, a capacidade que tem o indivíduo para agir através da linguagem em diferentes práticas sociais.

O conceito de capacidades de linguagem é apontado por Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) e está relacionado à produção de textos. Tais capacidades estão ligadas às aptidões requeridas do estudante ao produzir um texto de um gênero específico em uma situação de interação determinada. As capacidades de linguagem são de 3 tipos: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas.

Segundo Machado (2009), as capacidades de ação envolvem a mobilização das representações a respeito do meio físico e da interação comunicativa, ou seja, a adaptação às características do contexto e do referente. Já as capacidades discursivas implicam a forma como o texto foi organizado, ou seja, a infraestrutura geral do texto, e a opção por um tipo de discurso e o modo de organização sequencial, além da seleção e elaboração dos conteúdos. Por fim, as capacidades linguístico-discursivas estão relacionados aos mecanismos de textualização adequados ao contexto de produção de um determinado gênero.

Dolz e Schneuwly (2004) destacam que a análise e observação das capacidades de linguagem ao longo do processo de ensino e aprendizagem são referências para a compreensão a respeito das transformações produzidas ao longo da aprendizagem. Além disso, tal análise contribui para a determinação da intervenção mais precisa dos professores.

Sobre este mesmo ponto, Marcuschi (2001) defende o trabalho com gêneros textuais e considera que este constitui uma extraordinária oportunidade para se lidar com a língua de diferentes formas e usos de modo autêntico no cotidiano. O autor ainda destaca que tudo o que fazemos linguisticamente está relacionado a algum gênero textual.

Outro ponto que concerne ao ensino diz respeito àquilo que defendem os pesquisadores da área de Didática de Genebra, Dolz e Schneuwly (2010), que é a proposição do ensino dos gêneros mais formais na escola, visto que, este seria o local mais adequado para mediações planejadas e sistematizadas, o que não acontece com tanta frequência fora deste local. Considerando que vivemos em uma sociedade desigual em relação a questões sociais e econômicas, a contemplação dos gêneros formais pode contribuir para a minimização deste quadro e pode promover a permanência dos indivíduos em práticas sociais consideradas de maior prestígio.

3.3.1 O modelo didático do gênero

O modelo de análise proposto por Bronckart foi desenvolvido como uma pesquisa de cunho didático, mas não como proposta para ser utilizada em sala de aula. Nesse sentido, vale destacar que ao ser levado para a escola, o gênero sofre alguma modificação, visto que passa a ser um objeto de ensino-aprendizagem. Tal processo é o que se chama de transposição didática e é definido pelos pesquisadores da Universidade de Genebra como “o conjunto de transformações que um determinado conjunto de conhecimentos sofre, quando temos o objetivo de ensiná-lo, trazendo sempre deslocamentos, rupturas e transformações diversas a esses conhecimentos” (Machado, 2009).

As modificações do gênero mencionadas podem estar relacionadas a três diferentes níveis: conhecimento científico, o conhecimento a ser ensinado e o conhecimento efetivamente ensinado. O ‘conhecimento científico’ refere-se ao processo de transformação pelo qual passará o gênero para poder ser levado para a sala de aula. Já o ‘conhecimento a ser ensinado’ refere-se ao nível anterior que passou por um processo de adaptação para poder se adaptar à situação de comunicação envolvida. Por fim, o ‘conhecimento a ser ensinado’ refere-se ao conhecimento que foi transformado e pode ser verificado. Nesse processo, até mesmo a escolha dos gêneros que serão levados para a escola passa por um processo de transposição didática visto que é necessário levar em consideração os conhecimentos científicos e práticas sociais de linguagem envolvidas. Assim, é preciso considerar que a abordagem dada a um determinado gênero pode ser desenvolvida ou não.

Antes de levar o gênero para a sala de aula, o primeiro passo é construir o Modelo Didático do Gênero (doravante MDG). Pietro (2004) define o MDG como uma orientação para a aprendizagem de um gênero textual e através dele os objetivos são definidos para o que se pretende atingir e os conteúdos e práticas que serão ensinados por meio dele. Em outros termos, o MDG é uma ferramenta para ensinar o gênero. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), o MDG é construído a partir de um estudo de um número sistematizado de textos de um dado gênero para se conhecer as suas características predominantes e estabelecendo as dimensões ensináveis do dado gênero.

É importante destacar que, segundo os pesquisadores do grupo de Genebra, mesmo seguindo modelos didáticos, a transposição didática do gênero é inevitável. Ademais, a partir de um MDG, o professor pode conhecer melhor as dimensões ensináveis de um gênero e selecionar um determinado conteúdo para dar prioridade durante o processo de ensino-

aprendizagem em sala de aula. Assim, podemos afirmar que o modelo está diretamente relacionado a um trabalho que visa o desenvolvimento das capacidades de linguagem, as quais são necessárias para a produção de textos, tanto orais quanto escritos.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), o MDG deve levar em consideração os saberes existentes sobre o gênero que será estudado, por isso, o primeiro passo ao construir um modelo é conhecer o estado da arte dos estudos a respeito do gênero em questão; conhecer as possíveis capacidades e dificuldades que envolvem os alunos no processo de ensino-aprendizagem com o gênero selecionado e as experiências didáticas anteriores com esse mesmo gênero. Ademais, é necessário levar-se em consideração as prescrições estabelecidas pelos documentos oficiais para a área de educação.

Machado (2009) aponta que os critérios básicos para se seguir o MDG são: selecionar um gênero de acordo com os princípios didáticos estabelecidos; buscar suporte na literatura produzida anteriormente pelos especialistas nesse gênero e pelos pesquisadores da área do discurso; selecionar vários exemplares do gênero escolhido, e analisar os textos de acordo com os critérios de análise já propostos pelo ISD.

A figura abaixo exemplifica as dimensões ensináveis de um gênero, de acordo com Dolz e Gagnon (2015):

Figura 7 – Modelo didático do gênero e suas dimensões ensináveis



Neste capítulo, até aqui, apresentamos os princípios e critérios que orientam o trabalho didático com o gênero textual. A seguir, abordaremos outra vertente envolvida no contexto de nossa pesquisa que é a escrita no ensino superior.

3.4 - O letramento acadêmico

Primeiramente, é necessário destacar que a pesquisa em questão envolveu o meio universitário, o que implica o envolvimento de todo o contexto que permeia este ambiente, como ações e comportamentos, entre eles um discurso próprio desse meio.

Nesse sentido, convém destacar que cada meio de convívio social envolve discursos próprios, os quais são construídos ao longo do tempo e carregam muito da cultura e da ideologia de todos os envolvidos. Tal afirmação, nos faz lembrar o conceito de letramento, que têm como objeto de conhecimento específicos os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita, conforme Kleiman (2007).

Desse modo, por envolver a questão social, também há letramentos relacionados a discursos diversos relacionados ao meio social em que circulam e aos contextos envolvidos. Porém, tais discursos não estão isolados e envolvem outras práticas de letramento, muitas vezes, provenientes de outras áreas, como afirmam Lea e Street (2014):

[...] por exemplo, ao dispensar particular atenção às relações de poder, autoridade, produção de sentido e identidade, implícitas no uso de práticas de letramento em quadros institucionais específicos. Esse modelo não concebe as práticas de letramento como completamente restritas às disciplinas e às comunidades temáticas; examina, também, como as práticas de letramento advindas de outras instâncias (por exemplo, governamental, empresarial, da burocracia universitária) estão comprometidas com aquilo que os estudantes precisam aprender e fazer. (Lea & Street, 2014, p. 481).

Assim, o letramento comum no meio acadêmico não envolve apenas o conteúdo das disciplinas específicas ali ministradas. Ao contrário do que se pensa, este envolve também práticas, discursos e temas provenientes de outras comunidades, com as quais nem sempre o aluno está familiarizado. Por isso, um trabalho na área envolve sobretudo cultura disciplinar, como afirma Carlino (2017), leitura, escrita de gêneros próprios de cada área de formação, como também: escrever artigos, preparar-se para apresentações orais, formular pensamentos críticos e relacionar todo o conhecimento adquirido a outros tipos de letramento adquiridos anterior e futuramente.

Ademais, há forte influência atual de disciplinas que envolvem a leitura e a produção de textos no meio virtual, assim, conforme Kleiman (2014):

As múltiplas práticas de letramento intersemióticas contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias (Kleiman,2014, p.10)

Conforme já foi afirmado anteriormente, o meio acadêmico vai exigir do aluno um desenvolvimento mais amplo e os estudantes trazem diferentes experiências e letramentos ao ingressar no ensino superior, muitos inclusive já mobilizaram o letramento digital. Dessa forma, o trabalho com o letramento acadêmico e com diferentes gêneros textuais se mostra pertinente para o desenvolvimento das habilidades necessárias para o convívio nesse meio e na futura profissão.

Em relação a todo o letramento envolvido no processo de graduação de um aluno no meio universitário, nós vamos nos ater principalmente no que envolve a produção de textos no ensino superior, pois este é o principal foco de nossa pesquisa.

3.4.1 A escrita no ensino superior

Ao pensarmos nas concepções que envolvem o processo de escrita no nível superior, algumas perguntas nos vêm à mente, seja por questões pessoais ou por senso comum. Tais como: “Por que é preciso ensinar a escrever no ensino superior? Acaso os alunos não deveriam chegar sabendo fazer isso autonomamente?” Carlino (2017, p.23). Estes questionamentos comuns fazem parte do trabalho da autora, que desenvolveu intensa pesquisa a respeito da área e traz diversas contribuições no sentido de orientar os estudos subsequentes que partem do mesmo interesse.

A pesquisadora aponta a necessidade de se trabalhar com a leitura e a escrita no nível superior considerando que ler e escrever são dois processos que fazem parte da prática profissional acadêmica dos estudantes e futuros graduandos. Ademais, produzir e compreender textos escritos são meios inconfundíveis para promover a aprendizagem de conteúdo de qualquer disciplina que os alunos devem estudar durante a formação acadêmica. Porém, a escrita está mais ‘abandonada’ do que a leitura, mesmo sendo uma atividade intelectual das mais formativas.

Carlino (2017) destaca que todas as disciplinas acadêmicas possuem um conjunto específico de concepções e modos específicos de pensar. Assim, a produção escrita de cada área está vinculada a formas particulares de escrever também, por esta razão, o aluno, muitas vezes, não conhece tais formas, portanto isso deve ser ensinado junto com o conteúdo da disciplina.

Silva e Silva (2019) destacam que para se compreender o processo de escrita de uma determinada área, é imprescindível realizar uma análise a respeito da cultura disciplinar envolvida com o grupo e o conhecimento científico que se pretende estudar, além de textos, discursos e interações que fazem parte deste contexto, visto que a textualização comum da área é resultado de uma evolução social carregada de representações sociais, históricas e ideológicas que são próprias de cada grupo.

Nesse sentido, Bronckart (1999/2007) defende que a prática linguageira de cada grupo social reflete na forma como o gênero será planejado, pois os elementos que o compõem, o léxico e as sequências discursivas serão organizados e planejados de acordo com as práticas desta comunidade em particular. Assim, para se compreender a produção, a planificação e a composição dos gêneros é necessário analisar a forma como cada área do conhecimento elege seus objetos de investigação, assim como as crenças, as representações e as próprias formas de interação.

Como exemplo, Silva e Silva (2019) desenvolveram uma pesquisa com artigos de uma revista científica sobre jornalismo em que analisam 4 textos especificamente do campo do Jornalismo. O foco foi a análise do gênero artigo acadêmico considerando esta comunidade discursiva, seus modos de planificação e organização das sequências discursivas, assim como os vocábulos selecionados pelos autores. Neste caso, as autoras perceberam especificidades nos textos por conta das singularidades da área, como a preocupação dos textos em indicar a marcação de um tempo e espaço, o uso de citações diretas para garantir a veracidade do ponto de vista apresentado e a ausência de detalhamento da metodologia.

Quanto às queixas dos docentes sobre as dificuldades dos estudantes com relação à escrita, estas não são exclusividade do meio universitário. Pelo contrário, elas estão presentes ao longo de todo o sistema educativo. Carlino (2017) aponta que mesmo a queixa sendo comum, a visão é que a responsabilidade é sempre do outro profissional, principalmente dos profissionais de níveis anteriores. Assim, é comum a crença de que o aluno deveria chegar ao ensino superior sabendo ler, escrever e estudar. Eles, muitas vezes, fizeram isso, contudo em contextos diferentes.

Sobre este ponto, Silva (2017) destaca que a transição do ensino médio para o ensino superior é marcada por tensões e incertezas para os estudantes. Uma delas é a questão de se deparar com gêneros textuais diversos de suas experiências de escrita anterior, porque eles não produziam textos desta esfera acadêmica, por conta disso, os estudantes não têm

familiaridade com os textos produzidos na academia. Trata-se de uma situação já mencionada por Foulcaut (1996) que discute a questão de uma entrada nova ordem do discurso, visto que, segundo o autor o discurso revela uma relação entre desejo e poder. Assim, o discurso não é apenas aquilo que é dito explicitamente, mas traduz lutas, sistemas de dominação e poder que nos movem e que procuramos dominar para transitar em diversos espaços sociais.

As queixas mencionadas em relação às dificuldades de escrita dos alunos ingressantes no nível superior não são exclusivas da realidade brasileira. No Reino Unido, o debate também já mobilizou pesquisadores. Nesse sentido, Lea e Street (1998) defendem que a crise na educação superior não é fruto das dificuldades dos alunos, mas é causada pelas lacunas existentes entre as expectativas dos próprios docentes e a interpretação dos estudantes quanto ao que está envolvido na escrita deles.

Em relação ao contexto que envolve a leitura e a escrita no nível superior, diversos pesquisadores já apontaram que os processos envolvidos neste meio são aprendidos na situação de enfrentar as práticas discursivas ali presentes e pertinentes a cada disciplina. Portanto, o docente é o responsável por desenvolver estas capacidades de acordo com a disciplina que leciona, pois são considerados os especialistas na situação e estão familiarizados com as convenções em seu campo de atuação. Ademais, são eles que conhecem o conteúdo que os estudantes terão de ressignificar.

As pesquisas desenvolvidas por Lea e Street (1998) e Fiad (2011, 2013) apontaram que os estudantes se sentem como se participassem de um “jogo de adivinhação”, pois eles não sabem exatamente quais são as expectativas do professor quando solicita uma produção textual, por isso, precisam descobrir o que fazer e como escrever. Alguns alunos participantes da pesquisa relatam que cada professor parecia solicitar algo diferente, embora, muitas vezes, solicitassem o mesmo gênero textual, pois dentro de um mesmo curso, havia professores com concepções diferentes sobre a escrita e discurso, inclusive passando por crenças muito pessoais

A respeito do papel do docente quanto ao que espera da escrita do aluno, Carlino (2017, p.28) afirma que:

O que precisa ser reconhecido é que os tipos de escrita esperados pelas comunidades acadêmicas universitárias não são aprofundamentos do que os alunos deviam ter aprendido previamente. São novas formas discursivas que desafiam a todos os principiantes que, para muitos deles, costumam se converter em barreiras intransponíveis se não contarem com um professor que os ajude a superá-las.

A autora defende que o ensino da escrita universitária envolva os gêneros textuais e que os docentes integrem em suas aulas o ensino sobre eles como se fossem conteúdos

curriculares. Pois, os alunos precisam aprender a ler e a escrever adequadamente para poderem participar de forma ativa e aprender.

Por outro lado, a escrita envolve uma comunicação um pouco diferente da oralidade, pois, neste caso, o emissor e o receptor não compartilham o mesmo espaço e o mesmo tempo, o que demanda que o produtor do texto tenha a habilidade para minimizar ambiguidades para facilitar a compreensão de suas palavras. Assim, a linguagem precisa ser bastante específica e clara, pois o autor não poderá esclarecer o que quis dizer ao receptor. Por conta disso, a escrita precisa ser planejada, antecipada e reconsiderada, o que acaba estimulando uma análise crítica sobre o próprio saber.

Nesse sentido, muitas vezes, o produtor do texto enfrenta uma situação dialética entre as suas próprias limitações em relação ao domínio do conteúdo e a necessidade de produzir um texto bom e eficiente.

Carlino (2017) aponta que estudos na área comprovam que muitos universitários, em situações comuns em que escrevem para serem avaliados, não são capazes de usar a escrita como uma ferramenta cognitiva para poderem organizar o pensamento sobre um assunto. Isso acontece porque não aprenderam a revisar os próprios textos para poder se reconectar com o tema, desta forma, poderiam descobrir o que é possível dizer sobre o mesmo e apresentar o seu conhecimento. Muitos estudantes entendem que escrever é o mesmo que traduzir o pensamento em linguagem, ou mesmo a fala para a escrita.

Além da questão do aluno, vale destacar que o papel do professor de ensino superior é fundamental no processo, pois os docentes também deveriam participar como leitores de textos; já que os estudantes, muitas vezes, carecem de audiência, por esta razão, não procuram adequar seus textos ao que suporiam que seria necessário para seus leitores. A respeito disso, Carlino (2017) defende que, de acordo com a perspectiva de Vigotski, a linguagem é adquirida através do diálogo, por isso, nossos pensamentos estão muito relacionados a nossas experiências de conversação. Assim, para desenvolverem, uma voz acadêmica como se espera deles, os estudantes precisam de oportunidades para serem colocados à prova, mas isso deve ocorrer por um interlocutor fluente na área e não ameaçador.

Por todas as razões apresentadas, Carlino (2017) aponta a necessidade de promover mais debates sobre o ensino da leitura e da escrita nas instituições de ensino superior, assim, como o mesmo debate precisa ser ampliado para as autoridades e órgãos do governo que são responsáveis por fixar objetivos e avaliar o ensino superior.

Como reforço à necessidade de mais debates sobre este tema, Thaiss (2012) revela os dados de uma pesquisa que envolveu 330 instituições de ensino superior pelo mundo todo, no total de 54 países, a respeito da escrita no meio universitário. Os dados mostram que 70% das respostas apontam que a escrita é solicitada no nível da graduação e da pós-graduação

e que os gêneros solicitados são variados, como ensaios, relatórios, seminários, exames, artigos e teses. Quando perguntados quem se importava com a questão do aprendizado da escrita dos estudantes, 99% dos participantes responderam que os profissionais que se ocupam dessa função são os professores que ensinam e/ou realizam pesquisas em linguística ou letramento, professores que atuam na formação de professores ou trabalham em centros que oferecem apoio a escrita acadêmica.

A pesquisa apresentada por Thaiss (2012) nos revela que a postura frente ao aprendizado da escrita e leitura de gêneros textuais no meio universitário é bastante comum mesmo em locais diferentes. Infere-se que o discurso do meio seja muito semelhante nesse sentido.

Com relação à visão dos alunos sobre a questão da escrita acadêmica, Gere (2019) desenvolveu uma pesquisa longitudinal com estudantes universitários a respeito do que pensavam e quais os objetivos teriam sobre a vida deles após a conclusão do curso superior. A partir da análise das respostas obtidas, verificou-se que os alunos consideram a escrita como uma parte essencial da vida deles após a universidade. A maior parte dos participantes da pesquisa considera que o desenvolvimento da escrita será positivo para o futuro profissional deles, pois compreendem que vários gêneros serão necessários para o trabalho na futura carreira, como declarações pessoais, relatórios de vendas, resumos legais, relatórios científicos, fazer uma apresentação a um cliente, interpretação de dados estatísticos, blogs, tweets, e outras mídias sociais.

Desta forma, podemos afirmar que os alunos reconhecem a necessidade de desenvolver a escrita acadêmica, mesmo que não o saibam fazer de forma autônoma.

CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia envolvida no desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Para isso, definiremos novamente os objetivos já mencionados no início de nosso trabalho; detalharemos o contexto em que se insere a pesquisa e o componente curricular abordado (TAFH); definiremos o caminho percorrido até a seleção dos alunos participantes da pesquisa e os procedimentos de análise adotados para a posterior análise dos dados coletados.

4.1 Objetivos

Antes de apresentar todos os procedimentos metodológicos envolvidos em nossa pesquisa, consideramos conveniente retomar nossos objetivos já apresentados em nossa seção introdutória.

Assumimos como objetivo principal desta pesquisa investigar a apropriação dos tipos de argumentos na produção de textos do gênero artigo de opinião, ao longo de 7 semestres de graduação de Pedagogia, de estudantes do nível superior em uma disciplina no formato de Educação a Distância (EaD) em uma universidade privada do interior de São Paulo. Como objetivos específicos, assumimos:

Para tanto, tomamos como objetivos específicos:

- 1) Classificar os tipos de argumentos expressos nos artigos de opinião das coletâneas que acompanham as propostas de produção;
- 2) Analisar que tipos de argumentos são empregados nos artigos de opinião produzidos pelos alunos durante o curso;

- 3) Investigar que tipos de intervenção são feitos pela docente como corretora e avaliadora dos textos.

Na sequência, apresentamos o contexto em que a pesquisa se insere, bem como apresentamos a seleção de dados e os procedimentos utilizados para a análise que será realizada no capítulo a seguir, por fim, os critérios utilizados para análise.

4.1.1 – Opção metodológica

Antes de apresentar o contexto social e os envolvidos no estudo aqui apresentado, vamos definir que a pesquisa se encaixa no perfil do que se descreve como pesquisa participante. Demo (2000, p.21) a apresenta como ligada à prática “é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção: nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”.

Por esta razão, é possível afirmar que a pesquisa participante tem um viés político importante, o que a possibilita tratar da relevância do processo de investigação tendo como perspectiva a intervenção da realidade em seu aspecto social.

4.2 O contexto de pesquisa

Nos últimos anos, o público que está ingressando nas universidades tem apresentado um perfil bastante diversificado. Há muito o que se comemorar no sentido de diferentes classes sociais passarem a ter acesso a um curso superior, porém, este público heterogêneo apresenta diferentes domínios em relação ao emprego da linguagem, posto que são provenientes de diferentes realidades e letramentos.

Este cenário mostra avanços em relação a políticas públicas de diminuição da desigualdade social, mas representa um quadro de dificuldades durante a formação acadêmica de muitos estudantes, pois muitos estudantes não dominam o letramento

necessário para obter bons resultados no meio acadêmico. Assim, este ponto tem se mostrado uma preocupação frequente nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Por esta razão, aumentaram os programas universitários que visam auxiliar seus alunos em relação à apropriação do letramento acadêmico. Alguns programas são curriculares, outros são extracurriculares. Muitos desses estão inseridos em componentes oferecidos na modalidade a distância, visto que alguns decretos recentes autorizaram a inclusão de um considerável percentual de disciplinas neste formato. Portanto, é comum observarmos atualmente o encontro entre o letramento acadêmico e o letramento digital nas universidades.

Em meio ao cenário posto, apresentamos aqui o componente curricular Temas Atuais e Formação Humana (TAFH), que era obrigatório e estava inserido no currículo de três cursos específicos: Pedagogia, Contabilidade e Administração da Universidade São Francisco, uma universidade privada do interior do estado de São Paulo. Tal componente começou como um projeto piloto no primeiro semestre de 2018 e acompanhou três turmas específicas durante toda a sua formação acadêmica, ou seja, por cerca de oito semestres. A intenção dessa inserção é o aperfeiçoamento da formação acadêmica no que tange as atividades práticas de leitura e escrita, além de promover reflexões sobre temas atuais e transversais que circulam socialmente. Mas, principalmente, o TAFH foi criado para preparar os estudantes para realizar a avaliação do ENADE.

4.2.1 - Temas Atuais e Formação Humana

O componente curricular Temas Atuais e Formação Humana, mais conhecida no contexto em que se insere como TAFH, estava no currículo de três cursos específicos: Pedagogia, Administração e Contabilidade. Inicialmente, a disciplina não foi ofertada apenas para estes cursos e nem todos começaram a cursá-la no mesmo semestre.

Vale destacar que desde que foi inserida no currículo dos cursos mencionados, a disciplina tem caráter obrigatório e acompanhou os alunos durante toda a graduação em todos os semestres. Além disso, toda a oferta é feita na modalidade de Educação a Distância (EaD) através do ambiente Moodle. A ideia seria ofertar inicialmente a este grupo e mais tarde oferecer aos demais cursos, para também prepará-los para a avaliação do ENADE.

O programa envolvia atividades de leitura, resolução de questões objetivas, produções de texto e fóruns virtuais de debate durante o semestre letivo, tendo como modelo o formato da avaliação externa mencionada. Todo o conteúdo era organizado em 5 quinzenas, conforme o calendário institucional, e visava ao aperfeiçoamento da formação acadêmica dos envolvidos, principalmente, no que tange ao letramento acadêmico e às práticas de leitura e escrita. Ademais, para suporte e embasamento das atividades, os alunos recebiam uma coletânea de 5 ou 6 textos de gêneros diversos relacionados ao mesmo tema, o que, geralmente, envolvia temas transversais e atuais, os mesmos propostos ao PFG, que despertam debates de cunho social.

Tal programa universitário foi instituído como forma de tentar amenizar uma dificuldade observada entre os alunos universitários ingressantes nesse novo contexto social: a apropriação do letramento acadêmico. Afinal, a inserção em um novo contexto demanda ambientação às práticas comuns naquele meio, o que inclui o desenvolvimento da linguagem praticada naquele ambiente. Considerando que os estudantes são provenientes de diferentes classes sociais e tiveram formação inicial em diferentes perfis de instituições, é comum que ocorra um período de adaptação.

Assim, tem se tornado comum que as instituições busquem formas para integrar o público heterogêneo que está ingressando nesse meio, como é o caso de TAFH. Além de prepará-los para realizar a avaliação do ENADE, visto que a nota obtida afeta no forma muito direta a própria universidade.

De acordo com o Guia de apresentação da disciplina disponibilizado aos alunos, o componente TAFH objetiva:

- a. Manifestar seu compromisso com a qualidade da educação ofertada a seus alunos, uma educação “que ensine a ler e escrever a realidade, a interpretá-la e agir sobre ela, com um espírito crítico-constructivo” [...]
- b. Levar os estudantes a refletirem e discutirem sobre temas transversais e atuais pertinentes às políticas de educação ambiental, de educação em direitos humanos e de educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. (Diretrizes de Avaliação de Cursos de Graduação – presencial e a distância do INEP).
- c. Aprimorar o desempenho acadêmico discente por meio do desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação de textos e escrita e, ainda, refinar o seu repertório de conhecimentos gerais.
- d. Promover discussões e compartilhamento de técnicas e estratégias pedagógicas pelos docentes, com vistas a aproximar teoria e prática, de modo a garantir melhor formação e desempenho dos alunos.
- e. Suscitar a sensibilização de docentes e discentes para o fato de a contemporaneidade, complexa e concorrencial, exigir a formação de profissionais capazes de desenvolver competências para interpretação crítica da realidade, de modo a propiciar a construção de conhecimentos e não somente a posse de informações.
- f. Incentivar os alunos a se posicionarem frente às questões brasileiras e internacionais.

- g. Estimular os alunos a perceberem que a cidadania implica participação ativa nas discussões que afetam a vida de todos os brasileiros.
- h. Franquear aos alunos, por meio do aprimoramento das habilidades de leitura, interpretação e escrita, a utilização da pesquisa como recurso educativo que, por sua vez, dá acesso a conhecimentos mais profundos e mais amplos que os resumos didáticos.
- i. Estimular os alunos para que queiram ser agentes de mudança social, que contribuam na construção de uma sociedade respeitosa da dignidade humana, sem exceção, bem como comprometidos com o cuidado do meio ambiente.” (p.4)

Os objetivos apresentados mostram uma preocupação com a formação geral dos estudantes envolvidos. Também refletem uma tentativa de promover a inserção e adaptação dos discentes envolvidos no novo contexto universitário.

Por fim, vale destacar que o componente curricular, como já foi mencionado, foi ofertado na modalidade a distância, pois decretos recentes autorizaram a inclusão de um percentual de disciplinas nesse formato para os cursos presenciais. Dessa forma, o estudante terá de lidar, muitas vezes, com duas novas áreas: o letramento acadêmico e o letramento digital, visto que o ensino básico no país é ofertado na modalidade presencial, supõe-se até ingressar na universidade e ser matriculado nesse componente curricular, muitos alunos não tiveram contato anterior com a educação não presencial.

O programa aqui apresentado denota o cenário que permeia toda a pesquisa desenvolvida: o letramento acadêmico, TAFH, as avaliações externas e ensino-aprendizagem em meio ao ambiente virtual.

4.3 – Os alunos participantes

Antes de apresentarmos os alunos especificamente envolvidos na pesquisa, destacaremos o contexto mais amplo do componente curricular em relação ao perfil de alunos matriculados. Os dados referem-se à época em que os alunos do curso de Pedagogia, que mais adiante serão apresentados como participantes específicos de nossa pesquisa, ingressaram na universidade, os quais passaram a ter este componente no currículo.

Quadro 13 - Primeiros alunos matriculados em TAFH

Total de alunos matriculados	361
Alunos que não cursaram a disciplina	31
Cursos extras (oferta apenas por dois semestres)	Biomedicina (1) , Curso superior de tecnologia (1), Direito (2), Engenharia de computação (1), Engenharia de Produção (1), Psicologia (4)

FONTE: A autora (2022)

Como se pode perceber pelos dados apresentados no quadro, inicialmente, o componente foi oferecido a alunos matriculados em diferentes cursos (Biomedicina, Curso superior de tecnologia, Direito, Engenharia de computação, Engenharia de Produção, Psicologia).

No segundo semestre de 2018, o TAFH passou a ser específico aos três cursos de graduação já mencionados e seguiu desta forma até o segundo semestre de 2022.

Já a tabela a seguir apresenta a média das notas obtidas e a quantidade de alunos matriculados a partir desta nova configuração do componente curricular no segundo semestre de 2018.

Tabela 7 - Dados do segundo semestre de 2018

	MATRI CULA DOS	CURSA RAM	Q.1	Q.2	Q.3	Q.4	Q.5	MÉ D. ATI V.	AVA L.	MÉDI A FINA L
ADMINISTRA ÇÃO	199	187	0,51	0,70	0,51	0,72	0,35	2,25	3,64	6,12
CIÊNCIAS CONTÁBEIS	124	116	0,53	0,70	0,50	0,69	0,46	2,41	3,73	6,53
PEDAGOGIA	29	27	0,50	0,64	0,42	0,69	0,32	1,98	3,33	5,76
NOTA TOTAL A SER ATINGIDA	-	-	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	4,5	6,5	10,0

FONTE: A autora (2022)

Quinzenas 1,3 e 5 – questões objetivas

Quinzenas 2 e 4 – produção de texto

Como nossa intenção era pesquisar o componente curricular apresentado ao longo da graduação, levantamos os primeiros dados para compreender o cenário e tínhamos 352 alunos matriculados entre os três cursos, três produções de texto por semestre e cerca de 4 anos de graduação para cada um deles, o que tornava a quantidade de material coletado muito grande para tornar a pesquisa viável.

Então, o primeiro recorte dos dados foi selecionar o curso de Pedagogia. Esse curso foi escolhido por conta de envolver a formação de futuros profissionais que atuarão com a

K																				
L																				
M																				
N																				

Convém salientar que os dados de 2022.1, o último semestre de graduação dos alunos envolvidos na pesquisa, não foram coletados, pois, assim como esclarecido anteriormente, a docente do componente e pesquisadora se afastou por causa de uma licença maternidade. Por esta razão, em 2022.2, os estudantes foram acompanhados por outra docente, assim, optamos por preservar nossos objetivos iniciais e analisar os dados que mantinham o perfil inicial e não inserir novas variáveis à pesquisa.

A partir dos dados levantados, já foi possível definir algumas possibilidades para análise do material coletado, pois notamos que apenas 4 alunos – representadas pelas letras C, F, I e L cursaram a disciplinas nos 7 semestres analisados e fizeram todas as atividades solicitadas.

Desse modo, a partir dos dados levantados foi possível fazer um recorte em todo o material coletado e selecionar o material que será analisado no próximo capítulo. Optamos pela análise dos artigos de opinião dos alunos que produziram todos os textos solicitados durante os 7 semestres, pois consideramos que teremos maior clareza para analisar o desenvolvimento das produções durante o período pesquisado, que compreende quase toda a graduação dos estudantes.

Convém esclarecer que ao final desse recorte apresentado, os estudantes representados pelas letras C, F, I e L eram apenas mulheres, por esta razão, daqui em diante, optamos por mencioná-las no gênero feminino.

Em resumo, teremos 4 alunas, que produziram 3 artigos de opinião por semestre, e analisaremos os dados coletados durante 7 semestres letivos. Desta forma, temos um total de 84 textos para análise.

4.4 - As atividades

A disciplina em questão é ofertada inteiramente na modalidade a distância, inclusive a maioria das atividades avaliativas. Apenas a avaliação final, conforme orientações do Ministério da Educação, era realizada presencialmente ao final do semestre letivo. As demais quinzenas eram disponibilizadas via ambiente Moodle e ofereciam uma coletânea de textos de gêneros diferentes para leitura com cerca de 5 exemplares diferentes sobre o mesmo tema.

Nas quinzenas 1, 3 e 5, as alunas responderam a questões objetivas sobre o conteúdo da coletânea a partir de um banco de questões elaborado previamente e, nas quinzenas 2 e 4, elas produziram um texto do gênero artigo de opinião a partir de uma proposta de produção textual disponibilizada às estudantes.

Ao final do semestre, a avaliação presencial solicitava a produção de um texto do mesmo gênero que os anteriores e a resposta a questões objetivas sobre as coletâneas 1, 3 e 5. Caso a aluna não obtivesse a nota necessária para progredir para o semestre seguinte ao final do semestre, ela ainda teria a chance de realizar uma avaliação supletiva/complementar como tentativa de recuperação.

Assim, ao final de cada semestre, cada aluna deveria ter produzido cerca de 3 textos, com a possibilidade de serem 4 por conta da atividade para recuperação de notas. Para a análise que será apresentada no capítulo a seguir, recuperamos todas as propostas apresentadas até o momento.

Vale destacar que o modelo das atividades era baseado no formato da avaliação do ENADE como proposto pelo governo federal.

4.5 – Os procedimentos de análise

Conforme afirmamos em capítulo anterior, o ISD sugere a elaboração de um modelo didático do gênero em estudo para levantamento das características ensináveis do gênero. Por isso, apresentamos no quadro a seguir o resultado da análise de 20 exemplares do gênero

artigo de opinião encontrados no material de leitura oferecido às alunas, as coletâneas mencionadas, disponibilizado a elas durante todas as quinzenas do componente curricular.

A escolha pelos exemplares específicos analisados se justifica por conta da inserção destes textos no material associado à disciplina, visto que os exemplares de artigo de opinião presentes na coletânea serviram como modelo de gênero, mesmo que de forma indireta, para a produção textual dos alunos. Vale destacar ainda que, quando as atividades solicitavam a produção de um texto, o tema sempre era embasado na coletânea disponibilizada. Assim, presume-se que as alunas leram esses textos antes de produzirem o próprio, o que pode estar atrelado a representação do gênero que farão ou tentarão fazer. Além disso, dados e informações retirados dos textos lidos poderiam ser utilizados para o desenvolvimento da própria produção do estudante.

Quadro 15 - O modelo didático do gênero artigo de opinião da disciplina

Elementos		Características encontradas
Contexto de produção	Papel social do autor	Especialista na área em que escreve por experiência de vida, de estudo e profissão ou jornalista
	Papel social do leitor	Leitor em geral – preocupado com temas de ordem social
	Suporte	Jornais e revistas publicados em versão on-line
	Objetivo	Convencer o leitor a respeito de um ponto de vista
	Conteúdo temático	Os temas são de interesse social, podem estar relacionados a algum fato público recente na época da publicação ou não
Plano global		Contextualização: apresentação do tema por definição, citação ou fato histórico. Argumentação: argumentos com base em fatos sociais conhecidos, fatos históricos, vozes de especialistas e verdades científicas. Conclusão: retomada e fechamento, ou conscientização. Quanto ao tamanho: há textos de apenas um a 22 parágrafos A assinatura pode ser no começo ou no final do texto, pode ou não trazer a descrição das credenciais do autor
Tipos de discurso		Discurso teórico. Discurso interativo – implicação em primeira pessoa do plural (maioria) e em primeira pessoa do singular.
Sequências e outras formas de planificação		Sequência argumentativa. Sequência explicativa.

	Sequência descritiva
Tipos de argumentos	Argumentos quase lógicos: definição, argumento probabilístico, Argumentos fundamentados na estrutura da realidade: causalidade, os fatos, argumento de autoridade, argumentum ad hominem Argumentos que fundamentam a estrutura do real: argumento pelo exemplo A dissociação de noções: relação essência e aparência, outros pares, distinção Outras técnicas argumentativas: argumento por implícitos, pergunta capciosa, ironia, argumentum ad baculum
Conexão	Advérbios e locuções adverbiais com caráter transfrástico. Conjunções subordinativas e coordenativas.
Coesão nominal	Função de introdução: cadeia anafórica. Função de retomada: pronomes, sinônimos, sintagmas nominais, repetição de termo. Todos os textos têm título – alguns têm inclusive subtítulo É possível a ocorrência de linguagem denotativa e conotativa
Coesão verbal	Presente: Presente do Indicativo Passado: Pretérito perfeito do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Subjuntivo Futuro: futuro do pretérito e futuro do presente do indicativo
Mecanismos enunciativos	Vozes sociais: especialistas Voz do autor Modalizações apreciativas e pragmáticas: tempos verbais condicionais, auxiliares, advérbios/locuções adverbiais, adjetivos, verbos impessoais e pronominais.

FONTE: A autora (2022)

Já as intervenções da docente serão apresentadas e separadas por 4 elementos referentes ao gênero textual: contexto de produção, conteúdo temático, tipo de argumento e mecanismos de textualização. Depois disso, conforme um dos objetivos específicos da pesquisa, serão tecidos comentários e análises a respeito dos pontos levantados considerando a quantidade e o tipo de intervenção feita.

Enfim, o capítulo se encerra com a delimitação de informações relevantes para a compreensão do contexto que envolve a pesquisa no geral. Na sequência, iniciaremos a apresentação da análise dos dados coletados.

Capítulo 5 – ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo traz a análise de todo material coletado durante nossa pesquisa. Inicialmente, apresentaremos informações a respeito das coletâneas apresentadas às alunas, as propostas de produção de textos que foram feitas aos estudantes e teceremos considerações a respeito; na sequência traremos a análise dos textos produzidos pelos alunos e as correções feitas pela docente do componente curricular, ambas serão investigadas. Assim, será possível apresentarmos as considerações e análises conforme os objetivos estabelecidos inicialmente.

5.1 – As coletâneas

Como já foi detalhado no capítulo anterior, cada quinzena acompanha uma coletânea de textos disponibilizada na sala virtual dos alunos. Os textos foram selecionados pelas docentes responsáveis pelo programa. O quadro a seguir detalha a quantidade de textos de cada coletânea, o tema, os gêneros textuais e o assunto de cada texto durante o período analisado.

Quadro 16 – As coletâneas do TAFH

Período	Tema geral	Gênero	Assunto específico/ Título
2018.2	Quinzena 1 – Democracia, ética e cidadania aliadas às questões de direitos humanos	Reportagem	A concentração de renda no Brasil
		Reportagem	O aumento da pobreza no Brasil
		Notícia	Aumento de índices de subnutrição
		Reportagem - vídeo	Comida reciclada do lixo que é vendida aos pobres nas Filipinas
		Artigo de opinião	“São demasiado pobres os nossos ricos”
		Poema	O bicho – Manuel Bandeira
		Cartaz de campanha	Alienação em relação à pobreza
		Charge	Consciência social

Quinzena 2 – Democracia, ética e cidadania aliadas às questões de responsabilidade social e meio ambiente	Reportagem	Relação entre Imóveis vazios e famílias sem casa
	Reportagem	Por que existem tantos prédios abandonados em São Paulo?
	Artigo de opinião	Invasão ou ocupação de terras? Quem é o vilão nesta história?
	Artigo de opinião	Invasão de prédios
	Charge	Disparidade da realidade econômica e social brasileira
	Charge	Auxílio moradia para o judiciário
	Tirinha	Luta pela ocupação de prédios
Quinzena 3 – Democracia, ética e cidadania aliadas às questões de políticas públicas, mobilidade social e questões étnico-raciais	Entrevista	Redução de investimento social precariza a condição de mulheres no mercado de trabalho
	Artigo de opinião	Igualdade no mercado de trabalho
	Entrevista	Mulheres e homens devem se aposentar com a mesma idade? Sim
	Entrevista	Mulheres e homens devem se aposentar com a mesma idade? Não
	Reportagem	Funai comemora empoderamento das mulheres indígenas e inovação com coordenação específica de gênero
	Charge	Igualdade de distribuição e tarefas entre homens e mulheres
Quinzena 4 – Ecologia aliada às questões de globalização e política internacional	Reportagem	Uso de agrotóxicos e defensivos fitossanitários na agricultura
	Notícia	MPF/MS denuncia piloto que aplicou agrotóxicos sobre aldeia indígena
	Artigo de opinião	Agrotóxicos são do mal?
	Charge	Uso de agrotóxicos na alimentação x alimentação saudável
	Artigo de opinião	Racismo ambiental
Quinzena 5 – Ecologia aliada às questões sobre vida urbana e rural e questões étnico-raciais	Artigo de opinião	Por que consumir alimentos orgânicos?
	Notícia	Nem todo orgânico é ecológico

		Notícia	Impacto do aquecimento global na alimentação pode resultar em 500 mil mortes em 2050
		Artigo de opinião	Qual o tamanho do mercado de orgânicos no Brasil?
		Reportagem	Deixar de comprar comida orgânica pode salvar o planeta
2019.1	Quinzena 1 - Cultura e arte aliadas às relações de trabalho e direitos humanos	Reportagem	O casamento infantil
		Relato	Mutilação genital feminina
		Infográfico	Porcentagem de meninas e mulheres submetidas à mutilação genital feminina
		Artigo de opinião	Direitos humanos de todos
		Sinopse	Desert flower (filme)
		Artigo de opinião	Práticas culturais polêmicas à luz dos direitos humanos
		Cartaz de campanha	Tolerância zero à mutilação genital feminina
	Quinzena 2 – Cultura e arte aliadas às questões de meio ambiente	Reportagem	Povos que vivem isolados
		Reportagem	As lições dos povos mais isolados do mundo
		Tirinha	Proteção da biodiversidade
		Notícia	Recuperação do corpo de missionário morto
		Entrevista	Sertanista que trabalha na FUNAI
		Charge	Exploração dos indígenas
		Charge	Exploração dos indígenas
	Quinzena 3 – Cultura e arte aliados às questões étnico-raciais	Reportagem	A dor das mulheres negras na hora de dar a luz vai além do parto
		Reportagem	A solidão da mulher negra
		Sinopse	Engravidai, pari cavalos e aprendi e a voar sem asas (peça de teatro)
		Artigo de opinião	As mulheres negras e os desafios contemporâneos
		Tirinha	Racismo “sem querer”
	Quinzena 4 – Avanços tecnológicos aliados às questões sobre ciência, tecnologia e sociedade	Artigo de opinião	O desafio entre ciência e tecnologia no Brasil
		Artigo de opinião	Ciência, tecnologia e sociedades e suas implicações
Notícia		Carros elétricos põem fim ao longo reinado da rádio AM	
Tirinha		A tecnologia e a alienação	
Charge		Inclusão digital	
Artigo de opinião		A relação entre arte, moda, ciência e tecnologia	
Reportagem		A tecnologia na indústria têxtil	

	Quinzena 5 – Avanços tecnológicos aliados às questões sobre meio ambiente e ética	Reportagem	Avanços tecnológicos a favor do meio ambiente
		Artigo de opinião	Questões éticas da tecnologia
		Resumo científico	Reflexão sobre ciência, filosofia das ciências e ética no uso das tecnologias
		Reportagem	Inovação e honestidade
		Charge	Proteção ao meio ambiente
		Tirinha	Proteção de animais
2019.2	Quinzena 1 – Democracia, Ética e Cidadania aliadas a Direitos Humanos Quinzena 1 – Democracia, Ética e Cidadania aliadas a Direitos Humanos	Declaração	Declaração Universal dos Direitos Humanos (adaptação de Ruth Rocha e Otavio Roth)
		Charge	Programa Nacional de Direitos Humanos
		Artigo de Opinião	Direitos Humanos
		Charge	Mentiras e 1 verdade sobre direitos humanos e segurança pública
		Trecho de livro didático de sociologia	Lei 10.639/2003 – sobre a instituição do Dia da Consciência Negra
		Artigo de opinião	Direitos de Cidadania e Direitos Humanos
		Charge	Todo brasileiro tem direito à morada...
		Artigo de opinião	Construindo direitos G(L)ocais em um Mundo Global
	Quinzena 2 – Responsabilidade Social e Meio Ambiente	Artigo de opinião	Responsabilidade social coletiva
		Charge	Recursos – dinheiro reservado para prevenir enchentes
		Texto informativo	Certificações socioambientais
		Charge	Movimentos ambientalistas
		Artigo de opinião	Tragédia criminosa e ambiental de Brumadinho
		Reportagem	AGU e MPF prometem acompanhar rompimento de barragem em Brumadinho
Charge		Incoerências ambientais	
Quinzena 3 – Políticas públicas, Mobilidade Social e Questões étnico-raciais	Texto informativo	Responsabilidade social e ambiental da empresa	
	Reportagem	Cotas e contestações – ações afirmativas colocaram combate ao preconceito na agenda nacional	
	Charge	Classe média é “dominante” no país, avalia Mantega	

		Reportagem	Ação afirmativa para afrodescendentes e democracia no Brasil
		Charge	130 anos de uma abolição mentirosa
		Reportagem	O longo combate às desigualdades raciais
		Artigo de opinião	Como reduzir nossas desigualdades raciais?
	Quinzena 4 – Ecologia aliada às questões sobre Globalização e Política Internacional	Artigo de divulgação científica	Por que há cada vez mais moscas e baratas e menos borboletas e abelhas?
		Charge	Hábitos culturais e alimentares
		Reportagem	A bactéria mais eficiente que repelentes químicos para afastar insetos e doenças
		Notícia	Milhares de abelhas são intoxicadas e polícia investiga ação de criminosos
		Reportagem	Com grilo no chocolate e larva frita, bióloga busca incluir insetos na alimentação humana
		Charge	Apicultores buscam respostas para a morte de 400 milhões de abelhas no RS
	Quinzena 5 - Ecologia aliada às Questões étnico-raciais	Artigo de opinião	O amanhã é hoje: o drama de brasileiros impactados pelas mudanças climáticas
		Documentário em vídeo	O amanhã é hoje
		Reportagem	“Tenho medo de dormir”: a cruel caçada por ossos de albinos no Malauí
		Reportagem	Aposentados na cadeia: os idosos japoneses que se esforçam para serem presos
		Notícia	Mudança climática são a maior ameaça à saúde deste século, diz estudo
2020.1	Quinzena 1 – Cultura e arte aliados às questões de ética e direitos humanos	Artigo	Direito à vida cultural, artística e científica
		Reportagem	Artistas recriam declaração universal dos direitos humanos com ilustrações
		Artigo de opinião	Cultura e arte aliados às questões de ética e direitos humanos
		Palestra em vídeo	Mário Sérgio Cortela define ética

		Artigo de revista jurídica	Direito e arte na liberdade de expressão: quando a ética se perde na estética
Quinzena 2 – Avanços tecnológicos aliados às questões étnico-raciais	Reportagem		Vídeo com saboneteira levanta debate sobre 'tecnologias racistas'
	Reportagem		Fundação cria aplicativo para combater racismo na África do Sul
	Artigo de opinião		O negro e a ciência
	Resumo científico		Racismo e o uso das tecnologias de informação e comunicação
	Reportagem		Mulheres negras usam tecnologia para enfrentar racismo
	Enquete		O Google é racista
	Notícia		Racismo nas buscas do Google
Quinzena 3 – Democracia, ética e cidadania aliados à meio ambiente	Artigo de opinião		Democracia e meio ambiente
	Tirinha		Hipocrisia em relação à defesa do meio ambiente e dos animais
	Artigo de opinião		Ética e meio ambiente
	Reportagem		Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana em MG
	Lei - Constituição Federal (trecho)		Art. 225 – Do meio ambiente
	Provérbio indígena		Proteção ao meio ambiente
	Infográfico		9 maneiras de ser cidadão
Quinzena 4 – Cultura e arte aliados às questões das relações de trabalho	Artigo filosófico		Cultura, trabalho e educação
	Notícia		Exposição faz relação entre a arte e o trabalho
	Artigo de opinião		A arte e o trabalho
	Notícia		Obras de arte que retratam a importância do trabalhador
	Artigo de opinião		Entre o trabalho e a arte: o cartão de ponto e o combate
Reportagem		Alguns aspectos sobre a arte e o trabalho	
Quinzena 5 – Democracia, ética e cidadania aliados às questões de responsabilidade social	Texto informativo		O que é responsabilidade social?
	Notícia		Fábricas de cimento recebem resíduos de óleo da costa brasileira

		Reportagem	Responsabilidade social: 7 ações voluntárias organizadas por grandes empresas
		Resumo científico	Relações entre variáveis de base, valores e responsabilidade social corporativa
		Artigo de opinião	Grandes empresas usam ações de marketing para encobrir irregularidades
		Charge	Responsabilidade social
		Postagem em rede social (Twitter)	A responsabilidade de cada um na luta contra a destruição do Brasil
2020.2	Quinzena 1 – Ciência, tecnologia e sociedade aliado a políticas públicas	Resumo científico	Produção do conhecimento em políticas públicas de C&T no Brasil: um estudo bibliométrico
		Texto institucional	Abrangência do sistema nacional de CT&I
		Reportagem	Por que os brasileiros pouco se envolvem nas políticas públicas de ciência
		Infográfico	Articulação com metas do PNE
		Documentário em vídeo	Percepção pública da C&T no Brasil 2019
	Quinzena 2 – Sociodiversidade e multiculturalismo aliado a ética	Texto informativo	Manifestações culturais no Brasil
		Resumo científico	Sociodiversidade e multiculturalismo: violência, tolerância, inclusão/exclusão e relação de gênero
		Texto informativo	Operários, Tarsila do Amaral (1933)
		Artigo de opinião	Sociodiversidade e multiculturalismo
		Charge	Multiplicando cidadania
		Documentário em vídeo	Multiculturalismo em 3 minutos
	Quinzena 3 – Ciência, Tecnologia e sociedade aliados a políticas públicas	Notícia	Governo pretende incentivar empresas a levar 4G para o campo
		Resumo científico	A cooperação interinstitucional e a tecnologia como fatores de desenvolvimento e superação da pobreza no meio rural amazonense
		Artigo de opinião	Agricultura de precisão: uma nova fronteira agrícola
		Vídeo institucional	Embrapa agricultura digital

		Reportagem	A mecanização agrícola e seus impactos no campo
	Quinzena 4 – Ciência, Tecnologia e Sociedade aliados a ecologia	Reportagem	Tecnologia a favor do meio ambiente
		Documentário em vídeo	Sustentabilidade, Inovação e Tecnologia
		Notícia institucional	Sistema avançado de informações para a agricultura
		Infográfico	Trilha ambiental
		Artigo de opinião	Será que a tecnologia pode ser parceira da natureza?
		Poema	Será que tem jeito?
	Quinzena 5 – Ciência, Tecnologia e Sociedade aliados a ecologia	Resumo científico	Sociedade e Multiculturalismo: violência, tolerância/intolerância, inclusão/exclusão
		Notícia	Lançado o guia de orientação para imigrantes venezuelanos
		Reportagem	Multiculturalismo nas empresas como fato de competitividade
		Documentário em vídeo	Desigualdade racial no Brasil
		Charge	Multiplicando cidadania
2021.1	Quinzena – 1 Responsabilidade social aliada a política	Documentário em vídeo	Responsabilidade social para quem?
		Notícia institucional	Um exemplo de responsabilidade social empresarial: o banco Paribas
		Artigo de opinião	Governo e sua responsabilidade social
		Texto informativo	O que é responsabilidade social
		Notícia	Ethos lança cartilha sobre responsabilidade social de empresas e financiamento político
	Quinzena 2 – Cidadania aliada a ética	Letra de música	Comida - Titãs
		Foto jornalística	Criança mendigando
		Artigo	Ética e cidadania
		Vídeo documentário	A gente explica: afinal, o que significa ter ética e cidadania?
		Artigo científico	A ética em Freud
		Charge	Ética
	Quinzena 3 – Arte aliada a avanços tecnológicos	Texto informativo	Arte e tecnologia: das cavernas à realidade virtual
		Reportagem	250 obras misturam arte e tecnologia na paulista

		Artigo de opinião	Estar conectado o tempo todo será tão absurdo quando fumar num avião	
		Palestra em vídeo	TEDX: transformando olhares com tecnologia, arte e árvores: Roberta Carvalho	
		Artigo de opinião	Arte e tecnologia	
	Quinzena 4 – Arte aliada a avanços tecnológicos	Artigo científico	A ciência e tecnologia como estratégia de desenvolvimento	
		Carta aberta	Ciência, economia e qualidade de vida caminham juntas nas economias centrais, mas não no Brasil	
		Notícia	Semana nacional de ciências e tecnologia é aberta em Brasília	
		Palestra em vídeo	Perspectivas sobre a ciência e a tecnologia no Brasil	
		Charge	Arte e tecnologia	
	Quinzena 5 – Ecologia aliada a vida urbana	Verbetes	Afinal o que é ecologia?	
		Artigo de opinião	A proteção do meio ambiente e a garantia do desenvolvimento econômico	
		Artigo de opinião	Motivos para se levar a sério o planejamento ambiental	
		Imagem	Natureza, ecologia e economia	
		Reportagem	Um exemplo de desenvolvimento sustentável	
	2021.2	Quinzena 1 – Pandemia aliada a evasão escolar	Reportagem	Pandemia de abandono e evasão escolar
			Reportagem	Estudo com 20 redes de ensino alerta para riscos de evasão e retrocesso escolar na pandemia
Roda de conversa jornalística			O que muda na educação no pós-pandemia	
Infográfico			Ações para evitar a evasão dos estudantes	
Charge			43% das escolas não têm lugar para alunos lavarem as mãos	
Quinzena 2 – Preconceito linguístico aliado a trabalho		Texto informativo	O que é preconceito linguístico	
		Texto informativo	ALIB: Atlas Linguístico do Brasil	
		Artigo de opinião	Preconceito linguístico	
		Reportagem	Emprego – como o sotaque pode penalizar o seu salário	

		Tirinha	Chico Bento – Vida no campo
Quinzena 3 – Analfabetos aliados a movimentos sociais		Artigo científico	Movimentos sociais e educação de jovens e adultos: alguns apontamentos históricos
		Charge	Ensino público
		Reportagem	Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil
		Infográfico	O que é analfabeto funcional e analfabeto absoluto
		Notícia	Analfabetismo é uma ameaça ao futuro
		Cartaz de campanha	Programa Brasil Alfabetizado
		Charge (de 1935)	De volta do combate ao analfabetismo
Quinzena 4 – Cultura popular aliada a cultura erudita		Notícia	Televisão e a cultura de massa
		Notícia	SP terá programação para a semana nacional de museus
		Resumo científico	Cultura popular, cultura erudita e cultura de massas no cinema brasileiro
		Documentário em vídeo	Cultura erudita e cultura popular – O assunto é consumo cultural
		Tirinha	Mafalda – sobre o valor da cultura
Quinzena 5 – Direitos da criança aliados a trabalho infantil		Vídeo de campanha	Turma da Mônica e os direitos da criança
		Reportagem	O que o ECA diz sobre o trabalho infantil
		Artigo científico	O trabalho artístico infantil e as consequências escondidas na glamourização
		Comunicado de imprensa	É preciso proteger as crianças contra o trabalho infantil
		Reportagem	Cenário do trabalho infantil e da exploração de crianças e adolescentes no Brasil
		Vídeo de campanha	Trabalho infantil: mitos e verdades

FONTE: A autora (2022)

Como se pode observar no quadro, a quantidade de gêneros em cada quinzena é variável, mas está em torno de 5 a 8 textos. Além disso, o eixo temático de cada quinzena traz o tema mais geral e os textos são selecionados em torno de um tema mais específico,

que pode estar relacionado a um acontecimento social relevante no período da elaboração do material ou mesmo discussões sociais relevantes, que não se relacionam a um fato específico.

Conforme apresentado em seção anterior, a atividade de produção de texto solicitava às estudantes que escrevessem um artigo de opinião. No total dos sete semestres pesquisados, os alunos receberam através das coletâneas disponibilizadas a cada quinzena 211 textos. Entre estes, 35 eram do gênero artigo de opinião, o que representa uma média de 5 exemplares por semestre. Tal número parece adequado para fornecer um modelo aos estudantes de como produzir o próprio artigo.

Visto que o objetivo do componente curricular é levar o aluno a desenvolver a linguagem e habilidades como leitor e produtor de textos para realizar a avaliação do ENADE fizemos um levantamento dos gêneros textuais apresentados aos estudantes como fonte de informação durante os 7 semestres pesquisados e agrupamos conforme a área de concentração. O quadro foi construído com base na proposta provisória de agrupamento de gêneros de Dolz e Schneuwly (2004).

Quadro 17 – Agrupamento de gêneros apresentados nas coletâneas

<i>Domínios de comunicação</i> Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominante	Gêneros orais e escritos	Quantidade de exemplares
<i>Cultura literária ficcional</i> Narrar Mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil	Poema Tirinha Letra de música	11
<i>Documentação e memorização das ações humanas</i> Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Reportagem Notícia Notícia institucional Entrevista Relato Provérbio indígena Postagem em rede social Foto jornalística Artigo filosófico	74
<i>Discussão de problemas sociais controversos</i> Argumentar Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Artigo de opinião Charge Carta aberta Roda de conversa jornalística	64
<i>Transmissão e construção de saberes</i> Expor Apresentação de diferentes formas dos saberes	Cartaz de campanha Infográfico Sinopse Resumo científico Trecho de livro didático	60

	Texto informativo Artigo de divulgação científica Documentário em vídeo Artigo de revista jurídica Enquete Vídeo institucional Artigo institucional Palestra em vídeo Verbetes Foto jornalística Comunicado de imprensa Quadrinhos em vídeo	
<i>Instruções e prescrições</i> Descrever ações Relação mútua de comportamentos	Declaração Lei (Constituição Federal)	2
<i>Total</i>	34 gêneros	211 textos

FONTE: Adaptado pela autora (2022) do trabalho de Dolz e Schneuwly, 2004, p. 62-63)

Inicialmente, o quadro nos mostra que durante o período pesquisado a variedade de gêneros foi significativa e a quantidade total de textos também. Considerando que os textos foram apresentados às estudantes para serem lidos como material de apoio à disciplina, é possível afirmar que houve uma oferta de leitura variável e vasta. Não é possível afirmar se o propósito de leitura foi cumprido, visto que não é viável pesquisar neste momento se as estudantes realmente leram o material ofertado. De qualquer forma, é possível analisar o material apresentado a eles.

Entre os 211 textos, há gêneros próprios da oralidade (como a roda de conversa jornalística e vídeos), e outros mais comuns na escrita (como post de rede social, carta aberta, cartaz). Há também gêneros mais comuns na atualidade (o post) e gêneros mais tradicionais (há uma tirinha antiga na coletânea). Há gêneros multimodais (como os infográficos e os documentários em vídeo).

Ademais os dados apresentados no quadro nos indicam alguns pontos que precisam ser analisados. Em primeiro lugar, destaca-se o ponto de que há exemplares nas coletâneas apresentadas de gêneros de todos os domínios da comunicação, mesmo que se perceba maior quantidade de alguns deles. Nesse sentido, observa-se que houve poucos exemplares e poucos gêneros próprios do que se chama de 'Cultura literária ficcional' e 'Instruções e prescrições'. Tal fato provavelmente está ligado ao perfil do TAFH que não visa desenvolver a apreciação de leitura com caráter mais literário e não está relacionado a apresentar prescrições e instruções. Assim, não se percebe preocupação muito evidente em promover a

mimese da ação através da criação da intriga e no domínio do verossímil, bem como a busca por promover a relação mútua de comportamentos.

Por outro lado, chama a atenção a quantidade de exemplares de gêneros relacionado a transmissão e construção de saberes ligados à exposição de saberes (60 no total), pois não são a maior quantidade em variedade de gêneros disponibilizados (17 no total). Considerando que tais textos estão relacionados à apresentação de diferentes formas dos saberes, é possível que tamanha variedade possa ser útil como forma de proporcionar informações aos estudantes que possam ser utilizadas em seus textos, ou seja, seria uma forma de preparar o repertório do estudante para poder escrever sobre temas diversos.

Assim, de acordo com os dados apresentados, podemos afirmar que a coletânea apresentou modelos do gênero diversificados e apresentou dados e informações aos estudantes a respeito da temática abordada.

Ademais, os textos que são muito comuns na esfera jornalística também foram muito frequentes (a maior parte inclusive, 74 no total), são os gêneros relacionados à ação de relatar. Da mesma forma que os gêneros próprios do expor, é provável que os textos com perfil jornalístico tenham sido escolhidos pelo caráter informativo, pois estão ligados à documentação e memorização das ações humanas.

Por fim, chama a atenção que apesar de vários exemplares de artigo de opinião – 35, como já afirmado anteriormente -, haja pouca variedade de gêneros relacionados à ação de argumentar, apenas 4 gêneros, pois isso representa pouca variação de modelos de argumentação disponibilizados aos alunos. De qualquer modo, a quantidade é compreensível se considerarmos o caráter histórico do programa que não tinha o objetivo de formar produtores de textos argumentativos, mas de preparar os estudantes para uma avaliação externa à universidade.

Vale destacar que os textos com caráter mais informativo podem ou não oferecer suporte para as produções textuais que os estudantes terão de fazer para a disciplina. Nas seções seguintes, discutiremos a respeito de como as instruções orientavam para o aproveitamento de informações presentes nas coletâneas e como os alunos fizeram ou não uso das informações presentes nos textos das coletâneas.

5.2 - As propostas de produção de texto

Primeiramente, é necessário ressaltar que a análise aqui apresentada sobre as produções de textos já foi alvo de investigação em artigo anteriormente publicado sob o título '*Ferramentas digitais e propostas de produção de textos: uma articulação possível?*' de Mendes e Bueno (2020). Ademais, para a análise, consideramos o modelo de análise do quadro teórico do ISD.

O quadro abaixo apresenta todas propostas apresentadas aos estudantes durante o primeiro e o último semestre da pesquisa para melhor esclarecer a análise que será apresentada na sequência:

Quadro 18: As propostas de produção de texto do TAFH

2018.2	<p>Quinzena 2</p> <p>De acordo com o artigo 5º descrito na constituição Brasileira, todo cidadão tem direito à moradia adequada. No entanto, verifica-se que o acesso à habitação digna ainda é privilégio da minoria. Conforme dados do IBGE, metade das terras brasileiras está concentrada nas mãos de 46.000 pessoas, devido à má distribuição de terras e à desigualdade social. Além disso, existe um número significativo de imóveis abandonados, públicos e privados, especialmente nos centros urbanos, onde a não manutenção, dívidas de impostos e dificuldade de regularização fazem com que esses espaços sejam inutilizados e palco para ocupações irregulares.</p> <p>A partir da leitura dos textos motivadores da coletânea e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo de até 15 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A contradição do déficit habitacional no Brasil e os imóveis abandonados”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Procure escrever no mínimo 3 parágrafos (introdução ao tema, desenvolvimento e conclusão. Dê um título a seu texto. Mas atenção, textos parcialmente ou integralmente copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p>
	<p>Quinzena 4</p> <p>A partir da leitura dos textos motivadores da coletânea e com base nos seus conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo de até 15 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “O consumo de alimentos orgânicos e os impactos à saúde e ao meio ambiente”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando</p>

argumentos coesos e coerentes. Procure escrever no mínimo 3 parágrafos (introdução ao tema, desenvolvimento e conclusão. Dê um título a seu texto. Mas atenção, textos parcialmente ou integralmente copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.

Avaliação final

Proposta 1

A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**O desafio da ocupação de espaços nos centros urbanos: o respeito ao patrimônio e às necessidades da população**”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.

Proposta 2

A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**O desencontro entre a questão a falta de moradia urbana presente nos planos governamentais e nos planos dos cidadãos**”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.

Proposta 3

A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**A conquista da igualdade de gênero e a participação da mulher no mercado de trabalho**”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.

Proposta 4

A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**O papel do Estado para a conquista da igualdade de gêneros no mercado de trabalho**”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.

Proposta 5

A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**As políticas públicas ligadas à alimentação saudável: entre a economia e a saúde**”. Nele, você deve se posicionar a respeito do

	<p>tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p> <p>Proposta 6 A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas do semestre e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Alimentação saudável: exageros, mitos e preocupações”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p>
2021.2	<p>Quinzena 2</p> <p>A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas 2 e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um artigo de opinião entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “O preconceito linguístico e seus efeitos no mercado de trabalho”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p> <p>Quinzena 4</p> <p>A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas 4 e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um artigo de opinião entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A importância da cultura popular na construção e na valorização da história brasileira”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p> <p>Avaliação final</p> <p>Proposta 1 A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas 2 e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um artigo de opinião entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A opressão linguística no mercado de trabalho”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p> <p>Proposta 2 A partir da leitura dos textos motivadores das coletâneas 2 e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um artigo de opinião entre 15 a 25 linhas em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A valorização da cultura nacional na formação da identidade contemporânea”. Nele, você deve se posicionar a respeito do tema apresentando argumentos coesos e coerentes. Mas atenção, textos copiados/plagiados da internet e/ou da coletânea serão zerados.</p>

Primeiramente, é necessário esclarecer que cada quinzena apresentava apenas uma proposta de produção de textos, contudo, as avaliações apresentavam mais de uma possibilidade. Isto se deve ao fato de a pontuação da atividade quinzenal ser menor que a avaliação final. Inicialmente, até a mudança promovida por causa da pandemia do COVID 19, as atividades avaliativas finais eram realizadas de forma presencial. Além disso, elas eram responsáveis por uma parte considerável da nota mínima necessária para a conclusão bem-sucedida do semestre. Portanto, havia uma preocupação em cadastrar diferentes propostas de produção de texto, as quais eram apresentadas de forma aleatórias – randomização - para evitar cópias entre os estudantes e promover uma avaliação mais fiel da etapa do desenvolvimento de cada estudante.

Em relação ao contexto de produção e ao contexto sociointeracional mais amplo, não há marcas que remetem especificamente aos docentes responsáveis pela proposta de produção de texto.

Outro ponto relevante diz respeito ao gênero solicitado, pois, até o terceiro semestre de oferecimento do componente curricular, não se explicitava qual gênero específico deveria ser produzido. A orientação refere-se a ‘texto dissertativo-argumentativo’, que não deixava explícito ao aluno qual entre os possíveis gêneros dissertativos e argumentativos deveria ser produzido, conforme a referência adotada pelo programa do modelo de questões do ENADE. No terceiro semestre, o gênero passa a ser identificado como ‘artigo de opinião’, já um indício de observação das dificuldades encontradas pelos estudantes para escrever sem nomear o gênero. A mudança para a especificação do gênero pode ser relevante aos estudantes em vista de que o artigo de opinião, apesar de ser um gênero da esfera jornalística, apresenta semelhanças com as respostas que os alunos precisam produzir em avaliações durante a sua formação.

Destaca-se, neste caso, que pelo modelo de oferta do componente, os estudantes só têm contato com a docente via ferramentas disponíveis na plataforma, como mensagem privada, fórum e e-mail. Não havia diálogo de forma síncrona entre docente e discente. Assim, a aprendizagem ocorreu principalmente de forma autônoma.

Considerando que os alunos cursaram o componente curricular de forma a distância e através de um ambiente virtual de aprendizagem, o Moodle, mesmo assim, não havia sugestão ou orientação na proposta que o aluno poderia usar ou explorar os recursos disponíveis na plataforma. A única recomendação é que os alunos lessem os textos motivadores publicados em PDF na sala virtual. Desta forma, há clara sugestão de que o material deve ser consultado para a realização da atividade, porém, não há instrução de que seja obrigatório o uso.

Como se pode observar no quadro apresentado, o enunciado oferecido aos alunos foi organizado em uma sequência instrucional e em discurso interativo. Ao longo do período analisado, o enunciado sofreu algumas alterações em relação à quantidade de linhas a serem produzidas, o gênero explícito solicitado e a necessidade de se escrever um título ao texto.

A respeito da quantidade de linhas a serem produzidas, a orientação inicial, seguindo o modelo ENADE, era de que fossem escritas no máximo 15 e passou a ser sugerido que os alunos escrevessem de 15 a 25 linhas. Tal modificação, provavelmente, foi feita por conta da observação da docente de que os textos que estavam sendo produzidos estavam muito curtos, o que poderia atrapalhar a configuração do gênero artigo de opinião.

Com relação à solicitação da inserção de um título ao texto, esta foi feita apenas em um semestre e em uma atividade específica. A análise da seção seguinte mostrará se a mudança se deve à dificuldade dos estudantes de fazer isto ou se foi em decorrência da observação da docente quanto aos textos produzidos.

Já em relação aos temas solicitados aos alunos, como pode-se observar no quadro, houve variação de temas conforme o semestre. Assim como foi detalhado no capítulo anterior, o componente está vinculado ao PFG que visa ao desenvolvimento amplo do estudante e tem como foco o aperfeiçoamento da formação dos estudantes através do contato deles com temas transversais e de interesse da sociedade em geral como propostos pelo MEC.

Em relação aos mecanismos de textualização e enunciativos, é possível observar que há marcas linguísticas que remetem às normas para o agir, as quais são típicas do espaço escolar e acadêmico, como 'redija', 'você deve', 'textos copiados/plagiados serão zerados'

Mendes e Bueno (2020) destacam que as propostas poderiam trazer sugestões e orientações de como usar os recursos disponíveis de forma proveitosa à produção de textos. Assim, a docente poderia fazer um questionário e disponibilizá-lo no Moodle aos alunos para orientar uma leitura mais aprofundada dos textos da coletânea, ou sugerir uma pesquisa em blogs de escritores e jornalistas para a orientação sobre como escritores experientes se organizam para escrever. Da mesma forma, os alunos poderiam ser orientados a realizar pesquisas, participar de discussões em fóruns, fazer produções coletivas, usar aplicativos antiplágio ou de correção de textos etc.

Assim, é possível afirmar que há um conjunto de recursos que poderiam ser explorados na sala virtual do componente, mas não foram incentivados. Tal postura desconsidera que o processo de ensino e aprendizagem do componente apresentava peculiaridades diferentes de um curso presencial e não tirou proveito das ferramentas digitais disponíveis dada a precariedade do trabalho. Isso levanta questionamentos a respeito da EaD

relacionados à repetição de comportamentos e atitudes da modalidade presencial, sem a adequação ao novo formato e suas possibilidades.

Por fim, recuperamos uma grade de correção que foi usada pela docente durante os três primeiros semestres do componente curricular. Tal instrumento foi elaborado para ser usado explicitamente para a correção das avaliações finais que eram presenciais e ocorriam em três dias apenas no final do semestre letivo. Vale destacar que todos os alunos eram passavam pelo mesmo processo e isso ocorria na mesma época, o que tornava grande a quantidade de textos a serem pontuados e corrigidos e o prazo era curto. Por esta razão, a grade foi elaborada, a partir de uma grade já elaborada para outro componente curricular ofertado na modalidade EaD na instituição, como forma de tornar o processo mais ágil.

Quadro 19 – Grade de correção dos textos utilizada para correção das avaliações presenciais em 2018.2, 2019.1, 2019.2

		CRITÉRIO	FEEDBACK
TEMA	1,00	Aborda o tema com excelência	Parabéns! Sua redação está dentro do tema recomendado. Você conseguiu abordar com excelência o tema proposto.
	0,70	Aborda o tema satisfatoriamente	Procure abordar o tema com mais profundidade levando em conta seus conhecimentos sobre o assunto.
	0,30	Apenas tangencia o tema	Observe a proposta com atenção e verifique que você acabou redigindo um texto que apenas tangencia o tema solicitado.
	0,00	Redação redigida fora do tema proposto	Observe a proposta com atenção e verifique que você acabou redigindo um texto que não aborda o tema solicitado.
ESTRUTURA	1,00	O aluno apresenta um texto coeso e coerente, em que há manutenção do tema, progressão da sua ideia essencial, boa organização global e não-contradição interna ou externa. O texto atende plenamente ao esperado para um texto dissertativo-argumentativo, apresentando o posicionamento do aluno e argumentação bem fundamentada.	Parabéns! A organização estrutural do seu texto está adequada para o gênero solicitado. Você apresenta o tema, a tese, os argumentos e a conclusão de forma satisfatória.

	0,70	O aluno apresenta um texto satisfatoriamente coeso e coerente, em que há manutenção e progressão do tema, mas com algum problema de organização global. Não há contradição interna nem externa. Uso adequado do texto argumentativo. O texto atende satisfatoriamente a um texto dissertativo-argumentativo, apresentando posicionamento do aluno e/ou argumentação.	A organização estrutural do seu texto está adequada para o gênero solicitado. Reveja apenas se você apresenta satisfatoriamente todos os aspectos: tema, a tese, os argumentos e a conclusão de forma satisfatória.
	0,30	O aluno apresenta um texto pouco coeso e/ou coerente, sem continuidade e progressão da ideia essencial do tema, com problemas de organização global e também com alguma contradição interna e/ou externa. Uso pouco adequado do texto argumentativo, com um posicionamento e/ou argumentação pouco articulados.	A organização estrutural do seu texto está POUCO adequada para o gênero solicitado. Reveja que você não apresenta satisfatoriamente todos os aspectos: tema, a tese, os argumentos e contra-argumentos e/ou a conclusão.
	0,00	O aluno apresenta um texto sem coesão e sem coerência, em que não há continuidade e progressão da ideia essencial do tema. Há ainda problemas gerais de organização global do texto, com contradição interna e externa. Não atende o esperado para um artigo ou mesmo um texto de opinião.	A organização estrutural do seu texto está POUCO adequada para o gênero solicitado. Reveja que você não apresenta satisfatoriamente todos os aspectos: tema, a tese, os argumentos e a conclusão. Seu texto foge à estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, tendo sido apresentado apenas na forma de um comentário sobre o assunto.
LINGUAGEM	1,50	O aluno apresenta um texto coeso e coerente, em que há manutenção do tema, progressão da sua ideia essencial, boa organização global e não-contradição interna ou externa. O texto não apresenta problemas de linguagem e foi escrito em variedade e estilos linguísticos adequados ao texto dissertativo-argumentativo.	Parabéns! Seu texto apresenta linguagem adequada ao gênero solicitado, mostrando que você tem ótimo domínio do gênero escrito.
	1,00	O aluno apresenta um texto satisfatoriamente coeso e coerente, em que há manutenção e progressão do tema, mas com algum problema de organização global. Não há contradição interna nem externa. Uso adequado do texto argumentativo. O texto atende satisfatoriamente a um texto dissertativo-argumentativo, apresentando poucos problemas de linguagem, posicionamento do aluno e argumentação.	Seu texto está bem escrito, mas apresenta alguns desvios de linguagem. Verifique se não há alguns problemas de linguagem, como ortografia, concordâncias, acentuação, pontuação, erros de digitação e/ou abreviações (internetês) que possam comprometer a compreensão do texto.

	0,50	O aluno apresenta um texto pouco coeso e coerente, sem continuidade e progressão da ideia essencial do tema, com problemas de organização global e também com alguma contradição interna e/ou externa. Há vários problemas de linguagem, como ortografia, concordâncias, acentuação, erros de digitação, dentre outros, que comprometem parcialmente a compreensão do texto.	Seu texto apresenta muitos desvios de linguagem como ortografia, concordâncias, acentuação, pontuação, erros de digitação e abreviações (internetês) que comprometem a compreensão do texto. Faça uma revisão mais cuidadosa antes de enviá-lo.
	0,00	Texto com problemas gravíssimos, inviabilizando a compreensão do tema abordado, desviando totalmente a atenção do leitor para os diversos erros. Há vários problemas de linguagem, como ortografia, concordâncias, acentuação, erros de digitação e abreviações (internetês) que comprometem totalmente a compreensão do texto.	Seu texto apresenta muitos desvios de linguagem como ortografia, concordâncias, acentuação, pontuação, erros de digitação e abreviações (internetês) que comprometem TOTALMENTE a compreensão. Primeiramente, faça um projeto de texto e faça uma revisão mais cuidadosa antes de enviá-lo.
AUTORIA	0,00	Texto plagiado da internet, com fragmentos que indicam ser originários de uma ou mais fontes.	Lembre-se de que o texto precisa ser de SUA AUTORIA e, portanto, produções plagiadas parcial ou integralmente são desconsideradas. Para não plagiar, você deve ter sua própria argumentação, sua tese e conclusão que deixem claro o SEU ponto de vista a partir das leituras que já realizou sobre o tema.
FUGA AO TEMA OU AO GÊNERO	0,00	Texto que não atende ao tema e à estrutura de um texto dissertativo-argumentativo	Lembre-se de que o texto precisa estar adequado ao tema proposto e/ou ter a estrutura de um texto dissertativo-argumentativo (apresentar uma tese, argumentos e conclusão). Fique atento à proposta de produção e às orientações do tutor durante as atividades realizadas durante o seu curso.

Fonte: Material de pesquisa da autora (2022)

Como esclarecimento, a grade foi usada apenas durante os três primeiros semestres dos cursos analisados, 2018.2, 2019.1, 2019.2, a partir do quarto semestre do componente, que ocorreu em 2020.1, a grade deixou de ser usada devido à mudança da modalidade de todas as aulas em decorrência à pandemia do COVID 19. Desta forma, a aplicação da

avaliação final deixou de ser presencial e o formato teve de ser repensado, assim como os prazos.

Enfim, as orientações para os estudantes, ao produzir o texto, começaram mais parecidas com as orientações do ENADE, entretanto forma adaptadas conforme o tempo passou e a docente observou algumas dificuldades específicas dos estudantes para produzir seus textos.

Na seção seguinte, apresentaremos um levantamento de dados a respeito dos argumentos encontrados na coletânea de textos.

5.3 – Os argumentos das coletâneas

Nesta seção, apresentaremos os dados relacionados aos tipos de argumentos presentes nos artigos de opinião presentes na coletânea. Como já mencionado em seção anterior, durante os 7 semestres foram apresentados 35 artigos de opinião nas coletâneas do componente curricular. Por considerarmos este gênero importante ao oferecer modelos para a produção dos estudantes, analisamos cada um dos exemplares do gênero e fizemos um levantamento dos tipos de argumentos encontrados para posterior análise. Apresentamos no quadro abaixo todos os tipos de argumentos encontrados nos textos do gênero artigo de opinião disponibilizados aos estudantes pelas coletâneas, foram excluídas apenas aquelas que não apresentaram nenhum exemplar do gênero para tornar a exibição dos dados mais clara e objetiva.

Quadro 20– Os tipos de argumentos encontrados nos artigos de opinião das coletâneas

Tipos de argumentos	Coletâneas																						
	2018.2					2019.1			2019.2			2020.1				2020.2			2021.1			2021.2	
	1	2	3	4	5	2	3	4	1	2	3	1	2	3	4	2	3	4	3	4	5	2	4
<i>Definição</i>	X	X	X		X	X		X	X	X	X	X				X			X	X	X		
<i>Comparação</i>	X			X	X			X	X					X									
<i>Regra do precedente</i>				X					X														

O recurso dos valores										X		X		X	X			X	X						
O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos										X		X			X			X		X	X	X			
As perguntas capciosas		X								X		X	X												
Paradoxo, ironia e silêncio		X															X								

FONTE: A autora

Através do levantamento dos dados expostos no quadro anterior, é possível analisar o perfil de argumentos que foram apresentados aos estudantes que cursaram este componente curricular.

Nesse sentido, é possível afirmar que os argumentos mais utilizados foram os Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, conforme Fiorin (2020) com 53 ocorrências, seguidos pelos Argumentos quase lógicos com 33 ocorrências e argumentos que fundamentam a estrutura do real com 24 ocorrências, por último, Outras técnicas argumentativas com 22 ocorrências e nenhuma ocorrência de Argumentos de noções.

Olhando os dados desta forma, podemos ter uma impressão diferente, pois ao olharmos para o todo, o grupo dos argumentos que teve mais ocorrências que os demais teve 9 tipos de argumentos diferentes empregados: Causalidade, causalidade e sucessão, os fatos, argumentum ad consequentiam, argumento da ultrapassagem, argumentum ad hominem, argumentum tu quoque, argumento de autoridade e argumentos a fortiori. Porém, um dos tipos de argumento, os que se fundamentam a estrutura do real, tem 22 ocorrências do mesmo tipo na coletânea, o que configura um número significativo no total envolvido.

Os dados nos permitem tecer algumas considerações sobre os textos inseridos nas coletâneas que acabaram servindo como base para a produção textual dos estudantes e, conseqüentemente, de modelo de forma de argumentar, visto que conforme afirma Vigotski (2007), a relação do estudante com a produção escrita é uma forma de se relacionar com o

mundo e esta relação é mediada e estabelecida de forma indireta. Tal processo pode ser considerado a base para sua constituição como sujeito, conseqüentemente, seu desenvolvimento como produtor de textos, pois será através destes que se dará a sua interação com o componente curricular.

De forma consciente ou não, a seleção de textos inicial feita pelas docentes acabará tendo influência no desempenho dos estudantes ao longo do componente curricular. Entretanto, vale destacar que não é possível verificar de que modo foi realizada a leitura pelas alunas do material disponibilizado. Mesmo assim, algumas pistas podem ser encontradas nos próprios textos das estudantes, como será avaliado na sequência.

Nesse sentido, compreender o perfil dos argumentos mais utilizados pelos autores disponibilizados nas coletâneas ajuda a compreender a análise dos textos das alunas que será apresentada nas próximas seções.

Entre os argumentos que mais foram empregados, quatro merecem destaque pela quantidade: definição, os fatos, argumento de autoridade e argumento pelo exemplo. A definição, segundo Fiorin (2020), é um argumento já apontado por Aristóteles, depois, foi um argumento muito discutido na história da filosofia por seu caráter esclarecedor. Já os fatos, são argumentos conhecidos, conforme aponta Fiorin (2020), como quase incontestáveis e acabam sendo bastante eloquentes quando empregados.

Na sequência, o argumento de autoridade é empregado considerando quem o pronuncia como sendo alguém que possui conhecimento especializado, ou tem credibilidade, ou por sua integridade pessoal, como afirma Fiorin (2020). Assim, é um argumento validade a partir da voz de alguém que é respeitado/ reverenciado no meio social em que circula. Por fim, o argumento baseado no exemplo, de acordo com Fiorin (2020), ocorre quando um caso particular, formulado a partir de um princípio geral, é tomado como base para comprovar uma tese.

Considerando o que afirmamos sobre os textos das coletâneas servirem como modelo para a produção dos alunos, o tipo de argumentação desenvolvido pelos autores pode ser empregado pelos estudantes como modelo para escrever de forma mais convincente na defesa de uma opinião. Afinal, os textos podem ser tomados por modelos e foram escritos por profissionais diversos com experiência.

Nas próximas seções, ao analisar o material coletado referente a cada estudante, vamos observar como cada uma delas lidou com esta questão e se empregaram os modelos ou não.

5.4 - Os argumentos usados pelas alunas

Após apresentado todo o contexto que envolveu a produção textual dos estudantes, apresentaremos nesta seção as análises dos textos coletados de cada uma das 4 participantes da pesquisa.

Primeiramente, é necessário destacar que as 4 estudantes apresentaram desempenho diferente nos textos iniciais e finais e passaram por processos diferentes para o desenvolvimento da argumentação nas produções textuais. Por esta razão, optamos por apresentar uma subseção para cada estudante e apresentar a análise de forma individualizada.

5.4.1 – Análise do material da aluna C

A primeira aluna participante de nossa pesquisa a ter a produção de artigos de opinião analisados será chamado de aluna C, a letra refere-se à sequência de alunos da turma que aceitaram participar da pesquisa. Ressaltando que, conforme detalhado na seção anterior, apenas 4 alunas foram selecionadas devido à maior participação nas atividades do curso durante a graduação.

A estudante apresentou um progresso considerável em sua produção textual durante o período da realização da pesquisa. No capítulo 4, já apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa e as notas do grupo e separados os dados por semestre, agora, faremos outro recorte e as tabelas irão expor os dados individualizados.

Tabela 15 – Notas dos artigos produzidos pela aluna C

Aluno C	Quinzena 2 (0,9)	Quinzena 4 (0,9)	Avaliação final (3,5)	Porcentagem da nota final em relação à nota máxima
2018.2	0,55	0,75	2,4	68,5%
2019.1	0,7	0,8	3,2	91,4%
2019.2	0,75	0,65	2,4	68,5%

As perguntas capciosas						X	X						X								
Petição de princípio			X	X																	
Paradoxo, ironia e silêncio														X							

FONTE: A autora (2022)

Primeiramente, os dados no quadro anterior sobre os tipos de argumentos utilizados mostram que houve aumento da nota atribuída aos textos na mesma medida em que cresceu a variação dos tipos de argumentos empregados nos seus textos. Desta forma, inicialmente, os textos apresentavam apenas 3 tipos de argumentos, mais adiante, a autora dos textos ampliou um pouco a variedade e a quantidade de argumentos no mesmo texto, chegando a apresentar 5 tipos diferentes.

Por outro lado, os dados do quadro nos mostram que a aluna manteve certa regularidade em relação aos tipos de argumentos utilizados nos textos durante os 7 semestres, ou seja, não variou muito os tipos de argumentos. Os mais usados foram: definição, comparação, causalidade, argumento pelo exemplo e recurso de valores, o qual, inclusive, foi o tipo de argumento encontrado em praticamente todos os textos da aluna. Seguem abaixo alguns exemplos de uso da definição, comparação, causalidade e argumento pelo exemplo, o tipo 'recurso de valor', por ser o tipo usado massivamente, será analisado separadamente.

Convém destacar que os argumentos e os trechos que tomaremos como exemplo de nosso material serão apresentados conforme foram escritos pelas alunas. Deste modo, não fizemos correções de ordem de formatação – apenas destacamos em negrito o trecho que gostaríamos de enfatizar – e de norma culta.

Quadro 22 – O processo de argumentação da aluna C. Os argumentos mais usados

A definição:

A postura socioambiental.

A postura socioambiental: são ações que respeitam o meio ambiente, e as políticas Governamentais que tenham como objetivo a sustentabilidade do Planeta.

A comparação:

*A culpa é de uma sociedade narcisista que pensa que não depende de ninguém, quando na verdade tudo e todos somos interligados dependendo uns dos outros sem aceção, sendo apenas um, pensando de um modo grotesco a sociedade é **como um pendulo, é como quando se empurra um balanço até lá em cima, e esquece que existe a lei da física, tudo que sobe, desce então de repente ele volta com força total para si próprio. Assim somos nós seres interligados, dependentes e carentes do outro, que formamos uma teia onde aprimoramos nosso eu, ou seja nossa própria integridade como ser humano um ser social, cultural, político e de consciência, consciência essa que muitas vezes é usada de maneira errônea por ele próprio***

A causalidade:

*Para o benefício eles fazem a decomposição da matéria orgânica, a decomposição de cadáveres de animais e plantas, contribui também para a cadeia alimentar que favorece a natureza que segue seu curso de ciclo alimentar, a produção de alimentos como o mel das abelhas, a produção de tecidos de seda feitos pelo bicho-da-seda, remédios como própolis da abelha poderoso antibiótico, polinização das plantas, os malefícios que são as pragas na agricultura, as pragas na pecuária, são transmissores de doenças como: a malária, a febre amarela, a elefantíase, entre outras, e também a perda de alimentos **porém sabemos que todos eles fazem parte de um importante e delicado sistema que garante o equilíbrio biológico de forma natural, e quando esse sistema interferido através da mão do homem com ferramentas como agrotóxico ou inseticidas acontece um desequilíbrio nesse sistema perfeito chamado cadeia alimentar, tendo como resultado a proliferação de pragas onde busca utilizar mais venenos para erradicar essa indesejada praga, dessa ação nasce os problemas econômicos como o gasto com pesticidas e agrotóxicos e a poluição do meio ambiente trazendo consequências desastrosas para o nosso planeta como o aquecimento global e a extinção de alguns animais e insetos.***

O argumento pelo exemplo:

*Há muito tempo a tecnologia vem entrando de maneira sutil em nosso meio e vem fazendo a diferença algumas boas e outras nem tanto, mas ela está aí e vem tomando seu espaço a cada dia mais, por conta dela mudamos na forma de comunicar, relacionar, produzir, consumir e se informar, pedir uma refeição, um transporte, fazer uma compra, uma transferência bancária e realizar uma reunião pelo celular, tudo isso se encontra em apenas um clique, quanto mais ciência; mais tecnologia; mais desenvolvimento econômico é um sinal de bem-estar social. **No cenário atual de pandemia mais que nunca ela se mostra uma benfeitora, porque graças a ela podemos continuar a viver, de uma forma diferente da convencional do presencial, de maneira remota, mas seguindo em frente com trabalho home office, estudos remotos, comunicação via Google Meet, convenções on-line entre outras, a ciência na atualidade recebe maior espaço e expõe argumentos***

Em relação aos exemplos retirados de nosso material de pesquisa, a definição foi usada pela estudante para esclarecer o que significa a expressão 'política socioambiental'. Até mesmo a opção dela de apresentar o termo seguido de dois pontos demonstra a intenção de tornar o significado mais claro para seu leitor. A comparação foi usada conforme a concepção de Fiorin (2020), que afirma que ao se estabelecer a comparação, não se toma o objeto por si apenas, mas expõe-se as suas características e funções para assim fazer aproximação entre eles. Desta forma, a aluna comparou a sociedade e um pêndulo para defender a ideia de que muitos esquecem que vivemos em grupo e precisamos pensar como tal, visto que não pensar nos demais trará efeitos negativos para si mesmo.

Na sequência, a causalidade foi a opção da estudante para convencer seu leitor quanto à ideia de que é necessário manter o equilíbrio da natureza, porque o contrário pode trazer efeitos negativos para o planeta. Já o argumento pelo exemplo é a opção da autora do texto para defender a ideia de que a tecnologia trouxe muitas vantagens para nossa vida cotidiana e promoveu desenvolvimento econômico, assim ela aponta as ferramentas tecnológicas que seriam responsáveis pelas benfeitorias mencionadas por ela, como o home office, estudos remotos, comunicação via Google Meet, convenções on-line entre outras.

Nesse sentido, os argumentos mencionados se aproximam dos tipos de argumento mais utilizados pelos autores dos artigos apresentados na coletânea também, pois a comparação, a definição e o argumento pelo exemplo foram também encontrados com regularidade na coletânea.

Já o tipo de argumento causalidade e recurso de valores foi menos utilizado na coletânea e usado com mais frequência no texto do estudante. A causalidade, de acordo com Fiorin (2020), está ligada a um encadeamento dos fatos, o que leva um acontecimento antecedente a produzir um dado efeito. É um tipo de argumento comum, mas que merece atenção quando usado, porque, muitas vezes, tomam-se as consequências como causa, o que fragiliza o argumento. O último argumento mencionado entre os mais usados é, segundo Fiorin (2020), balizado em valores morais de uma dada sociedade em determinada época, a qual a considera como verdade, posto que é comumente aceito por todos. Desta forma, é comum se embasar na normalidade e no bom senso para justificar qualquer tese. Assim como fez o aluno.

No quadro a seguir, apresentamos alguns exemplos de trechos de texto em que aluna usou os argumentos que foram menos frequentes, os quais seriam: paradoxo, argumento a contrário e os fatos.

Quadro 23 - O processo de argumentação da aluna C. Os argumentos menos usadosParadoxo:

É notório que a tecnologia pode sim ser uma grande aliada em todos os aspectos e dimensões possíveis, porém ela também pode ser uma vilã em todos os aspectos e dimensões humanas, ou seja, o ser humano pode não entender completamente a natureza em todos os seus aspectos e dimensões, seus conhecimentos e descobertas podem não ser como ele deseja, pois a ciência não faz julgamentos morais, éticos e estéticos, a ciência não diz ao ser humano como usar seu conhecimento científicos, a ciência não tira conclusões sobre explicações sobrenaturais, então se analisarmos a ciência e a tecnologia, nas dimensões dos limites das ciências, observamos que estamos perdendo nossa essência como pessoas humanas

Argumento a contrário:

Mediante a essa problemática entendemos que é necessário recursos para construir tecnologia que nos auxiliam todos os dias para a melhora do mundo, **mas também precisamos dos mesmos recursos para formar cidadãos capacitados para operar tais tecnologias**. É necessário entender que ciência, economia e qualidade de vida, se unem, ou seja, se completa para benefício do cidadão.

Os fatos:

Os insetos têm um papel fundamental ou seja extremamente importante na sociedade tanto para o benefício quanto para o malefício e prejuízo econômico social. Para o benefício **eles fazem a decomposição da matéria orgânica, a decomposição de cadáveres de animais e plantas, contribui também para a cadeia alimentar que favorece a natureza que segue seu curso de ciclo alimentar, a produção de alimentos como o mel das abelhas, a produção de tecidos de seda feitos pelo bicho-da-seda, remédios como própolis da abelha poderoso antibiótico, polinização das plantas,[...]**

FONTE: A autora (2022)

No trecho mencionado no quadro 23, a aluna afirma que a tecnologia pode ser uma grande aliada em todos os aspectos e dimensões possíveis, entretanto, ao mesmo tempo, ela pode ser uma vilã em todos os aspectos e dimensões humanas. Fiorin (2020), aponta que o paradoxo trata de uma não conformidade com algo que é tradicionalmente aceito como sendo. Assim, a aluna afirma o que o senso comum trata como verdade, para em seguida negar isto. Já o segundo tipo de argumento mencionado, foi usado pela aluna para indicar que a tecnologia facilita a vida do homem, mas também depende dele, mesmo que nem sempre as pessoas lembrem disso. Por último, a aluna menciona os benefícios que os insetos trazem para a natureza de forma geral apontando suas funções no ecossistema.

Como já mencionado anteriormente, o recurso de valor foi um tipo de argumento muito empregado pela aluna ao longo de sua produção textual, por esta razão, optamos por apresentá-lo separadamente aos argumentos mais usados. Nos quadros 24 e 25, apresentamos exemplos de trechos em que a aluna usa este recurso:

Quadro 24 – O processo de argumentação aluna C – o recurso de valor

*[...] O minha casa, minha vida é um exemplo, onde pessoas de classe média compram suas casas, enquanto os de classe baixa se deparam com restrições dentro do próprio projeto, projeto esse criado para que a classe baixa tenha direito a moradia, **mas é nítido que é apenas mais um título inútil, a essa classe social menos favorecida, que luta como pode para obter um teto, para sua família, sujeitando-se a perigos e vivendo sem a mínima estrutura básica de moradia construindo casebres ou invadindo imóveis abandonados [...]***

FONTE: A autora (2022)

Este trecho foi retirado do primeiro texto em 2018 e reflete a tese do autor de que a população e baixa renda não é assistida pelo governo como deveria ser. Tal afirmação demonstra uma norma que é socialmente construída na época atual a respeito do papel do Estado.

Do mesmo modo, o argumento foi usado até o último texto do aluno, como vemos a seguir:

Quadro 25 – O processo de argumentação aluna C – o recurso de valor 2

*Quando observamos de perto fica evidente que as línguas mudam de acordo com cada região do país, classe social e cultura. Também é possível ver em um país grande como o Brasil a miscigenação de culturas, classes sociais e regionais que trazem consigo sotaques informais **que nem sempre são bem vistos para uma parte da sociedade a elite econômica e intelectual que de alguma forma observa essa condição com reprovção, repulsa ou desrespeito derivando o preconceito linguístico, já que alguns sotaques e linguagem “informal” é vista de maneira errônea e vem das classes dos menos favorecidos, ou seja, quem estudou pouco os “sem prestígios”.***

FONTE: A autora (2022)

A questão do preconceito linguístico foi tratada da mesma forma: como é socialmente visto e compreendido em nossa sociedade. Nesse sentido, Fiorin (2020) destaca que a tese baseada em um argumento do tipo recurso de valor deve ser analisada com cuidado, porque por trás do que se entende por normal, há, na verdade, uma norma que não é universalmente válida, porque é uma construção social que reflete os valores de um dado tempo e em determinado espaço.

Como se pode constatar nos dados já apresentados, há um tipo de argumento usado pelo estudante que não consta entre os encontrados na coletânea.

Quadro 26 - Tipo de argumento específico aluna C. Petição de princípio

Mas a verdade é que as pessoas estão extremante preguiçosas e não conseguem produzir sua própria comida pois não é facil chegar em casa depois de um longo dia de trabalho e ir para a cozinha descascar alimentos lavo-los, corta-los, tempera-los, e colocar na panela esperar que tudo fique pronto, é muito mais fácil passar em lugar e comprar pronto geralmente o que for mais rápido de fazer pois encontra-se sempre com pressa, corre e corre para chegar a lugar nenhum.
É necessario uma educação onde as pessoas possam deixar as desculpas de lado e regaçar as mangas e produzir seus próprios alimentos, assim até a família seria muito mais unída, os celulares seriam apenas objetos.

FONTE: A autora (2022)

Conforme afirma Fiorin (2020), a petição de princípio é considerada um erro argumentativo, pois é uma manobra do autor do texto que não tem como comprovar suas afirmações, mas precisa provar que elas são verdadeiras. Desse modo, a estudante quer provar que as pessoas estão se alimentando mal e atribui esta responsabilidade a uma rotina cheia e cansativa, como se pode comprovar com o uso de expressões como ‘não é fácil’, ‘depois de um longo dia de trabalho’, mas, na sequência, ela afirma que ‘as pessoas devem deixar as desculpas de lado’, o que não condiz com o que foi exposto anteriormente e não está relacionado à ideia final do argumento que atrela esta postura alimentar a uma união familiar e ficcionada em celulares.

Outro dado bastante significativo para nossa análise é a intervenção da docente ao longo do período analisado. Organizamos os dados coletados em um quadro a seguir que agrupa as informações para facilitar a análise dos dados.

Quadro 27 - As intervenções da docente. Aluna C

Foco das intervenções	Quinzenas e avaliações finais																					
	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2			
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	
Contexto de produção	X		X			X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		
Conteúdo temático	X	X	X	X	X	X			X	X		X	X	X		X	X	X	X	X		
Tipo de discurso																						
Tipo de argumento								X		X		X		X	X					X	X	X
Mecanismos de textualização																		X				
Mecanismos enunciativos																						

FONTE: A autora (2022)

Os dados apresentados nos fazem refletir sobre o papel da docente no processo de ensino e aprendizagem de um gênero textual, ainda mais considerando o contexto envolvido, que trata da modalidade de educação EaD. De início, chama a atenção a quantidade de intervenções relacionadas ao contexto de produção e ao conteúdo temático, o que pode estar relacionado ao perfil da docente para corrigir os textos – talvez por considerar este elemento como básico para a produção do gênero textual - ou a uma dificuldade específica da estudante.

Para analisar este aspecto, recuperamos algumas intervenções em nosso material de pesquisa que tratam destes pontos:

Quadro 28 – Exemplos de intervenções da docente. Aluna C

Contexto de produção:

“Construa parágrafos maiores, você fez quatro parágrafos de uma linha apenas, isso demonstra pouco desenvolvimento da ideia nele contida.”

“o parágrafo de desenvolvimento trata mais da questão do mal causado pelos alimentos comuns do que sobre os orgânicos”

Conteúdo temático:

“seu texto trata muito de um episódio específico e não aborda adequadamente a temática principal”

os parágrafos 3 e 4 só apresentam as informações, mas não há explicação clara sobre elas”

Tipo de argumento:

“observe que argumentar não é fazer uma lista de funções”

“Escreveu pouco - desenvolva mais suas ideias e argumentos”

“use mais dados e fatos para comprovar o seu ponto de vista”

FONTE: A autora (2022)

Como se pode constatar nas intervenções apontadas, foi muito comum que os comentários nas devolutivas feitas pela docente do componente curricular estivessem relacionados ao contexto de produção e ao conteúdo temático que envolve o artigo de opinião, assim é esperado que a aluna assuma o papel de especialista na área sobre a qual irá escrever e desenvolva mais as ideias apresentadas, assim como há apontamentos sobre a forma como o tema foi abordado.

Dadas as condições de trabalho e o contexto em que se inseria o componente curricular, as prescrições se mostra, mais genéricas e breves. O mais provável é que isso tenha ocorrido devido ao volume de textos a serem corrigidos em pouco tempo.

Em relação a intervenções específicas sobre os tipos de argumento, como se pode observar no quadro anterior, são poucas.

Por fim, as devolutivas da docente apontam a forma como o aluno optou por argumentar como inadequada para a situação e sugerem que é necessário argumentar mais. Em relação aos tipos específicos de argumentos mencionados, destacam-se os fatos e o argumento pelo exemplo, que foram bastante comuns nos textos das coletâneas ofertadas aos alunos.

Enfim, a análise aponta a trajetória particular do estudante. Na sequência, trataremos de mais um aluno, o F.

5.4.2 - Análise do material da aluna F

dos valores																					
O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
As perguntas capciosas										X	X					X					
Petição de princípio																					
Paradoxo, ironia e silêncio																X					

FONTE: A autora (2022)

Um aspecto relevante a se destacar inicialmente sobre os dados apresentados é a constante repetição de um tipo de argumento: recurso aos lugares-comuns e lugares específicos, o qual foi usado em 2 textos que a aluna produziu. Desta forma, isso evidencia uma estabilidade e um processo particular da estudante como autora, que não desistiu de manter o padrão. Vale destacar, como já mencionado anteriormente, que este tipo de argumento, segundo Fiorin (2020), consiste em afirmar uma tese como sendo evidente por si mesma.

Quadro 30 – O processo de argumentação da aluna F. O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos

Moradia é um direito de todo cidadão, porém não é bem assim que funciona no nosso país, todos nós sabemos que nosso território é mau distribuído e isso já vem acarretado da herança histórica do séc xx. Dados do IBGE de 2017 afirma que hoje o deficit é de 6,1 milhão de unidades. Contudo muitas pessoas ainda não possuem uma casa, mesmo após a criação do MCMV(minha casa, minha vida), ao meu ver o governo deve reformar as moradias que já existem e construir novas, com isso irá abrigar as famílias desalojadas e gerar novos empregos.

Alimentação saudável é essencial na vida das pessoas, comer bem é motivo de querer cuidar da saúde do corpo e da mente, já que muitos preferem comidas com

calorias acima do permitido, onde acaba que se tornando obesos, acima de um peso que não conseguem eliminar depois, acabam sofrendo com os quilos a mais. Ter uma boa saúde e uma alimentação saudável não depende só de informações depende de força de vontade, onde deixam de lado a preguiça muitas vezes de cozinhar, para comer comidas calorosas.

A ciência está ligada a saúde e a educação, e se faz necessária para todos os cidadãos, proporcionando melhores condições e qualidades de vida. Ao se pensar no que esse investimento trás de benefício para o cidadão, temos que a ciência reduz a desigualdade social e constrói pontes necessárias para o futuro.

Com o avanço da ciência, o ser humano se tornou mais curioso, buscando sempre algo melhor, descobrindo curas, e uma longevidade a mais de vida. Permitindo que analisemos o mundo ao redor, compreendendo a natureza, e permitindo uma melhor qualidade de vida.

FONTE: A autora (2022)

Seguindo a análise, os outros tipos de argumento que foram mais utilizados pela aluna são: argumento de autoridade, causalidade e os fatos. O primeiro foi empregado desde o primeiro texto produzido pela estudante e se manteve de forma irregular durante o período analisado. Já a causalidade e o os fatos começaram a ser usados depois do segundo ou terceiro semestres letivos da estudante, o que pode estar relacionado a uma maior experiência do aluno com a leitura dos exemplares do gênero artigo de opinião disponíveis nas coletâneas.

Quadro 31 – O processo de argumentação da aluna F. Os argumentos mais usados

Os fatos:

A revolução digital ou informática, iniciou-se no século XX em meados de 1970, hoje estamos na 4 revolução industrial, e inclusos para viver a indústria 4.0, no Brasil essa inclusão ainda não foi totalmente incluída por inúmeros fatores, entre eles os custos que são altos para atender a demanda de toda população.

Ocorreu na amazônia neste ano de 2019, uma das maiores queimadas onde o fogo se alastrou destruindo tudo pela frente, nesse período não estava ocorrendo chuvas então dificultou ainda mais para que o fogo se dissipasse por completo, estamos vivendo um tempo em que o meio ambiente pede socorro e o ser humano não entende, estamos perdendo nossos biomas, bichos estão sendo extinto, como o caso da arara azul , com a derrubada de árvores e a poluição nosso clima se modificou e vem se modificando a cada dia mais, fazendo com que as chuvas sejam cada vez menos, o sol está ficando mais quente quando chega até nós, pois nossa camada de ozônio está sumindo com tanta poluição, nossas geleiras estão derretendo, mares, rios e oceanos estão ficando lotados de lixo que não se desfaz rapidamente, precisamos enquanto é tempo cultivar nosso planeta para que as futuras gerações não sofram com os nossos erros do passado.

A causalidade:

“Com o grande crescimento da sociedade, fábricas soltam gases poluentes, fazem construções em locais não apropriados, ou não autorizados, causando grandes danos como desmoronamentos.

O direito de áreas preservadas já não está sendo cumprida, pois com o aumento do desmatamento e do aquecimento global, ocorre queimadas e outros agravantes biológicos que influenciam no aumento rápido do tempo para que tragédias aconteçam, porém pode se prevenir, desde que seja investido principalmente em reconstruir a natureza, cuidar do solo para que seja fértil, não querendo apenas para benefício próprio ou crescimento geral de uma certa escala social, prejudicando a natureza e aos menos favorecidos.”

“Através da globalização, houve um desenvolvimento maior de saberes das etnias, das suas culturas e de seus povos, entretanto, ao invés de ocorrer uma união dos povos, isso nos trouxe um país com um cenário de discursos de ódio e cheio de preconceitos cada vez mais presente na sociedade. Por isso, todo tipo de preconceito deve ser combatido, a intolerância seja por raça, religião, opção sexual, política, nacionalidade, idioma ou cor fere a Declaração Universal dos Direitos.”

Argumento de autoridade:

*O governo vem buscando fechamento de negócios para a compra de vacina, **segundo a revista UOL atualizada no dia 19/03/2021, o governo federal assinou contratos com a Pfizer e a Janssen para a compra de 138 milhões de doses da vacina. Sabendo que somos uma população de 211,8 milhões de habitantes, e que estamos a 1 ano enfrentando a pandemia, como o governo ainda não se politizou de verdade com a situação para enfrentar o problema, a população que precisa trabalhar deveriam estar nas filas de vacinação. É preciso que o governo resolva estar seriamente a frente da saúde e que coloque nas filas, não só os profissionais de saúde, mas também os da educação e pais de família que precisam trabalhar dia a dia para o sustento. Quando era o pico da pandemia, não foram tomadas medidas diretas para a paralisação e agora que precisamos voltar a rotina normal, eles desejam que fiquemos em casa.***

FONTE: A autora (2022)

Nos exemplos indicados anteriormente, o aluno usa um dado histórico a respeito do início do processo de revolução digital para fundamentar sua argumentação sobre a tecnologia presente no nosso cotidiano. Depois, menciona o incêndio ocorrida na Amazônia em 2019 para embasar seu debate quanto à preservação do meio ambiente. Em torno da causalidade, ele relaciona o crescimento da sociedade e das fábricas com eventos como desmoronamento, também liga a globalização ao crescimento do discurso de ódio e preconceito. Por último, ele aponta um veículo de comunicação específico que divulgou uma informação sobre a vacinação contra COVID 19 para justificar seu posicionamento diante da situação.

Assim como podemos verificar nos dados apresentados anteriormente, estes tipos de argumentos também foram encontrados com frequência na coletânea de textos ofertados aos estudantes, os fatos e os argumentos de autoridade em maior número do que a causalidade. Desta forma, podemos afirmar que a opção da aluna segue o padrão colocado pelos modelos de textos lidos.

De acordo com Fiorin (2020), o argumento de autoridade é uma forma de valer-se de uma chancela de alguém respeitado ou de um especialista em um determinado assunto para sustentar um ponto de vista. Assim, acaba sendo uma estratégia argumentativa interessante, visto que gera maior confiança no ouvinte/leitor. Já os fatos são tidos como mais objetivos, neutros, incontestes e verdadeiros do que o próprio argumento. Desta forma, é uma opção muito usada por articulistas experientes, pois costuma ter boa aceitação do público.

Outros argumentos que estiveram menos presentes no repertório de argumentos da aluna F foram: definição, comparação, argumento ad hominem, argumento pelo exemplo, pergunta capciosa e paradoxo. No quadro a seguir, podemos identificar exemplos destes usos

Quadro 32 – O processo de argumentação da aluna F. Os argumentos menos usados

Definição:

A cultura é tudo aquilo que engloba a identidade de uma pessoa, ou de uma nação, é ela que determina os valores, as crenças, os símbolos, a religião e o costume de um povo. Quando pensamos sobre cultura, de imediato já vem as diferenças que possuímos, e por vezes o preconceito vem enraizado nos padrões de comportamento de uma pessoa, e desta maneira sem compreender a importância dessa valorização cultural, tende-se a querer modificar a identidade do outro só pelo simples fato de não achar que é o "correto", o que nos leva a ter divergências na contemporaneidade.

Comparação:

*Não só trabalhar esses temas em escolas, mas também em universidades e na própria sociedade, mostrar essa diversidade cultural com mais foco em propagandas na televisão por exemplo. O caminho para se ter a tolerância é ensinar através dela, mostrando que devemos valorizar nosso país e se orgulhar da nossa cultura, pois somos um país livre. **Enquanto muitos não aceitam outros costumes que não sejam os seus, o nosso é livre para se expressar.***

Argumento ad hominem:

Com a Lei Áurea de 1888, a escravidão foi abolida no Brasil, porém o preconceito ainda ficou enraizado, com o passar dos anos os negros e afrodescendentes foram conquistando seus direitos na sociedade.

Mesmo que o preconceito praticado tenha sua punição diante da lei, ele não deixa de existir, agora se encontra "camuflado" diante a sociedade, não tão explícito como antigamente mas ele ainda se faz presente.

Argumento pelo exemplo:

*Com os avanços tecnológicos aumentou a observação da natureza, já que a mesma proporciona uma possibilidade de alcançar áreas desmatadas ou incêndios, mesmo que ocorra a quilômetros de distância. **Além de informar em noticiários, como ocorreu na queimada do Pantanal e amazônia em Outubro de 2020***

Pergunta capciosa:

*O governo vem buscando fechamento de negócios para a compra de vacina, segundo a revista UOL atualizada no dia 19/03/2021, o governo federal assinou contratos com a Pfizer e a Janssen para a compra de 138 milhões de doses da vacina. Sabendo que somos uma população de 211,8 milhões de habitantes, e que estamos a 1 ano enfrentando a pandemia, **como o governo ainda não se politizou de verdade com a situação para enfrentar o problema**, a população que precisa trabalhar deveriam estar nas filas de vacinação.*

Paradoxo:

Quando era o pico da pandemia, não foram tomadas medidas diretas para a paralização e agora que precisamos voltar a rotina normal, eles desejam que fiquemos em casa.

FONTE: A autora (2022)

Nos exemplos citados, a aluna define o que é cultura para depois apresentar sua tese a respeito do preconceito. Na comparação, ela estabelece uma relação entre a forma dos brasileiros de ser tolerante e aceitar outros costumes e outros povos que não fazem o mesmo. Já o argumento ad hominen foi usado para prever o ponto de vista de alguém que pense de forma diferente e refutar o argumento de que o preconceito está extinto. O argumento pelo exemplo foi usado para ilustrar o avanço da tecnologia. A pergunta capciosa ocorre junto a um argumento de autoridade que apresenta dados sobre a compra vacina da COVID 19 e a postura do governo federal frente à situação, apesar de a aluna não ter usado o ponto de interrogação, é possível perceber que a intenção era esta. Por fim, o paradoxo foi usado para contrastar duas posições diferentes adotadas em dois momentos da pandemia e questionar a coerência da postura adotada.

Todos os argumentos citados anteriormente também foram comuns nas coletâneas. Apesar de serem em número mais reduzido que os tipos anteriores, a aluna ampliou o seu repertório, posto que ela usou Argumentos quase lógicos, Argumentos fundamentados na

estrutura da realidade, Argumentos que fundamentam a estrutura do real e Outras técnicas argumentativas, conforme são agrupados e descritos por Fiorin (2020).

Vale destacar que diferente da aluna apresentada e analisada anteriormente, a estudante F não fez uso de algum tipo de argumento diferente dos que constavam nas coletâneas. Nesse sentido, apenas houve manutenção dos tipos já utilizados e outros foram agregados, ou seja, a apropriação dos tipos de argumento, por enquanto, parece ser mais particular e não coletiva.

Na sequência, seguem os dados referentes às intervenções da docente nos textos produzidos pelo aluno F durante o período analisado.

Quadro 33 - As intervenções da docente. Aluna F

Foco das intervenções	Quinzenas e avaliações finais																							
	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2					
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F			
Contexto de produção	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X						X	X	X	X	X	X
Conteúdo temático			X	X		X	X			X		X				X	X	X	X				X	
Tipo de discurso																								
Tipo de argumento										X	X					X	X	X	X				X	X
Mecanismos de textualização														X	X	X	X							
Mecanismos enunciativos																								

FONTE: A autora (2022)

Como se pode observar nos dados apresentados, as intervenções da docente ficaram concentradas em quatro focos – contexto de produção, conteúdo temático, tipo de argumento e mecanismos de textualização -, mais fortemente nos dois primeiros. Merece destaque o fato de que as intervenções mais específicas que fugissem aos dois principais focos passaram a ocorrer após 2020.1, ou seja, apenas no quarto semestre de oferta do componente curricular. Não é possível determinar com certeza o motivo de isso ter acontecido, mas é possível inferir

que o objetivo inicial estava centrado em desenvolver as características mais básicas do gênero para depois levar o aluno a aprender e aprimorar outros pontos.

Quadro 34 – Exemplos de intervenções da docente. Aluna F

Contexto de produção:

“Seu texto está muito curto e não caracterizou adequadamente cada parte - introdução, desenvolvimento e conclusão”

“não conclua seu texto com uma pergunta, pois o seu posicionamento deve ser claro e definido. Não deixe para o leitor decidir o que pensar;”

“evite o uso de primeira pessoa "concordo com o texto "

Conteúdo temático:

“abordou o tema de forma tangente, pois não era este o enfoque”

“não abordou o tema específico”

Tipo de argumento:

“use exemplos para evidenciar o seu ponto de vista”

“Desenvolva mais a argumentação”

“use mais dados dos textos motivadores para embasar o seu ponto de vista”

Mecanismos de textualização:

“Use mais conectivos para ligar os parágrafos, orações e períodos”

“procure adotar um ponto de vista pessoal desde o início do texto e defendê-lo, caso contrário, seu texto acaba ficando muito explicativo e pouco argumentativo”

FONTE: A autora (2022)

Conforme já foi mencionado, os exemplos ilustram bem uma preocupação da docente em relação à própria estrutura do gênero. Inclusive estas são as intervenções que apontam um direcionamento mais claro e objetivo. Uma parte das observações feitas pela docente observações são vagas e dificilmente ajudariam o aluno a se desenvolver mais, como: “Use mais conectivos para ligar os parágrafos, orações e períodos”; “não abordou o tema específico” e “Desenvolva mais a argumentação”. Como já mencionado em relação à aluna apresentada anteriormente, dadas às condições de trabalho e ao contexto envolvido. Tal cenário levanta questionamentos a respeito do trabalho docente envolvido nesta modalidade que serão abordadas no capítulo seguinte.

Na sequência, vamos apresentar a análise da aluna I.

5.4.3 - Análise do material da aluna I

A análise do material produzido por cada uma das alunas ao longo do tempo nos permite perceber de forma mais ampla o processo de ensino e aprendizagem por que passou cada uma delas. As alunas tiveram a mesma docente, foram expostas ao mesmo material, mas não nas mesmas condições, pois cada um deles é resultado de uma história particular e traz consigo experiências de leituras diferentes, letramentos particulares. Do mesmo modo, a aluna I passou cursou o componente curricular, mas teve resultados diferentes desde o primeiro texto.

As notas dos artigos produzidos pela aluna I apontam que ela obteve aproveitamento de 100% desde o primeiro semestre até o fim. Esta informação, a princípio, parece nos remeter à ideia de que a aluna já trouxe um conhecimento anterior ao curso superior sobre letramento e produção de textos.

Tabela 17 - Notas dos artigos produzidos pela aluna I

Aluno I	Quinzena 2 (0,9)	Quinzena 4 (0,9)	Avaliação final (3,5)	Porcentagem da nota final em relação à nota máxima
2018.2	0,75	0,7	3,5	100%
2019.1	0,9	0,9	3,5	100%
2019.2	0,9	0,9	3,5	100%
2020.1	0,6	0,9	3,5	100%
2020.2	0,9	0,9	3,5	100%
2021.1	0,9	0,9	3,5	100%
2021.2	0,75	0,9	3,5	100%

FONTE: A autora (2022)

Após a apresentação das notas do aluno, seguiremos a análise sobre como se deu o desenvolvimento, ou não, do uso de tipos de argumentos.

Quadro 35 - Tipos de argumento da aluna I

Tipos de argumentos	Coletâneas																					
	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2			
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	
Definição						X					X		X			X						
Comparação																		X	X			
Regra do precedente																						
Argumento a contrário																						
Argumento dos inseparáveis																						
Argumento probabilístico																						
O dilema	X																					
Argumento do terceiro excluído																						
Causalidade			X				X	X					X	X								X
Causalidade e sucessão																						
Os fatos			X				X	X		X	X			X		X	X			X		
Argumentum ad consequentiam																						
Argumento da ultrapassagem																						
Argumento ad hominem																						
Argumentum tu quoque								X														
Argumento de autoridade		X	X			X	X	X			X		X	X	X	X	X			X	X	X

<i>Argumento a fortiori</i>																					
<i>Argumento pelo exemplo</i>					X	X			X	X	X				X		X	X	X		
<i>Argumento por ilustração</i>																					
<i>Argumentum a simili</i>																					
<i>O recurso dos valores</i>																					
<i>O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>As perguntas capciosas</i>		X																			
<i>Petição de princípio</i>																					
<i>Ainda a distorção do ponto de vista do adversário</i>										X											
<i>Paradoxo, ironia e silêncio</i>					X																

FONTE: A autora (2022)

Conforme já foi tratado anteriormente, em relação às notas da aluna, os resultados já demonstraram que ela conhecia várias características do gênero desde a primeira produção. De qualquer modo, a análise dos tipos de argumentos usados nos permite tecer considerações sobre o processo de aprendizado dela nesse sentido específico.

Inicialmente, na primeira produção de artigo de opinião em 2018.2, a aluna usou os argumentos de tipo dilema e recuso aos lugares-comuns e lugares específicos. Nesse sentido, vale destacar que ela ainda não havia lido muitos textos entre os exemplares da coletânea, deste modo, não é possível afirmar que tenha sido de fato influenciada pelas características do gênero observadas nos modelos apresentados. Ademais, as próprias coletâneas trouxeram apenas dois usos de dilema durante os sete semestres. Portanto, o mais provável é que este tipo de argumento seja próprio do repertório anterior e pessoal da aluna.

Com o passar do tempo, os argumentos variaram em tipo e aumentaram em quantidade nas produções da aluna. Como é possível observar no quadro anterior, os outros tipos de argumento empregados ao longo do período analisado foram: causalidade, os fatos, definição, comparação, argumentum tu quoque, argumento de autoridade, argumento pelo exemplo, as perguntas capciosas, ainda a distorção do ponto de vista e paradoxo, ironia e silêncio. Tal variedade nos permite afirmar que houve ampliação do repertório de tipos de argumentos utilizados inicialmente. Ainda nesse sentido, a primeira produção apresentou apenas dois tipos de argumento, ao longo do tempo a aluna passou a empregar mais tipos em seus textos, chegando a usar 5 diferentes no mesmo texto.

Diante desse cenário, analisamos os tipos de argumento mais e menos utilizados pela estudante e apresentamos os dados obtidos nos quadros a seguir:

Quadro 36 - O processo de argumentação da aluna I. Os argumentos mais usados

Os fatos:

“Uma das notícias que circulou as mídias foi a morte do missionário John Allen Chau, tentou divulgar e pregar o cristianismo na tribo que vive no alto da Santinela do Norte, no Oceano Índico. Como de forma comumente, as mídias trouxeram e esculpíram uma imagem de algo ruim sobre os índios daquela tribo, entretanto negam enxergar que o próprio missionário invadiu o território deles e eles possuem o direito sobre as terras de acordo com a Declaração dos Povos Indígenas, pela ONU em 2007.”

Argumento de autoridade:

“O ser humano é muito afetado por isso também, levando ao aparecimento do câncer e malformações, registrado pelo Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (Inserm, sigla em francês).”

Argumento pelo exemplo:

“Essa nova facilidade não se baseia apenas nisso, em cada momento, cada espaço da vida cotidiana têm-se o reflexo dessa nova era, computadores, Smartphones, a internet. Tecnologia que mudou a vida de todos, maior facilidade, praticidade, funcionalidade, saúde, proteção, dentre outros termos em prol de melhores condições de vida.”

Recurso aos lugares-comuns:

“Estamos cada dia nos deparando em supermercados com algumas embalagens rotuladas como “orgânicos”, isso nos provém a ideia de serem produtos de ótimas qualidades, claro que isso não é a realidade e o consumidor que na maioria das vezes está sempre ocupado é o que sai no prejuízo, seja financeiramente ou na própria saúde.”

Causalidade:

“A legislação está presente e é o que rege o país. A postura governamental deve levar em consideração que a pátria, a terra faz parte da nação e, portanto, responsabilidade do Estado e dos cidadãos. O real deve ser efetivado, fiscalizações devem ser feitas, punições devem ser realizadas, diversas empresas estão em desordem com a legislação por falta de políticas que fiscalizem. Caso o contrário, os desastres irão aumentar e o que hoje se conhece como verde e amarelo, apenas tornar-se-ia um fundo cinza mais tarde.”

FONTE: A autora (2022)

O quadro nos apresenta exemplos retirados dos textos produzidos pela estudante comprovando a afirmação anterior sobre a quantidade e a variedade de argumentos utilizados no mesmo texto. Assim, os argumentos mais usados chamam a atenção pelo uso expressivo. Foram usados: os fatos, argumento de autoridade, argumento pelo exemplo, recurso aos lugares-comuns e lugares específicos e causalidade.

O argumento chamado de ‘Os fatos’ por Fiorin (2020) não foi empregado pela aluna desde o primeiro texto, apenas a partir do terceiro, mas depois disso, passou a ser usado com frequência. No exemplo citado, a morte do missionário John Allen Chau foi mencionada para tratar da questão do olhar sobre o direito e o espaço dos outros. Nesse sentido, convém destacar que este fato foi abordado nas coletâneas. Logo, é possível sugerir que o fato selecionado pela aluna para ser mencionado provém de sua experiência com a leitura do material proposto.

Na sequência, o argumento de autoridade foi bastante usado. No exemplo apresentado, o Instituto de Saúde e pesquisa Médica é citado como fonte de informação sobre problemas de saúde. Já o argumento pelo exemplo foi empregado para esclarecer a posição defendida pela autora a respeito da do crescimento e da variedade da tecnologia.

O argumento chamado de recurso aos lugares-comuns e lugares específicos foi usado em todos os textos produzidos pela aluna durante o período analisado. No trecho retirado de nosso material de análise, ela questiona a veracidade dos rótulos de alguns produtos que seriam orgânicos, mas não são. Este seria um cenário comum na atualidade na opinião dela.

Por fim, o tipo de argumento chamado de causalidade é usado menos vezes em relação aos demais mencionados, porém foi usado com certa regularidade. No exemplo mencionado, a aluna relaciona a falta de políticas públicas que fiscalizem o cumprimento da

legislação apontando que a ausência desta leva à destruição do verde e amarelo, em referência à natureza.

Quadro 37 - O processo de argumentação da aluna I. Os argumentos menos usados

O dilema:

*Dia a pós dias estamos nos deparando com diversos imóveis, sejam eles, casas ou prédios, em estado de deterioração ou abandono. Uma coisa é fato, cada dia cresce no Brasil os números de desabrigados, os denominados sem-teto estão em busca por moradia, um direito de todo cidadão, **mas como se explica o fato de haver muitos imóveis desabrigados e o problema dos que querem moradia? O Brasil não conseguiria resolver dois problemas em um?***

Comparação:

*Caso retomarmos alguns pontos veremos que a ciência está tão imbricada no ser humano, **como o respirar**, é o que torna a vida mais agradável, impulsiona novos olhares, é nesse sentido que as universidades de todo o país investem e incentivam os seus discentes na busca de conhecimentos, tornando-se pesquisadores (as) para melhorarem a sua prática enquanto profissional, ao mesmo tempo benefícios antes inimagináveis no campo da ciência e da tecnologia.*

Argumentum tu quoque:

*Portanto, em rede global está ainda em grande transformação, no entanto não exclusivo apenas no social, econômico e sim em uma mudança e ressignificação de práticas e de ações. Uma preservação deve ocorrer, essa classe da espécie dos insetos deve ser preservada, tal qual os mamíferos e aves são importantes na nossa alimentação, os insetos garantem a manutenção e conservação do ecossistema. Como também deve existir uma valorização significativa em como impacta toda ecologia do planeta, e como mantem o controle de pragas sob controle. **A vida dos insetos não é apenas uma animação da Pixar é uma vida e de tal forma deve ser valorizada e preservada.***

Pergunta capciosa:

*Alguns estudos realizados no âmbito desses produtos apontam que os impactos na saúde podem diminuir a obesidade e o excesso de peso, entretanto na maioria dos casos esses produtos demandam a mesma qualidade nutricional dos convencionais, além de estarem apontando que se seguíssemos os moldes da agricultura orgânica, causaríamos um aumento considerável do efeito estufa. Então fica a dúvida, **estamos bem informados diante desses problemas? Orgânico ajuda a natureza ou não? É bom para mim ou não?***

Paradoxo:

“Essa nova praticidade são vantagens, todavia existe essa face, uma face que todos querem ver e ignoram o abismo crescente bem ao lado de cada um. A nova tecnologia está presente em todos os lugares, mas não na vida de muitos. O fenômeno do capitalismo, "ter" mais do que "ser", um exagerado do egocentrismo e competitividade, consegue eliminar facilmente aqueles que possuem certas dificuldades de se ascender socialmente ou que a própria sociedade não lhe possibilita de crescer. Essa inclusão digital não se deve basear pela quantidade de usuários interligados em rede mundial, a inclusão deve ser de forma 'inclusiva' que possibilita que todos possam usufruir dessa nova cultural global.”

Definição:

“A definição de orgânico pelo ministério da agricultura é que respeitem os princípios da ecologia, sempre utilizando o uso dos recursos da natureza da melhor forma, claro que alguns desses produtos foram produzidos em terras com mal-uso e utilização do trabalho escravo, e altos preços nos mercados.”

FONTE: A autora (2022)

Os argumentos menos usados também são significativos porque também nos permitem analisar o processo de aprendizagem da aluna. Os tipos, neste caso, são: o dilema, a comparação, argumentum tu quoque, pergunta capciosa, paradoxo e definição. Como já mencionado anteriormente, o dilema não foi muito empregado pelos articulistas, especialistas na produção de artigos de opinião, também foi usado apenas uma vez pela estudante e indica um problema de difícil solução atual que é a questão da ausência de moradia para algumas pessoas e outros imóveis vazios ou desocupados – foi o sentido atribuído pela estudante ao termo imóveis desabrigados - em outro extremo. Nesse sentido, o governo se mostra inapto a resolver o impasse.

Já a comparação indica que a ciência é tão essencial a nós do mesmo modo que nossa respiração. O argumentum tu quoque invalida a opinião de quem acredita que o filme mencionado é apenas obra de ficção, pois, a defesa da aluna é que os insetos devem ser valorizados e preservados.

Na sequência, a pergunta capciosa foi empregada para apontar uma situação complexa que é o consumo de orgânicos, visto que ele poderia não ser benéfico à natureza como, muitas vezes, acredita-se. O paradoxo indica um cenário ambíguo frente à expansão da tecnologia atual, pois diferenças sociais e econômicas barram a equidade nessa área. Por último, a definição foi utilizada para esclarecer o sentido do termo ‘orgânico’ de acordo com o que afirma o Ministério da Agricultura.

Assim como ocorreu com a estudante C, a estudante I também empregou um tipo de argumento que não foi usado na coletânea: Ainda a distorção do ponto de vista do adversário como se pode verificar no quadro a seguir:

Quadro 38 - Tipo de argumento específico aluna I. Ainda a distorção do ponto de vista do adversário

Ainda a distorção do ponto de vista do adversário:

“Como esse novo sistema econômico afetou também o campo das artes que pelo seu trabalho conseguia transmitir através de grandes obras, mostrar o desvelo e a grande miserabilidade que se encontrava as classes mais abastadas, porém esse

trabalho da arte com todas as suas características das mais exuberantes e criativas da capacidade humana, encontramos a dicotomia de transformar esse trabalho de fazer arte para apenas algo estético e transformado em mercadoria, uma arte do trabalho para o trabalho apenas.”

FONTE: A autora (2022)

O argumento apresentado pela aluna, de acordo com Fiorin (2020), pode ser empregado para modificar a proposição defendida pelo outro. Tal postura pode ser notada na forma de atribuir ao adversário um ponto de vista fictício ou distorcer seu real ponto de vista. No texto produzido pela aluna, o trabalho do artista é questionado a partir de sua função principal, que supostamente seria retratar as características mais exuberantes e criativas da capacidade humana, mas passou a ser um trabalho estético apenas que foi tratado como uma função estética e foi transformado em mercadoria. O mais provável é que uso de um argumento trazido de seu próprio repertório está relacionado ao letramento da estudante e a seu desenvolvimento como produtora de textos do gênero argumentativo, pois o argumento empregado demonstra uma clara visão do que seria argumentar: tentar convencer o outro sobre o seu ponto de vista, muitas vezes, isso pode ser feito tentando prever a argumentação do outro.

Enfim, além dos exemplos retirados do material produzido pela aluna, que ilustram o processo de aprendizagem da estudante, recuperamos também as intervenções da docente nos textos dela, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 39 - As intervenções da docente. Aluna I

Foco das intervenções	Quinzenas e avaliações finais																				
	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2		
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F
Contexto de produção	X	X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Conteúdo temático		X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tipo de discurso																					
Tipo de argumento		X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Mecanismos de textualização															X						

para o tipo de argumento empregado pela estudante para concluir o texto como sendo um pouco confuso ou não objetivo.

Por fim, apresentamos a análise do material produzido pela aluna I, que demonstrou maior domínio das características do gênero textual e da argumentação. Agora, nos resta apenas conduzir a análise a respeito da aluna L, que é a última a ser investigada nesta pesquisa.

5.4.4 - Análise do material da aluna L

Em termos de notas, a aluna L foi a que atingiu uma porcentagem de aproveitamento final mais baixa. De qualquer forma, ao se comparar seus números iniciais e os finais, é possível perceber que o desempenho inicial dobra até o final do período analisado. Assim, é possível afirmar que houve desenvolvimento do gênero ao longo do tempo.

Tabela 18 - Notas dos artigos produzidos pela aluna L

Aluno L	Quinzena 2 (0,9)	Quinzena 4 (0,9)	Avaliação final (3,5)	Porcentagem da nota final em relação à nota máxima
2018.2	0,85	0,5	1,5	42%
2019.1	0,6	0,75	2,4	68%
2019.2	0,7	0,6	2,4	68%
2020.1	0,7	0,7	2,8	80%
2020.2	0,6	0,75	2,8	80%
2021.1	0,7	0,6	3,2	91%
2021.2	0,7	0,6	3,2	91%

FONTE: A autora (2022)

O desenvolvimento de cada aluna mostra um processo particular de aprender e de escrever. Cada uma optou por empregar tipos de argumentos a seu modo. No quadro a seguir, seguem os tipos de argumentos utilizados pela aluna L:

Quadro 41 - Tipos de argumento da aluna L

	Coletâneas
--	-------------------

Tipos de argumentos	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2		
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F
Definição										X								X			
Comparação																					
Regra do precedente																					
Argumento a contrário																					
Argumento dos inseparáveis																					
Autofagia e retorsão											X	X			X			X			
Argumento probabilístico																					
O dilema																					
Argumento do terceiro excluído																					
Causalidade				X		X			X				X			X	X		X	X	X
Causalidade e sucessão																					
Os fatos		X					X	X		X											
Argumentum ad consequentiam																					
Argumento da ultrapassagem																					
Argumento ad hominem																					
Argumentum tu quoque																					
Argumento de autoridade					X									X							

<i>Argumento a fortiori</i>																					
<i>Argumento pelo exemplo</i>	X						X	X		X							X		X	X	X
<i>Argumento por ilustração</i>																					
<i>Argumentum a simili</i>																					
<i>O recurso dos valores</i>																					
<i>O recurso aos lugares-comuns e lugares específicos</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>As perguntas capciosas</i>			X																		
<i>Petição de princípio</i>																					
<i>Paradoxo, ironia e silêncio</i>																					

FONTE: A autora (2022)

A aluna L não usou uma variedade grande de argumentos e também não variou muito os tipos. Como analisamos a tabela apresentada, os argumentos mais usados foram: causalidade, argumento pelo exemplo e recurso aos lugares-comuns e lugares específicos. Já os argumentos menos usados foram: definição, autofagia e retorsão, os fatos, argumento de autoridade e pergunta capciosa.

O quadro a seguir apresenta exemplos de trechos retirados de nosso material de pesquisa com os tipos de argumentos usados pela aluna:

Quadro 42 – O processo de argumentação da aluna L. Os argumentos mais usados

Causalidade:

“O alcoolismo, suicido, violência são alguns problemas que afetaram na neocolonização, quando o Brasil foi ocupado, foi afetados de diversas formas em suas comunidades com doenças, fome e o empobrecimento da população indígena.

Houve degradação ambiental perdendo assim o seu espaço, fazendo se a deslocarem para as cidades para sobreviverem.

Devido ao homem branco destruir suas comunidades, hoje muitos índios vivem na miséria necessitando de ajudas pública assistencial para se manterem.”

Argumento pelo exemplo:

“Se as providências cabíveis não forem tomadas, iniciando assim um equilíbrio habitacional para as famílias que ocupam imóveis inacabados que estão alojadas debaixo de pontes, viadutos, lugares públicos etc. Com certeza teremos más notícias como o desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida que pegou fogo e foi ao chão em pleno centro de São Paulo, enquanto fecharem os olhos para essas classes que vivem em situações de riscos todos os dias, sempre vamos acordar e ouvir o previsto, infelizmente.”

Recurso aos lugares-comuns e lugares específicos:

“Infelizmente temos no Brasil um desenvolvimento habitacional precário e precisando de ajustes praticamente mensal, até ajustar e socorrer os milhares de sem teto, sem trabalho, sem família etc. Tudo isso engloba um país onde a juventude sonha por uma moradia, pelo menos para conforto de seus pais necessitados e sofridos (idosos), quero chamar a atenção para a população rural que muitas das vezes se sentem escravizadas e condenada pelo sistema de exploração a sua mercadoria.”

FONTE: A autora (2022)

O primeiro exemplo exposto foi utilizado pela aluna para apresentar o motivo, na opinião a autora do texto, de muitos índios viverem na miséria, o que estaria relacionado à destruição das comunidades de origem deles. Na sequência, o argumento pelo exemplo traz uma situação específica ocorrida no Edifício Wilton Paes de Almeida, o qual pegou fogo e desabou. Tal episódio está relacionado à ocupação de prédios por desabrigados e serve como argumento para defender o ponto de vista da estudante sobre a dificuldade de abrigar estas pessoas. Por fim, o trecho relativo ao recurso aos lugares-comuns e lugares específicos apresenta a tese da autora sobre o problema habitacional no Brasil, destacando, principalmente, a falta de moradia para todos.

Os tipos de argumentos mencionados representam os mais utilizados pela estudante durante o período analisado também foram encontrados em diversos exemplares dos textos das coletâneas. Apesar de representar pouca variedade, estão relacionados ao modelo de argumentação que foi representado pelos textos apresentados aos estudantes.

No quadro a seguir, apresentamos os argumentos que também foram usados, todavia, em menor quantidade que os anteriores:

Quadro 43 – O processo de argumentação da aluna L. Os argumentos menos usados

Definição:

“O nome arte ou artista é definido como técnica de habilidades que podem ser entendida como atividade humana, tais como arquitetura, desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema. Podendo ser uma profissão desde que se registre em um órgão de classe profissional, que seja regulamentado, pois hoje, temos muitos artistas que não se registram nos órgãos reguladores, como por exemplo o DRT delegacia regional do trabalho ou a OMB ordem dos músicos do Brasil, todavia para os artistas em geral não é exigido uma regulamentação obrigatória, pois a atividade não oferece risco as outras pessoas, por essa razão muitos dos artistas não se regulamentam trabalhando muito pela área privada, que não tem muitas exigências.”

Os fatos:

“Nos anos 20 inicia o movimento orgânico com Rodolf, nos anos 30 Okada e nos anos 40 Albert Howard, nessa época os agrotóxicos não existia. Esses pioneiros dos produtos orgânicos procuraram também o bem-estar dos trabalhadores, solo, fauna e flora e etc. O produto de consumo exige cuidados, disciplina, respeito e zelo pelo bem-estar de todos, também pelas futuras gerações.”

Argumento de autoridade:

“Segundo a pesquisa do IBGE, estima se aqui no Brasil 49% da população tem acesso a essa tecnologia, os demais são excluídos e estão ligados aos aspectos socioeconômicos. Existe muitos fatores que impedem ainda esse uso, São condições de adquirir o produto, baixa renda, ausência de energia, acesso internet e conhecimentos virtuais impossibilita seu funcionamento. Deve se lembrar o que ligou o mundo, através da globalização e da modernização, gerou também a desigualdade em classes social.”

Perguntas capciosas:

“E muitas vezes acontece alcontrario o governo possui imóveis, prédios desocupados até mesmo esquecidos e não tem coragem de reformar e entregar a famílias carentes que realmente precisa.

Quando uns tem mais outros nada tem .

Onde fica os direitos humanos, que não tem ou vejam os olhos para essa questão de moradia pois tirão de quem não tem e dão para os que já tem.

Tem que ser mais averiguado, com cautela essa situação todos deverão se tratados iguais .”

FONTE: A autora (2022)

O primeiro tipo apresentado foi a definição, que foi empregado para esclarecer o que seria o conceito de arte/ artista adotado pela autora em seu texto. Sequencialmente, foi

exposto um exemplo de um fato usado pela estudante para argumentar, este é sobre o surgimento do movimento orgânico na agricultura, que defende o bem-estar dos trabalhadores, do solo, da fauna e da flora. Depois disso, segue o argumento de autoridade baseado em um dado de uma pesquisa do IBGE sobre a parcela da população que tem acesso à tecnologia. Por fim, a pergunta capciosa empregada – mesmo sem ponto de interrogação – refere-se à questão dos direitos humanos e o acesso à moradia digna para os desfavorecidos.

Assim como duas outras alunas participantes da pesquisa, a aluna L também usou mais de uma vez um tipo de argumento não presente nos tipos encontrados na coletânea. O argumento chamado por Fiorin (2020) de autofagia e retorsão foi usado mais de uma vez pela aluna, conforme podemos verificar no quadro a seguir:

Quadro 44 – Tipo de argumento específico aluna L. Autofagia e retorsão

Autofagia e retorsão:

*“O Brasil por ser um país, pacífico traz em seu seio essa pluralidade social, e com isso gera abuso de perfeição, quando os costumes viram profissão para quem o faz o uso, gera uma má compreensão, e intolerância para quem assiste aos rituais ou padrões de Cultura. **Essa é a realidade do povo brasileiro falam, debates impõem respeito, mas só respeita o que lhe agrada ao povo clama por justiça, mas não denuncia o opressor. Todavia a esse problema deve ser solucionado com mais seriedade, advertindo na lei com punições, levando o homem assumir suas atitudes, respeitando sempre os direitos humanos.**”*

FONTE: A autora (2022)

Este tipo de argumento consiste em uma incompatibilidade de algo proposto com as condições de enunciação, com as consequências ou mesmo as condições de aplicação, de acordo com Fiorin (2020). A estudante fez isso ao apresentar um discurso tido como senso comum entre os brasileiros sobre o tema respeito, todos cobram respeito, mas não respeitam da mesma forma, o que torna fala incoerente é a própria ação proposta por ela, que não representa de fato uma situação de respeito.

O último quadro a apresentar dados dos materiais das alunas refere-se às intervenções feitas pela docente durante o período analisado nos textos produzidos pela aluna:

Quadro 45 - As intervenções da docente - aluna L

Foco das intervenções	Quinzenas e avaliações finais																				
	2018.2			2019.1			2019.2			2020.1			2020.2			2021.1			2021.2		
	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F	2	4	A F
Contexto de produção		X	X	X		X	X	X	X		X	X			X	X	X	X	X	X	X
Conteúdo temático		X	X	X	X	X		X	X	X				X	X				X		
Tipo de discurso																					
Tipo de argumento			X			X			X					X			X				
Mecanismos de textualização		X												X	X	X			X		
Mecanismos enunciativos																					

FONTE: A autora (2022)

Os dados apresentados coincidem com os dados das demais estudantes no sentido de que as intervenções estão mais ligadas à questão do contexto de produção, no conteúdo temático, nos tipos de argumento e mecanismos de textualização.

No quadro a seguir, apresentamos alguns exemplos de intervenções feitas pela docente do componente curricular ao longo dos sete semestres.

Quadro 46 – Exemplos de intervenções da docente. Aluna L

Contexto de produção:

“a introdução e a conclusão são partes do texto, não são subtítulos, não deveria haver separações no texto.”

“o texto precisa ter introdução, desenvolvimento e conclusão. O seu apresenta o tema e o desenvolve, mas não conclui”

Conteúdo temático:

“observe que o tema sugeria que você debatesse como é feita a avaliação dos algoritmos para que não sejam ofensivos. O tema não era racismo nas redes sociais”

“poderia abordar melhor a questão das dificuldades para a inclusão”

Tipo de argumento:

“use mais informações para embasar a sua opinião”

“esta indefinição invalida a sua argumentação nesta parte”

“evite argumentar apenas baseada em senso comum”

Mecanismos de textualização:

“Use mais conectivos para ligar, orações, períodos e parágrafos”

FONTE: A autora (2022)

As intervenções da docente destacadas no quadro demonstram a preocupação de que a aluna conseguisse escrever um texto que se enquadrasse às características mais significativas do gênero textual artigo de opinião. Dessa forma, os comentários sobre o contexto de produção destacam os ajustes necessários para que o texto se adeque ao plano global de um exemplar do gênero solicitado. Com relação ao conteúdo temático, os apontamentos chamam a atenção da estudante a respeito da não adequação ao tema proposto.

Já os tipos de argumentos são abordados pelas intervenções que solicitam o desenvolvimento de argumentação que amplie o repertório além do uso do recurso de lugares-comuns e lugares específicos, também aponta incoerências ligadas ao ponto de vista defendido. Por fim, os mecanismos de textualização são apenas solicitados, não há sugestão de como fazer, apenas de onde inserir, também não há exemplos.

Até aqui, apresentamos os dados levantados e analisados em nossa pesquisa, a seguir, discutiremos o que os dados levantados nos mostram e as reflexões que promovem.

5.4.5 Síntese dos resultados obtidos

Visto que apresentamos muitos dados e informações ao longo da análise do material coletado, optamos por sintetizar os resultados mais relevantes em uma seção à parte. Há uma síntese para cada aluna e uma síntese geral no final desta seção.

- **Síntese da aluna C:**

A aluna chamada na pesquisa pela letra C apresentou melhora nas notas durante o período pesquisado. Inicialmente, ela começou o primeiro semestre empregando 3 tipos de argumento em seu texto e, ao longo do processo, aumentou este número para 13 tipos. Alguns foram usados com muita frequência, como é o caso do recurso de valor, o que foi apontado

algumas vezes pela docente no momento da correção dos textos quando ela afirmava que a aluna deveria usar mais dados e fatos nos textos para argumentar ou que ela não deveria fazer uma lista de exemplos como argumento.

Além disso, a aluna empregou o argumento “petição de princípio” duas vezes, o qual é uma forma de argumentar não bem-vista, provavelmente, por esta razão não foi um tipo presente entre os argumentos encontrados na coletânea.

Ainda sobre as intervenções docentes, são constantes os apontamentos sobre o conteúdo temático e sobre o contexto de produção. Infere-se que seja uma dificuldade da aluna e que a docente considerou este ponto relevante para a construção do gênero. Além disso, o prazo curto impediu comentários mais longos e intervenções mais específicas.

Em vista dos dados apresentados, não é possível responder se aluna leu realmente as coletâneas, pois não menciona fatos e dados retirados dos textos. Apenas podemos afirmar que a aluna ampliou a quantidade de tipos de argumentos.

- **Síntese da aluna F:**

A aluna F apresentou uma mudança bem significativa em relação às notas finais dos semestres, o que demonstra maior aproveitamento do conteúdo e provável desenvolvimento em relação à produção do gênero textual. Ela começa o primeiro texto usando apenas dois tipos de argumento e aumenta este número para 10 tipos. Diferente de outras estudantes, ela não traz nenhum argumento novo em relação à coletânea.

Além disso, as intervenções docentes foram várias. Geralmente, assim como já mencionado anteriormente, eram breves devido ao curto prazo para a correção das atividades avaliativas. Inicialmente, as intervenções focavam no conteúdo temático e no contexto de produção.

Assim como a aluna C, houve grande preferência pelo uso do argumento chamado de recurso de valor.

- **Síntese da aluna I:**

A aluna I destacou-se nas produções de textos que fez desde o primeiro semestre, pois as notas apresentadas do começo ao fim revelam o aproveitamento mais alto de todas as alunas. Ela começou o primeiro texto usando apenas 2 tipos de argumento e aumento para 12 tipos no total.

Chama a atenção no material da aluna o emprego constante que ela passou a fazer do tipo de argumento chamado de Os fatos, os quais estão relacionados a fatos e dados retirados da coletânea apresentada aos estudantes. Desta forma, é possível afirmar que a leitura dos textos foi bastante produtiva para esta estudante.

Outro ponto a destacar é que o argumento trazido pela aluna que não consta na coletânea aponta para um aprofundamento da habilidade de argumentar da estudante. O argumento chamado de Ainda a distorção do ponto de vista do adversário supõe uma estratégia argumentativa mais elaborada que a inicial ao tentar prever o argumento de seu interlocutor.

Por fim, a docente usou diversos elogios nas intervenções dirigidas a esta estudante e apontou, assim como as demais alunas, a necessidade de observar pontos relativos ao conteúdo temático e ao contexto de produção.

- **Síntese da aluna L:**

A aluna L começou com um aproveitamento final baixo e melhorou as notas, entretanto obteve o menor aproveitamento entre as 4 alunas pesquisadas. Inicialmente, usou 2 argumentos e ampliou pouco o seu repertório de tipos de argumentos, pois usou apenas 8 tipos durante o período analisado.

Além disso, a aluna utilizou fatos retirados do material da coletânea, mas com baixa frequência. O tipo de argumento empregado que não estava no material apresentado foi Autofagia e retorsão, porém, não foi bem empregado, porque demonstrou uma incoerência,

Em relação aos apontamentos da docente, as intervenções também tinham como foco o conteúdo temático e o contexto. Há poucos apontamentos sobre os tipos de argumentos e sobre os mecanismos de textualização. Vale ainda destacar que os comentários apenas apontavam os problemas, mas não sugeriam como resolver os pontos fracos do texto, o que está relacionado ao mesmo ponto a respeito do excesso de trabalho docente.

- **Síntese dos resultados:**

Ao final da pesquisa, a análise de todos os dados apresentados nos permite retomar nossos objetivos iniciais e nossas perguntas de pesquisa e sintetizar os resultados obtidos.

Em primeiro lugar, os objetivos iniciais foram atingidos, pois foi possível classificar os tipos de argumentos presentes nas coletâneas, o que nos serviu como base para analisar os argumentos apresentados pelas estudantes e definir os argumentos que são mais comuns e

oferecer um modelo de argumentação às estudantes. Com base nesta informação, foi possível analisar os tipos de argumentos empregados pelas alunas durante o curso, o que demonstrou que, em alguns casos, houve ampliação dos tipos presentes na coletânea, mas a grande maioria foi apenas o que estava presente na coletânea e com menor variedade.

A respeito dos tipos de intervenção feitas pela docente, notamos que a maior parte delas referia-se ao conteúdo temático e ao contexto de produção e consideramos que este ponto se mostrou frágil nos textos das estudantes, porque foi bastante apontado pela docente. Porém, as intervenções também se mostraram muito breves e sem sugestões de como fazer de outra forma o que era apontado como inadequado, o que coloca em cheque o excesso de textos a serem corrigidos em um curto prazo de tempo.

Em relação às perguntas da pesquisa, conseguimos responder a todas feitas inicialmente. As coletâneas oferecem subsídios para o desenvolvimento da argumentação em relação ao tipo de argumentação empregada e a fatos e dados apresentados, mas as alunas usavam pouco este recurso. A aluna que fez maior uso desta ferramenta foi a que obteve notas mais altas durante o curso. Infere-se que isto esteja relacionado ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o qual solicita aos estudantes que produzam um texto do gênero dissertativo argumentativo. Desta forma, muitos alunos são preparados durante o Ensino Médio para escreverem textos deste gênero.

Também foi possível apontar os tipos de argumentos mais utilizados pelas alunas também. Nesse sentido, merece destaque o argumento chamado de recurso de valor ou o recurso de valor dos lugares comuns e específicos, pois foi amplamente empregado por todas as estudantes também pelos textos da coletânea, o que de fato é uma forma mais simplificada de argumentar, pois não apresenta um embasamento quanto ao que é afirmado, neste caso, utiliza-se o que o senso comum afirma, ou seja, aquilo que é tido como moral e ético para o convívio em sociedade atualmente.

A pergunta sobre a variedade dos tipos de argumento também foi respondida, o que demonstrou que houve variedade, mesmo que em maior ou menor grau de acordo com a estudante.

Por fim, os tipos de intervenção feitas pela docente já mencionados acima ficaram focados em pontos semelhantes, o que representou um pouco do perfil da docente e das estudantes, uma em relação ao modelo do gênero que considerava necessário ensinar e as outras em relação ao processo de produção de textos, que provavelmente apresentou lacunas durante o processo de escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é necessário pontuar que as considerações aqui levantadas são reflexões sobre a pesquisa específica, neste contexto e cenário. Não buscamos encerrar as discussões na área, nem propor soluções e receitas que resolvam todos os problemas relacionados ao ensino de produção de textos em qualquer modalidade que seja.

Ademais, o caráter longitudinal trouxe mais possibilidades de análise e contribui para novos estudos na área que virão.

Desta forma, buscamos refletir e contribuir com docentes e futuros docentes, assim como profissionais da educação ligados à EaD no Brasil. Portanto, os resultados não demonstram sucesso ou fracasso de nenhuma das partes, docente e estudantes.

Ter como participantes de nossa pesquisa estas quatro estudantes foi muito significativo, posto que cada uma apresentou um processo de aprendizagem único. Os dados relevam que, a seu modo, cada uma delas obteve melhoras na escrita de textos do gênero artigo de opinião. Alguns aspectos podem ser percebidos pelo aumento e variedade dos tipos de argumentos, outros pela própria ampliação do tamanho dos textos – o que não foi possível perceber pela forma como optamos por apresentar os dados.

Sobre o desenvolvimento da produção textual, retomamos Vigotski (2009), que acreditava que a linguagem é um fator necessário e essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e tem especial papel no desenvolvimento humano e na formação de conceitos. Isto é significativo ao compreender que o pensamento e a linguagem se relacionam através da palavra como uma construção do contexto sócio-histórico.

Em relação ao trabalho da docente, foi notável a questão da extensão dos comentários e intervenções, pois eram breves. Algumas vezes, inclusive, não houve comentários a respeito da avaliação dos textos, denotando a sobrecarga de trabalho da profissional. Nesse sentido, como já apresentado anteriormente, Mill e Jorge (2013) afirmam que:

Essa nova lógica de ensino-aprendizagem requerida pela era da informação contrasta com a carência de formação de profissionais para desenvolver atividades com o apoio de novas tecnologias. De um lado, surgem situações propícias para o desenvolvimento de uma nova pedagogia (investimento em equipamentos e mudanças de mentalidade em relação ao uso de novas tecnologias); de outro, as condições de trabalho dos professores não se apresentam como adequadas para desenvolver tal pedagogia.

Como resultado deste cenário, o docente que atua nesta modalidade, muitas vezes, acumula uma sobrecarga de trabalho. Tanto que, como já informado anteriormente, inicialmente o componente curricular tinha 352 alunos matriculados. Imagina-se que, com o passar do tempo, diversas ocorrências levam alguns alunos a não seguirem no componente, mesmo assim, o número de matriculados é grande, o que dificulta ou impossibilita um trabalho mais minucioso e detalhista.

Esta postura, mesmo que consequente de um sistema amplo e complexo, leva o estudante a se envolver em um jogo de adivinhação, assim como apontado por Lea e Street (1998) e Fiad (2011, 2013). Assim, os estudantes não sabem exatamente como proceder frente a apontamentos breves e vagos e se sentem perdidos tentando descobrir o que e como fazer. A tentativa acaba sendo, na maior parte das vezes, uma forma de atender às expectativas do professor.

Ainda sobre as devolutivas, um ponto se mostrou constante, pois as observações tratavam especificamente sobre os mesmos pontos do gênero textual: contexto de produção, conteúdo temático na maior parte das vezes; alguns comentários sobre o tipo de argumento e poucos sobre mecanismos de textualização. Tal fato é decorrente da representação do MDG da docente, que, provavelmente, optou por destacar os pontos que considerou mais relevantes do texto.

Nesse sentido, os próprios pesquisadores do grupo de Genebra destacam que a transposição didática do gênero é inevitável. Logo, a docente estabeleceu o que seriam as dimensões ensináveis do gênero e selecionou conteúdo priorizando o que entendeu como mais significativo para o processo de ensino-aprendizagem naquela situação e para desenvolver capacidade de linguagem que considerar necessárias.

De qualquer modo, não se pode perder de vista o objetivo inicial do componente curricular que era preparar os estudantes para realizar a avaliação do ENADE. Deste modo, um ponto importante a ser observado é como as devolutivas interferiram ou não na produção dos textos. Infelizmente, não é possível afirmar com certeza que os estudantes liam as orientações enviadas juntamente com as notas dos textos, mas é possível inferir que faziam isso, posto que ao longo do tempo, as notas das estudantes melhoraram e as produções também se adequaram ao MDG.

Bronckart (1999/2007) compreende que a prática linguageira de cada grupo social está refletida na forma como o gênero será planejado, posto que o planejamento deve levar em consideração as características do grupo e as práticas da comunidade envolvida. Por isso, compreende-se a preocupação com elementos mais básicos do gênero como conteúdo

temático e plano global foram tão marcados nas intervenções da docente, afinal trata-se de um grupo em formação de futuros professores, que, entre outras funções, se ocuparão de ensinar seus alunos a produzirem textos.

Mesmo assim, esta postura reflete uma expectativa do docente quanto ao que se espera da escrita do aluno, como afirma Carlino (2017, p.28):

O que precisa ser reconhecido é que os tipos de escrita esperados pelas comunidades acadêmicas universitárias não são aprofundamentos do que os alunos deviam ter aprendido previamente. São novas formas discursivas que desafiam a todos os principiantes que, para muitos deles, costumam se converter em barreiras intransponíveis se não contarem com um professor que os ajude a superá-las.

No processo individual de cada estudante, ficou perceptível que cada aluna trouxe na bagagem ao ingressar no ensino superior, uma forma de letramento. Por esta razão, o desenvolvimento de cada aluno foi diferente e a porcentagem de aproveitamento também.

Carlino (2017, p.28) também considera que o ensino da escrita universitária deve envolver gêneros textuais, como foi o caso do componente curricular analisado, que não solicitava um gênero específico. Mais tarde, passou a deixar isso mais evidente e claro. A autora também entende que os docentes no geral devem promover a integração sobre o ensino do gênero como se fossem conteúdos curriculares. Afinal, os alunos estão em uma instituição de ensino para aprenderem mais. Os alunos precisam aprender a ler e a escrever adequadamente para poderem participar de forma ativa e aprender.

Ainda nesse sentido, a escrita é diferente da oralidade e supõe que os alunos tenham a capacidade de minimizar ambiguidades para facilitar a compreensão de suas palavras. Carlino (2017) também afirma que há estudos que mostram que muitos universitários já se habituaram a escreverem para serem avaliados, não para usar a escrita como ferramenta cognitiva e de organização do pensamento. Os estudantes não sabem revisar os próprios textos para se conectar melhor ao tema. Seria esta atitude ainda mais frequente na oferta EaD?

Em relação ao processo específico de cada aluno e a superação ou não das dificuldades para a escrita, Carlino (2017, p.28) destaca o papel do docente

O que precisa ser reconhecido é que os tipos de escrita esperados pelas comunidades acadêmicas universitárias não são aprofundamentos do que os alunos deviam ter aprendido previamente. São novas formas discursivas que desafiam a todos os principiantes que, para muitos deles, costumam se converter em barreiras intransponíveis se não contarem com um professor que os ajude a superá-las.

Como observado entre as quatro alunas, nem todos os estudantes universitários chegam com um preparo anterior para os gêneros que terá de produzir na nova etapa de sua formação. A aluna I mostrou que o letramento anterior lhe permitiu se desenvolver no componente curricular com mais facilidade, ao passo que o mesmo não ocorreu com as demais alunas. As três conseguiram ter progresso, mas diferentes entre si.

Nesse sentido, vale destacar que a escrita é diferente da oralidade e envolve uma forma de comunicação pouco comum a todos. Assim, o desenvolvimento dos tipos de argumentos na produção escrita requer habilidades que precisam ser desenvolvidas aos poucos.

Ademais, eles terão contato com um novo contexto comunicativo com novas abordagens e aprofundamentos diferentes para os gêneros textuais. Desta forma, adentrar nesse cenário não é uma tarefa simples ao aluno. Por esta razão, ele necessita de uma formação clara e explícita sobre o novo universo da linguagem em que ele está inserido ao ingressar na universidade.

Além da pouca familiaridade com a argumentação na forma escrita, muitos alunos têm de enfrentar dificuldades que envolvem a leitura e a interpretação de textos em plataformas virtuais. Nesse sentido, Kleiman (2014) considera que:

As múltiplas práticas de letramento intersemióticas contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias (Kleiman, 2014, p.10)

Portanto, são muitas habilidades envolvidas no processo de escrita de um “simples” gênero textual argumentativo e os alunos não partem sempre do mesmo ponto, mesmo que sejam avaliados da mesma forma no final do processo.

Ao final da pesquisa, durante a última fase da redação da tese, a retomada das questões iniciais e a análise dos resultados levou a uma reflexão a respeito do papel da modalidade EaD na atualidade. Nesse sentido, pareceu-nos muito importante atualizar os dados referentes à modalidade de ensino EaD apresentados no momento inicial da pesquisa. Os dados mais recentes remetem a 2021, quando foi realizado um Censo do Ensino Superior no país (BRASIL, 2022) que traz um número bastante expressivo: o número de ingressantes em cursos de graduação na modalidade EaD cresceu 474% na última década. Durante o mesmo período, o número de estudantes que iniciou o curso presencialmente diminuiu 23,4%. Estas informações apontam uma tendência, ainda que previsível, a respeito da quantidade e do crescimento desta modalidade de ensino, que é bastante expressiva para ser deixada de lado e encarada apenas com preconceito.

Assim, compreendemos que muito mais do que uma análise superficial dos dados sobre o Censo, ou um julgamento inadequado, precisamos de pesquisas, como a nossa, que envolvem a EaD e o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem nesta modalidade. Pois compreendemos que são necessárias no atual cenário brasileiro. De qualquer modo, não é possível prever o futuro e afirmar como será a educação nos próximos anos, mas é urgente analisar e repensar o que está em curso para trazer contribuições.

Ademais, ainda que nossos dados mostrem que os alunos desenvolveram a argumentação e conseguiram desenvolver textos mais adequados ao gênero, é necessário promover mais espaços para debate e para aprimorar o que já existe. Afinal, como já mencionado, a participação da docente no processo que analisamos poderia ser maior, porém a quantidade de alunos matriculados e o prazo tornavam isto impossível.

Nesse viés, vale apontar para pesquisas futuras a necessidade de buscar mais dados e informações sobre a necessidade de nos aprofundarmos na análise do trabalho que vem sendo desenvolvido em EaD, em especial na área de produção de textos. Como foi aqui mencionado, há uma sobrecarga de trabalho e uma abreviação na interação com os alunos, o que precisa ser revisto se quisermos discutir qualidade nessa modalidade de educação.

Por outro lado, ficou evidente que a análise considera os dados pela perspectiva da docente e não do aluno. Não temos dados que pudessem promover reflexões sobre como foi o processo para as alunas envolvidas, ou seja, o que elas poderiam dizer sobre o que entendem que aprenderam?

Enfim, como pesquisadora e docente, a experiência com a pesquisa foi muito significativa. De início, sem experiência com a EaD e ingressando na docência universitária, aos poucos, fui também me desenvolvendo como docente e aprendendo novas formas de ensinar. Inclusive, foi necessário compreender a relação que construí com os estudantes de um novo modo: distante. Durante o processo, em muitos momentos me questioneei sobre minha atuação docente, sobre as intervenções, sobre o pouco tempo, sobre a linguagem, sobre as ferramentas e sobre a falta de contato e de interação com os alunos me afetaram.

Não podemos concluir a pesquisa sem apresentar um dado bastante significativo que envolveu todo o processo: o resultado dos estudantes na avaliação do ENADE. Apenas após a conclusão da pesquisa, tivemos acesso a esta informação. As estudantes envolvidas na pesquisa e os demais estudantes matriculados no mesmo componente realizaram a avaliação externa em 2021 e obtiveram um resultado significativo: nota 3, que ficou 1 ponto acima da média nacional naquele ano e 1 ponto acima dos estudantes da mesma universidade, porém que estavam matriculados em outro campus e em outro currículo. Ou seja, ao analisar o que poderia ter influenciado a diferença positiva para estes concluintes somos levados a pensar

sobre o papel do TAFH na formação geral destes pedagogos e considerar que a experiência teve resultados positivos.

Assim, é possível afirmar que o trabalho em EaD pode trazer resultados importantes para a formação do futuro profissional, ao contrário do que muito tempo se acreditou sobre esta modalidade de educação, o trabalho traz mais resultados do que o preconceito. Ademais, um trabalho continuado com leitura e produção de textos é significativo também são importantes e demandam tempo e continuidade.

Ainda que haja arestas a aparar, o projeto piloto trouxe resultados muito importantes que podem ser levados adiante e copiados/adaptados para diferentes realidades.

Foi um processo de desconstrução e construção ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Campinas: Editora Komedi, 2008.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução por Paulo Bezerra. 6ª ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes. 2015

BAZERMAN, Charles, et al. **“Towards an Understanding of Writing Development Across the Lifespan”**. Lifespan Group Full Statement, 2018.

_____, Steve Graham, Arthur N. Applebee, Paul Kei Matsuda, Virginia W. Berninger, Sandra Murphy, Deborah Brandt, Deborah Wells Rowe, and Mary Schleppegrell. **“Taking the Long View on Writing Development.”** *Research in the Teaching of English* 51, no. 3 (2017): 351–60. <http://www.jstor.org/stable/44821267>.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: D.O.U. nº 24 de 23.12.96, 1996.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 maio 2017a.

BRASIL. **Decreto 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24>, acesso em janeiro, 2021.

BRASIL. Portal do MEC. **Novo desempenho garante melhorias à Plataforma Sucupira da Capes**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35995>. Acesso em dez, 2021

BRASIL. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em maio, 2022.

BRASIL. **Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância em cursos de graduação presenciais ofertados por instituições de Educação Superior – IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em dez, 2021.

BRASIL. **Censo da Educação Superior**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999/2007.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Mercado de Letras: São Paulo, 2006.

_____. A problemática das interações entre linguagem e operações cognitivas. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v.5, n.9, p. 19-32; Jul/Dez.2013.

_____. Os gêneros de texto, quadros organizadores da verdadeira vida dos signos. In: LOUSADA, Eliane Gouvêa; BUENO, Luzia; GUIMARÃES, Anna Maria de Mattos. **As unidades semióticas em ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do Interacionismo sociodiscursivo**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

BULEA, E. **Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

CABRAL, Adriel de Moura. **Constituição, consolidação, regulamentação e expansão da educação a distância (EaD) no ensino superior privado brasileiro (2005-2017)**. 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2020.

CARLINO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica**. Tradução de Suzana Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

CARMO, Hermano. **Educação a distância para a cidadania e aprendizagem ao longo da vida**. In: Educação a distância: elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo/ Daniel Mill, Cristiano Maciel (Org.), Cuiabá: EdUfmt, 2013b.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2015.

CLOL, Yves. **Vygotski: além da Psicologia Cognitiva**. In: Pro-posições, v. 17, n. 2 (50), 2006.

COSTA, D. L. **O diálogo teórico entre Saussure e Benveniste: língua, sistema e sujeito.** In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira et al. (org.). Saussure: outros olhares. Edufal: Maceió, 2014, p. 57-70.

COUTO, Mia. **São demasiados pobres os nossos ricos.** Revista Pazes, 13 de fevereiro de 2018. <https://www.revistapazes.com/sao-demasiado-pobres-os-nossos-ricos-por-mia-couto/> Acesso em jan. 23.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico.** São Paulo: Atlas, 1981. 159p.

DOLZ, J.; PASQUIER, A.; BRONCKART, J.-P. **L'acquisition des discours: émergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières?** Études de Linguistique Appliquée, n. 102, p. 23-37, 1993.

_____, J.; GAGNON, R. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (organizadoras) **Gêneros orais no ensino.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias sobre Linguagem)

FEITOSA, Cláudia de Jesus Abreu. **Trabalho docente em EaD: representações construídas em uma entrevista de instrução ao sócia.** Dissertação (mestrado). Universidade São Francisco, Itatiba, 2012.

FEITOSA, Cláudia de Jesus Abreu. **O “professor do século XXI” representado em videoaulas de um curso EAD sobre o ensino híbrido.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2019.

FERREIRA, Giselle M. dos S.; CARVALHO, Jaciara de Sá. **Considerações críticas acerca da Educação e Tecnologia: o caso dos Recursos Educacionais Abertos.** In: Educação e tecnologias: reflexões e contribuições teórico-práticas/ organizadores: Daniel Mill...[et al.]. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

FERREIRA-SANTOS, T. J. **Textos, aprendizagem e desenvolvimento do pesquisador no processo formativo do mestrado acadêmico.** Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

FIAD, R.S. **A escrita na universidade.** Revista da ABRALIN, V. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369, 2ª parte 2011. <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1116>. Acesso jan. 2022.

_____. **Reescrita, dialogismo e etnografia.** Linguagem em (dis)curso. Tubarão, SC, v.13, n.3, p. 463-480, set./dez. 2013.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1ª edição, 5ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2020.

FOULCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996

FRIEDRICH, J. **Lev Vigotski**: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica. Trad. Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

GERE, Anne R. **Writing beyond the university**. In: *Developing Writers In Higher Education: A Longitudinal Study*. E-book, Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2019, <https://doi.org/10.3998/mpub.10079890>.

HEGEL, F. **Phénoménologie de l'esprit**. Paris: Aubier [Ed. Original: 1807]

JACOB, Ana Elisa. **A elaboração de um dispositivo didático do gênero debate eleitoral: contribuições para o trabalho do professor**. Tese (Doutorado em Educação). 2020. 211 p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

KENSKI, Vani M.; MEDEIROS, Rosângela de A.; ÓRDEAS, Jean. **Grupos que pesquisam Educação a Distância no Brasil: primeiras aproximações**. In: *Educação a distância: dimensões de pesquisa, da mediação e da formação/ organizadores: Daniel Mill... [et al]*, São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

KENSKI, Vania. **Grupo que pesquisam EaD no Brasil**. Educação on-line. Volume 12, nº12, maio/agosto de 2018.

KLEIMAN, A. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

_____. Bakhtiniana, **Letramento na contemporaneidade / Literacy in the Contemporary Scene**. São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

LEA, M. R.; STREET, B. V. **O modelo de "letramentos acadêmicos": teoria e aplicações**. Traduzido por: Fabiana Komesu e Adriana Fischer. São Paulo: *Filol. Linguíst. Port.* v. 16, n. 2, 477-493, jul/dez. 2014.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34. 1999.

LIMA, Samuel de Carvalho. **Letramentos e atividades on-line em ambiente virtual de aprendizagem/ por Samuel de Carvalho Lima**. 2009

MACHADO, Nádie Christina Ferreira. **Estudo das trajetórias de letramento em curso de educação a distância: o texto, o papel e a tela do computador/** Nádie Christina Ferreira Machado; orientadora: Marie Jane Soares Carvalho; co-orientadora: Magda Bertcht. – Porto Alegre, 2009.

MACHADO, Anna Rachel. **A perspectiva sociointeracionista de Bronckart.** In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Ed. Parábola, 2005.

_____, A.R.; e colaboradores. **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais.** Orgs. ABREU-TARDELLI; CRISTOVÃO. Campinas, Mercado de Letras, 2009.

MARCUSCHI, L.A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, A. P; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARX, K. “**Thèses sur Feuerbach**”, in: Marx, K. e ENGELS, F. *Études philosophiques* (pp. 61-64). Paris: Éditions Sociales [Manuscrito redigido em 1845].

MENDES, Maria Helena Peçanha. **A aprendizagem do professor sobre o trabalho docente com gêneros textuais: o artigo de opinião no 9º ano do ensino fundamental.** Dissertação (mestrado). Itatiba, Universidade São Francisco, 2012.

MENDES, Maria Helena Peçanha; BUENO, Luzia. Ferramentas digitais e propostas de produção de textos: uma articulação possível? **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1349>>. Acesso em: 27 maio 2021

MILL, Daniel. Mudanças de mentalidade sobre educação e tecnologia: inovações e possibilidade tecnopedagógicas. In: **Escritos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes.** Daniel Mill (org.), São Paulo: Paulus, 2013a.

_____, JORGE, Gláucia. Sociedades grafocêntricas digitais e educação: sobre letramento, cognição e processos de inclusão na contemporaneidade. In: **Escritos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes.** Daniel Mill (org.), São Paulo: Paulus, 2013a.

_____. **Ensino e aprendizagem na educação virtual: noções elementares para educadores e gestores.** In: Educação a distância: elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo/ Daniel Mill, Cristiano Maciel (Org.), Cuiabá: EdUfmt, 2013b.

MOREIRA, José A. **Modelos pedagógicos virtuais no contexto das tecnologias digitais.** In: Educação a distância: elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo/ Daniel Mill, Cristiano Maciel (Org.), Cuiabá: EdUfmt, 2013.

MORETO, Milena. **Um modelo didático do gênero trabalho de conclusão de curso e uma perspectiva de trabalho de sala de aula.** Tese (doutorado). Itatiba, Universidade São Francisco, 2014.

MULLER, Pam A.; OPPENHEIMER, Daniel M. **The pen is mightier than the keyboard: advantages of longhand over laptop note taking.** *Psychological Science* published online 23 April 2014. DOI: 10.1177/0956797614524581 Disponível em: <http://pss.sagepub.com/content/early/2014/04/22/0956797614524581>

PIETRO, Jean-François de; DOLZ, Joaquim, SCHNEUWLY, Bernard. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

PLATIN, Christian. **A argumentação.** Tradução Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIEDO, Cassio R. F. **Avaliação qualitativa imediata de produções escritas em EaD. Tese de doutorado.** Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2020.

RIPA, Roselaine; Ventura, Lidnei. **Docência na Educação a Distância: apontamentos sobre o trabalho virtual no ensino superior.** In: Educação a distância: dimensões de pesquisa, da mediação e da formação/ organizadores: Daniel Mill... [et al], São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

ROMANOWSKI, Joana P.; ENS, Romilda T. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da arte” em educação.** *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SALES, Mary V. S. **Tecnologias, formação de professores e práticas pedagógicas inovadoras no ensino superior.** In: Educação e tecnologias: reflexões e contribuições teórico-práticas/ organizadores: Daniel Mill...[et al.]. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAUSSURE, F. **Ecrits de linguistique générale.** Paris: Gallimard. 2002

_____. **Cours de linguistique générale.** Paris: Payot. 1916

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SciELO Brasil. **Scientific Eletronic Library Online**. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em dez, 2021.

SILVA, Elizabeth M. da. **Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica**. In: Incurções na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação. Cármen Augustini, Ernesto Bertoldo (orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2017.

SILVA, Gabriela B. da; SILVA, Bruna Costa. **Cultura disciplinar, jornalismo e cientificidade: um olhar sobre os tipos de discurso**. In: PEREIRA, Regina C. M. (org) Cultura disciplinar e epistemes: representações na escrita acadêmica. João Pessoa: Ideia, 2019.

SILVA, Elizabeth M. da. **Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica**. In: Incurções na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação. Cármen Augustini, Ernesto Bertoldo (orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2017.

SOARES, Rossieli. [Entrevista]. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). Resultados do Enade fomentam política de avaliação especial pela melhoria do ensino superior. **Portal do INEP**, 10 out. 2018a. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-do-enade-fomentam-politica-de-avaliacao-especial-pela-melhoria-do-ensino-superior/21206. Acesso em: dez, 21.

SPINOZA, B. **L'Éthique**. In: Spinoza, (Euvres completes. Paris, Gallimard/ La Pléiade, 1954 [edição original: 1677).

THAISS, Chris. **Origins, aims, and uses of writing programs worldwide: profiles of academic writing in many places**. In: Writing programs worldwide: profiles of academic writing in many places. Chris Thaiss (et.al.). South Carolina, Parlor Press, 2012.

VELLOSO, Ricardo Viana. **O papel do tutor virtual em EAD construído pelas vozes acadêmico-científicas em resumos de teses** / Ricardo Viana Velloso. – Itatiba, 2019. 182 p.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra, 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____ **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores Michael Cole ... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34. 2018

ZANI, J. B. **A comunicação oral em eventos científicos:** uma proposta de modelização para a elaboração de sequências didáticas. 2018. 303f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

Anexos

Coletânea TAFH 2018.1



Temas Atuais *e*
FORMAÇÃO HUMANA

CASA DE NOSSA SENHORA DA PAZ – AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA, PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA
CONCEIÇÃO DO BRASIL – ORDEM DOS FRADES MENORES

Reitor

Frei Gilberto Gonçalves Garcia

Vice-Reitor

Frei Thiago A. Hayakawa

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Adriel de Moura Cabral

Pró-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão

Iara Andréa Alvares Fernandes

Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância - NEAD

Simone Cristina Spiandorello

Coordenadora do Programa de Formação Geral

Milena Moretto

Coordenador do Núcleo de Licenciatura

Carlos Eduardo Pizzolatto

Coordenador do Núcleo de Pastoral Universitária

Frei Vitório Mazzuco

Pesquisadoras

Claudia de Jesus Abreu Feitoza

Luzia Bueno

Milena Moretto

Elaboração do Material

Claudia de Jesus Abreu Feitoza

Luzia Bueno

Milena Moretto

Colaboradores

Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação

Diagramadoras

Ana Maria Oleniki (Projeto Gráfico)

Débora Cristina Gipiela Kochani

Tema da Coletânea para leitura: “DEMOCRACIA, ÉTICA E CIDADANIA” ALIADAS ÀS QUESTÕES DE “DIREITOS HUMANOS”.

Nesta quinzena, você lerá diversos textos sobre distribuição de renda, concentração de riqueza e pobreza, tanto no que se refere à realidade do Brasil quanto ao redor do mundo. Ao lê-los, procure refletir acerca do posicionamento do autor, bem como construir seu próprio ponto de vista.

Boa leitura!

BRASIL TEM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE RENDA DO MUNDO ENTRE O 1% MAIS RICO

Pesquisa comparativa liderada por Thomas Piketty aponta que 27,8% da riqueza nacional está em poucas mãos

Publicado em 13/12/2017

Quase 30% da renda do Brasil está nas mãos de apenas 1% dos habitantes do país, a maior concentração do tipo no mundo. É o que indica a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada, entre outros, pelo economista francês Thomas Piketty. O grupo, composto por centenas de estudiosos, disponibiliza nesta quinta-feira um banco de dados que permite comparar a evolução da desigualdade de renda no mundo nos últimos anos.

Os dados sobre o Brasil se restringem ao período de 2001 a 2015, e são semelhantes em metodologia e achados aos estudos pioneiros publicados pelos pesquisadores brasileiros Marcelo Medeiros, Pedro Ferreira de Souza e Fábio Castro a partir de 2014. No caso de Souza, pesquisador do IPEA, o trabalho construiu série histórica sobre a disparidade de renda no Brasil desde 1926. A World Wealth & Income Database (base de dados mundial de riqueza e renda) aponta que o 1% mais rico do Brasil detinha 27,8% da renda do país em 2015, enquanto no estudo do brasileiro, por diferenças de metodologia, a cifra é 23%.

Segundo os dados coletados pelo grupo de Piketty, os milionários brasileiros ficaram à frente dos milionários do Oriente Médio, que aparecem com 26,3% da renda da região. Na comparação entre países, o segundo colocado em concentração de renda no 1% mais rico é a Turquia, com 21,5% em 2015 — no dado de 2016, que poucos países têm, a concentração turca subiu para 23,4%, de acordo com o levantamento.

FONTE: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html>. Acesso em: 22 maio 2018.

O QUE EXPLICA O AUMENTO DA POBREZA EXTREMA NO BRASIL?

Apesar de alta do PIB e inflação baixa, pobreza extrema avançou 11,2% no país, atingindo quase 15 milhões de pessoas. Economistas apontam expansão modesta da economia e situação fiscal do governo como raízes do problema.

O número de brasileiros em situação de extrema pobreza aumentou 11,2% de 2016 para o ano passado, aponta um levantamento realizado a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) do IBGE, divulgada nesta semana.

De acordo com o estudo, da LCA Consultores, ao todo, 14,83 milhões de pessoas viviam com até 136 reais mensais em 2017, linha de corte adotada pelo Banco Mundial para países de desenvolvimento médio-alto e seguida pelos pesquisadores. Em relação a 2016, o número de pessoas em extrema pobreza no país aumentou em 1,49 milhão.

Tais dados contrastam com os indicadores macroeconômicos. Após dois anos de retração, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 1% em 2017, enquanto a inflação oficial fechou o ano em 2,95%, a menor taxa desde 1998. O que explicaria, então, a piora na renda de brasileiros que já vivem com pouco?

De acordo com economistas de diferentes correntes ouvidos pela DW Brasil, a análise do tema passa, necessariamente, pela taxa de desemprego. No ano passado, a desocupação média ficou em 12,7%, a maior taxa registrada desde 2012.

Bruno Ottoni, pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE) e do IDados, recorre à evolução demográfica da população brasileira para detalhar a trajetória negativa tanto da renda quanto do desemprego, apesar do crescimento econômico. “O Brasil ainda passa por um bônus demográfico. Ou seja, há um número expressivo de pessoas entrando na força de trabalho anualmente. Para que se consiga absorver bem a entrada delas no mercado de trabalho, sem aumento do desemprego, é necessário um crescimento bem expressivo do PIB. Não foi o caso”, diz. “Não necessariamente o aumento do PIB implica redução de pobreza. Você pode ter um aumento do PIB puxado pelas classes mais ricas, mantendo as classes mais pobres no mesmo patamar”, comenta o pesquisador.

Marcio Pochmann, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), explica que é necessário analisar o que alavancou o crescimento do PIB entre 2016 e 2017 para que se entenda o aumento da pobreza extrema no Brasil. “Essa evolução resultou de uma expansão de 13% da agropecuária, um setor com pouco impacto no emprego e renda. A indústria não cresceu, e os serviços variaram 0,3%. Comparativamente, tivemos uma redução do crédito nesse período, que é fundamental para qualquer recuperação econômica e expansão”, aponta. “O que expandiu foi o consumo das famílias, por conta de medidas heterodoxas tomadas pelo governo (liberação do FGTS), apesar de sua orientação ortodoxa.”

“Uma coisa é renda, outra é despesa”

Com relação à taxa de inflação, Ottoni aponta que sua redução não tem como consequência natural um aumento de renda, mas a melhoria do poder de compra da população, independentemente de sua condição econômica. “Uma coisa é renda, outra é despesa. O aumento da pobreza reflete uma queda do primeiro fator. A inflação baixa significa que, apesar de terem ficado extremamente pobres, essas pessoas não tiveram tanta perda do poder de compra com aquele dinheiro que ganhavam”, explica. “A inflação baixa não vai colocar ou tirar a pessoa da extrema pobreza, mas pode ajudar na vida que essa pessoa leva, evitando que perca tanto na capacidade de consumo.”

Pochmann endossa o argumento do pesquisador do FGV IBRE e diz que a inflação baixa pode sinalizar uma fraqueza da economia. “Como não há reativação do consumo e da atividade, a tendência é haver taxas de lucros menores e, portanto, os empresários não repassam o aumento de custos para os preços”, afirma.

Ao mesmo tempo, a alimentação tem apresentado uma trajetória de queda, relacionada à melhora da agricultura brasileira. Especialmente relevantes no orçamento das famílias de menor renda, os alimentos ficaram 4,85% mais baratos em 2017, na comparação com o ano anterior. Artigos importantes na cesta básica dos brasileiros caíram de preço, como arroz (-10,9%), feijão preto (-36,1%), macarrão (-2,91%) e mandioca (-17,30%).

Desempenho econômico x benefícios sociais

Ante o ingresso de 1,49 milhão de pessoas na extrema pobreza, os especialistas buscam compreender não apenas o que levou a essa situação, mas também os caminhos para sair dela. Ottoni acredita que o mau desempenho econômico tenha impacto maior do que cortes de programas sociais feitos pelo governo.

“Eu atribuiria [o aumento do número de pessoas em extrema pobreza] à crise, pois foi ela que gerou um problema fiscal. Não é só uma questão de o governo estar cortando benefícios sociais em virtude de uma visão política diferente. Está muito relacionado ao problema fiscal, que está ligado a problemas mais estruturais. Aí, está a raiz da questão”, afirma.

“Com a atividade econômica piorando, cresce o desemprego, o que afeta tanto a economia como a situação fiscal do governo, pois reduz a arrecadação”, argumenta.

Pochmann defende uma mudança na orientação econômica adotada pelo governo, afirmando que a recuperação econômica é a base para pensar melhor a direção de políticas sociais.

“A gente teve uma expansão das ocupações no ano passado. A literatura especializada classifica esse grupo de *working poor*. São ocupações precárias, informais. Muitas vezes, no rastro da reforma trabalhista feita no Brasil. A chave para interromper essa trajetória é mudar o modelo econômico”, considera.

A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas.

FONTE: <<http://www.dw.com/pt-br/o-que-explica-o-aumento-da-pobreza-extrema-no-brasil/a-43383551>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FOME AUMENTA PELA PRIMEIRA VEZ EM QUASE 15 ANOS

Os conflitos e impactos climáticos revertem os tímidos recuos registrados desde 2003.

Na América do Sul, após anos de queda, os índices de subnutrição voltaram a crescer há dois anos



Mulher arrasta saco de comida jogado do alto pelo Programa Mundial de Alimentos no Sudão do Sul

Mais de 815 milhões de pessoas. Cerca de quatro vezes a população do Brasil. Quase tantos quanto os habitantes da União Europeia e Estados Unidos juntos. Toda essa gente vai dormir todo dia sem ter comido as calorias mínimas para suas atividades diárias. Mas o número alto, calculado pelas Nações Unidas e publicado nesta sexta-feira, dia 15 de setembro, não é novidade: o número de famintos *oficiais* oscila entre os *novecentos e tantos* e os *setecentos e muitos* desde o início do século. A notícia é que, pela primeira vez desde 2003, a fome volta a aumentar.

Esta alta em relação aos quase 777 milhões de subalimentados calculados em 2015 não foi uma surpresa absoluta: havia sinais de sobra para prevê-la. A fome reapareceu este ano no Sudão do Sul e há outros três países (Iêmen, Somália e Nigéria) perto de cair em suas garras. Nos últimos anos, estouraram guerras e enfrentamentos que se ampliam e se agravam (de fato, 6 em cada 10 pessoas com fome vivem em países em conflito). E também há regiões muito dependentes da agricultura que estão há três ou mais temporadas sofrendo secas, inundações e outros impactos climáticos. Esses são, exatamente, os fatores que explicam a alta, segundo o relatório apresentado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura) e outras quatro agências da ONU em Roma.

Se há um ano 10,6% da humanidade passava fome, hoje são 11%. “São muitas más notícias”, lamenta Kostas Stamulis, diretor geral adjunto da FAO, a agência que faz os cálculos anuais do número de pessoas “subalimentadas”, ou que não consomem o número de calorias mínimo para suas necessidades vitais. “Por isso esperamos que pelo menos sirvam para fazer disparar o alarme e que os países ouçam”, reflete Stamulis.

Na América Latina, os níveis permanecem baixos, mas há indícios de que a situação pode piorar, especialmente nos países da América do Sul, onde a prevalência da subnutrição aumentou de 5% em 2015 para 5,6% em 2016. No Brasil, apesar de o alerta de entidades nacionais de que o país está sob ameaça de retornar ao mapa da fome, o número registrado no biênio 2014-16 ficou abaixo de 2,5% (em 2004-06 ele era de 4,5%).

A agência insiste firmemente: acabar com a fome é uma questão de vontade política. Porque os alimentos produzidos mais do que sobram para que os quase 7,5 bilhões de habitantes do planeta comam o que necessitam para uma vida plena. O problema é quase sempre de distribuição: há regiões em que não chega comida suficiente, há pessoas (ou comunidades inteiras) sem dinheiro suficiente para comprá-la.

Quase seis em cada 10 pessoas com fome vivem em países em conflito

Por trás dessa complexa realidade chamada fome estão, obviamente, problemas de pobreza e vulnerabilidade. Porque uma seca pode provocar grandes perdas econômicas na Califórnia; mas se as chuvas faltam na Etiópia, centenas de milhares de pastores etíopes que sobrevivem graças a seus animais vão perdê-los. E com eles sua fonte de alimentação. A ofensiva militar contra o Boko Haram vivida no norte da Nigéria pode provocar refugiados (quase dois milhões) e destruição; mas se a maioria da população comia o que cultivava, quando se vê obrigada a abandonar seus campos e estes ficam arrasados, fica sem a única forma de conseguir alimento por conta própria. Uma alta ou queda dos preços globais do milho pode alterar o preço das espigas em um supermercado espanhol. Mas também arruinar ou expor à fome (ou ambos) milhares de pequenos produtores.

Por isso, a resposta que os autores do relatório oferecem passa, sim, por atender com rapidez as situações de emergência alimentar provocadas pela violência ou pelo clima (ou pela explosiva combinação dos dois). E por fomentar e proteger a paz. Mas também, e sobretudo — e aí é onde entra em jogo a vontade política — por investir e apoiar o desenvolvimento e a capacidade dos mais vulneráveis para resistir a esses contratemplos, como determinam os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável aprovados em 2015 pelos 193 países membros das Nações Unidas.

Por criar, além disso, oportunidades profissionais e sociais que façam desaparecer também os famintos urbanos, um grupo em perigo de expansão com o crescimento das cidades. E por estabelecer mecanismos comerciais que não deixem a alimentação de países inteiros exposta aos vaivéns do mercado.

Mais de dois anos de guerra expuseram à fome grande parte da população do Iêmen, especialmente mulheres e meninas, que costumam ser as últimas a comer.

Essa volta da fome é, sem dúvida, uma forte reprimenda aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o programa global concebido entre promessas de mudança e boas intenções. A segunda dessas metas que as Nações Unidas e seus países membros determinaram para o ano de 2030 é acabar com a fome e a subnutrição. Mas exatamente quando são colocadas para funcionar, não só não há progresso como se rompe a série de quase quinze anos de queda.

“Ainda é cedo para saber se se trata de uma nova tendência ou se é algo pontual devido a crises em andamento”, ressalva o diretor da FAO. Os autores do relatório, do qual também participam o Programa Mundial de Alimentos, o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola, o Unicef e a Organização Mundial de Saúde, advertem sobre a necessidade de continuar melhorando “a confiabilidade das estatísticas”, que estão sujeitas a contínuas atualizações. Várias vozes criticaram essas mudanças *a posteriori*, perguntando-se inclusive se os números não foram maquiados para parecer que os objetivos estão sendo cumpridos.

“Ainda é cedo para saber se se trata de uma nova tendência ou se é algo pontual devido a crises em andamento”

“Somos totalmente transparentes com os dados”, garante Stamulis. “São números oferecidos pelos países e que nós depois analisamos e verificamos.” Essa informação remetida pelos Estados inclui produção, fornecimento e comércio de alimentos e a demografia (idade, sexo, ocupações da população etc.) para calcular o consumo de calorias e relacioná-lo com a energia de que cada pessoa necessita. Mas há países que meses ou anos depois corrigem as estatísticas enviadas. Apesar de a metodologia não mudar, essas variações fazem com que as cifras de cada novo relatório invalidem as anteriores. “Neste momento são os melhores que podemos ter”, sustenta o grego.

Essa diversidade de fontes (este ano foram incluídos números estimados pelo Unicef e pela OMS), admite o diretor da FAO, pode estar por trás de uma das boas notícias que o texto apresenta: os atrasos no crescimento pela desnutrição em menores de cinco anos apontam uma tendência muito mais positiva: apesar de 155 milhões de crianças ainda sofrerem do problema, a redução desde 2005 foi de 6,6 pontos (de 29,5% para 22,9%).

Os diferentes tipos de desnutrição, sobrepeso infantil, anemia feminina e obesidade entre adultos foram incluídos pela primeira vez em um relatório que mudou de nome: já não fala do estado de insegurança alimentar, mas de segurança alimentar e *nutrição*. A ideia, aponta o documento, é entender melhor a relação entre segurança alimentar (a garantia de ingerir calorias suficientes) e uma boa nutrição (que estas provenham de alimentos saudáveis e com os nutrientes adequados).

Apesar de o informe deste ano ser negativo, a série histórica traz progressos. Em 2000, os obrigados a dedicar seu dia a dia a buscar algo para comer, condenados a não desenvolver todo seu potencial físico e humano, eram 14,7% da população mundial. Hoje são 11%. Mas, como se pergunta o escritor argentino Martín Caparrós em seu enciclopédico *A fome*: “E se em vez de centenas de milhões de famintos fossem 100? E se fossem 24? Então diríamos, ‘ah, bem, não é tão grave’? A partir de quantos começa a ser grave?”.

FONTE: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/internacional/1504624883_402058.html>. Acesso em: 16 jul. 2018.

‘PAGPAG’, A COMIDA ‘RECICLADA’ DO LIXO QUE É VENDIDA AOS POBRES NAS FILIPINAS

Todos os dias de madrugada, assim que centenas de sacos de lixo vindos de restaurantes fast-food são despejados em aterros sanitários em Manila, capital das Filipinas, dezenas de coletores se esforçam para buscar possíveis restos de alimentos. Essas sobras são, então, cozidas e vendidas em comunidades pobres da metrópole.

Assista ao vídeo abaixo clicando no link:

Clique no LINK abaixo para assistir o vídeo da reportagem:

<https://www.youtube.com/watch?v=kQ3CAQ6X-xM>. Acesso em: 22 maio 2018.



Na língua tagalo, também conhecido como filipino, “pagpag” - o nome que se dá a essas refeições - é a palavra usada para descrever o pó que se solta quando se sacodem roupas e tapetes. “Trabalho com isso há cinco meses. Meu chefe me paga cerca de US\$ 6 (R\$ 20) por semana depois de vender o ‘pagpag’”, diz Renato Navarro Conde, coletor de pagpag. Uma sacola cheia de restos de carne é vendida por cerca de US\$ 0,50 (R\$ 1,60).

Um dos compradores é Norbeto Lucion, dono de um restaurante. “Tenho que ir ao mercado para comprar ingredientes como alho, cebolas. Antes de cozinhar, retiro os ossos para garantir que o prato só terá carnes”, diz Lucion. “Depois que a carne é separada dos ossos, eu a lavo. Depois de lavá-la, eu cozinho tudo a fogo baixo. Uma tigela custa US\$ 0,20 (R\$ 0,65)”, acrescenta.

O entregador Nonoy Morillos é cliente assíduo do restaurante. “Como ‘pagpag’ porque é saboroso. É muito bom. Este restaurante, em particular, faz ‘pagpag’ limpo, por isso mais pessoas compram aqui. Mas é preciso ter estômago forte”, conta.

“Estamos acostumados com isso. É o que temos. É o que os pobres podem comprar. Enquanto estivermos por aqui, vamos continuar comendo ‘pagpag’”, completa.

Segundo o Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB, na sigla em inglês), as Filipinas são um dos poucos países da Ásia onde a desigualdade de renda vem aumentando nos últimos anos. Cerca de 20% dos filipinos vivem abaixo da linha da pobreza, diz a instituição.

Na última quinta-feira, o presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, gerou polêmica ao defender um aumento de salário para si mesmo porque tem “duas esposas”. Duterte ganha atualmente cerca de US\$ 5,8 mil (R\$ 18,8 mil). A menção às suas “duas mulheres” decorre do fato de que ele é divorciado. Seu primeiro casamento foi anulado em 2000. Ele se casou, então, novamente.

FONTE: <<https://www.bbc.com/portuguese/43205682>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

“SÃO DEMASIADO POBRES OS NOSSOS RICOS”

Por Mia Couto¹

A maior desgraça de uma nação pobre é que, em vez de produzir riqueza, produz ricos. Mas ricos sem riqueza. Na realidade, melhor seria chamá-los não de ricos mas de endinheirados. Rico é quem possui meios de produção. Rico é quem gera dinheiro e dá emprego. Endinheirado é quem simplesmente tem dinheiro. Ou que pensa que tem. Porque, na realidade, o dinheiro é que o tem a ele.

A verdade é esta: são demasiado pobres os nossos «ricos». Aquilo que têm, não detêm. Pior: aquilo que exibem como seu, é propriedade de outros. É produto de roubo e de negociatas. Não podem, porém, estes nossos endinheirados usufruir em tranquilidade de tudo quanto roubaram. Vivem na obsessão de poderem ser roubados. Necessitavam de forças policiais à altura. Mas forças policiais à altura acabariam por lançá-los a eles próprios na cadeia. Necessitavam de uma ordem social em que houvesse poucas razões para a criminalidade. Mas se eles enriqueceram foi graças a essa mesma desordem.

O maior sonho dos nossos novos-ricos é, afinal, muito pequenito: um carro de luxo, umas efémeras cintilâncias. Mas a luxuosa viatura não pode sonhar muito, sacudida pelos buracos das avenidas. O Mercedes e o BMW não podem fazer inteiro uso dos seus brilhos, ocupados que estão em se esquivar entre chapas, muito convexos e estradas muito côncavas. A existência de estradas boas dependeria de outro tipo de riqueza. Uma riqueza que servisse a cidade. E a riqueza dos nossos novos-ricos nasceu de um movimento contrário: do empobrecimento da cidade e da sociedade.

As casas de luxo dos nossos falsos ricos são menos para serem habitadas do que para serem vistas. Fizeram-se para os olhos de quem passa. Mas ao exibirem-se, assim, cheias de folhos e chibantices, acabam atraindo alheias cobiças. Por mais guardas que tenham à porta, os nossos pobres-ricos não afastam o receio das invejas e dos feitiços que essas invejas convocam. O fausto das residências não os torna imunes. Pobres dos nossos riquinhos!

São como a cerveja tirada à pressão. São feitos num instante, mas a maior parte é só espuma. O que resta de verdadeiro é mais o copo que o conteúdo. Podiam criar gado ou vegetais. Mas não. Em vez disso, os nossos endinheirados feitos sob pressão criam amantes. Mas as amantes (e/ou os amantes) têm um grave inconveniente: necessitam de ser sustentadas com dispendiosos mimos. O maior inconveniente é ainda a ausência de garantia do produto. A amante de um pode ser, amanhã, amante de outro. O coração do criador de amantes não tem sossego: quem traiu sabe que pode ser traído.

Mia Couto, in 'Pensatempos'.

FONTE: <<https://www.revistapazes.com/sao-demasiado-pobres-os-nossos-ricos-por-mia-couto/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

¹ António Emílio Leite Couto é escritor e biólogo moçambicano

O BICHO

(Manuel Bandeira)

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio,
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade
O bicho não era um cão.
Não era um gato.
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, Manuel. **Belo Belo, Rio de Janeiro**. 25-2-1947. Disponível em: <<https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1516>>. Acesso em: 22 maio 2018.



FONTE: <<http://crebis-ebis.blogspot.com.br/2010/10/comemoracao-do-dia-mundial-contra.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.



FONTE: <<http://www.apoioescolar24horas.com.br/portugues/interpretacao/interpretacao.cfm?idTexto=137&refaz=sim&cont=0&sNivelEduca=efai>>. Acesso em: 22 maio 2018.